

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de Linguística Geral e Românica



**Parâmetros de Qualidade no Discurso Público Argumentativo:
Paralelismo por Contraste e Carisma**

Aida dos Santos Cardoso

Mestrado em Linguística

2012

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de Linguística Geral e Românica



Parâmetros de Qualidade no Discurso Público Argumentativo:
Paralelismo por Contraste e Carisma

Aida dos Santos Cardoso

Mestrado em Linguística

Dissertação orientada por:
Prof.^a Doutora Ana Isabel Mata
Prof.^a Doutora Inês Duarte

2012

*To do the useful thing, to say the courageous thing, to contemplate the beautiful thing:
that is enough for one man's life.*

T. S. Eliot

Para os meus pais.

Agradecimentos

A realização da dissertação que agora se apresenta não teria sido possível sem o apoio de várias pessoas que acompanharam o meu percurso e o desenvolvimento deste trabalho. O contributo de cada uma foi fundamental para tornar esta caminhada menos solitária. A todas elas dirijo agora as mais sinceras e merecidas palavras de agradecimento.

À Professora Ana Isabel Mata, minha orientadora, agradeço pela exigente e rigorosa orientação. Os seus comentários, sugestões e críticas foram fundamentais no desenvolvimento deste trabalho e os ensinamentos que partilhou comigo foram importantes para a concretização do mesmo.

À Professora Inês Duarte, minha orientadora, pelo rigor científico e generosidade com que acompanhou este trabalho. A confiança que sempre depositou em mim e neste trabalho foi motivadora e a bondade e saber que sempre partilhou foram inspiradores.

À D. Luísa Conceição, por me receber no Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra e por tão prontamente me disponibilizar o debate que viria a ser o *corpus* deste estudo, bem como a edição do *Diário de Lisboa* que serviu de base à transcrição.

À Amelie Dorn, pela enorme generosidade e simpatia com que se disponibilizou a adaptar os *scripts* de Pauline Welby para que pudessem ser aplicados aos dados desta dissertação. A sua ajuda e preciosos ensinamentos sobre o funcionamento dos *scripts* foram fundamentais.

À Amália Mendes, por ter acompanhado de perto a parte final deste meu percurso, por acreditar em mim e por todo o apoio. As conversas sempre estimulantes sobre coesão e coerência textuais foram motivadoras na escrita desta dissertação.

À Professora Ana Lúcia Santos, pelo voto de confiança em mim e no meu trabalho, pela generosidade, tanto científica como humana, que sempre me transmitiu e por toda a ajuda nas pequenas e grandes coisas.

À Professora Nélia Alexandre, pelo seu optimismo inabalável e por ter sempre uma palavra de incentivo para mim.

À Helena Moniz, por acompanhar os meus primeiros e tímidos passos na Linguística, pela preocupação e por todos os ensinamentos que não hesitou em partilhar comigo. Obrigada por todas as conversas linguísticas e não só.

À Vera, por todos os anos de convívio e, em particular, pela partilha durante o tempo em que fomos colegas de orientação. A sua descontração, tranquilidade e boa disposição foram uma ajuda nos momentos mais complicados.

Às minhas colegas Sandra Antunes e Sandra Pereira por, desde o primeiro dia, me fazerem sentir bem-vinda, por me fazerem rir todos os dias e por partilharem as minhas pequenas vitórias.

À Silvana, pela amizade, pela integridade, por me obrigar a acreditar em mim mesma, pela infundável paciência e por acompanhar, desde o primeiro dia, este longo caminho. O seu empenho e ajuda, desde a busca pelo *corpus* até à leitura de todas as versões da tese, tornaram possível a concretização deste trabalho. Ainda que um “obrigada” não seja suficiente, muito obrigada por tudo.

À minha família e aos meus amigos que, longe ou perto, se preocupam comigo, torcem sempre por mim e compreendem as minhas ausências (ainda que eu própria tenha por vezes dificuldade em entendê-las).

Aos meus pais, pelo apoio e amor incondicionais, pela fé inabalável nas minhas capacidades e por me ensinarem a ser quem sou. À minha mãe por me transmitir a sua determinação e coragem. Ao meu pai por me ensinar que a honestidade e o trabalho acabam sempre por dar frutos.

Índice

Lista de Figuras.....	3
Lista de Tabelas.....	4
Lista de Gráficos.....	6
Resumo da Dissertação.....	7
Dissertation Abstract.....	9
Capítulo 1 — Introdução.....	11
Capítulo 2 — Enquadramento Teórico.....	14
2.1. Organização Textual.....	14
2.1.1. O Paralelismo como Mecanismo de Coesão.....	14
2.1.2. Estratégias de Contraste.....	21
2.2. Fluência.....	38
2.2.1. Indicadores de Fluência.....	38
2.2.2. O Carisma como Nível Máximo de Fluência.....	45
Capítulo 3 — Metodologia.....	52
3.1. O <i>Corpus</i>	52
3.1.1. Apresentação do <i>Corpus</i>	52
3.1.2. Transcrição e Alinhamento do <i>Corpus</i>	54
3.2. O <i>Subcorpus</i>	57
3.2.1. Identificação e Classificação de Estruturas de Paralelismo.....	57
3.2.2. Seleção dos Dados.....	63
3.2.3. Anotação dos Dados.....	66
3.2.4. Tratamento dos Dados.....	69

Capítulo 4 — Descrição dos Dados	73
4.1. Medidas Globais	73
4.1.1. Duração	73
4.1.2. Número de Sílabas.....	74
4.1.3. Energia.....	75
4.1.4. f_0	77
4.2. Medidas Locais	80
4.2.1. Valores de f_0 dos Acentos Pré-nucleares.....	80
4.2.2. Valores de f_0 dos Acentos Nucleares.....	82
4.2.3. Valores de f_0 dos Tons-fronteira	84
4.3. Acentos Tonais	86
4.3.1. Acento Pré-nuclear	86
4.3.2. Acento Nuclear	87
4.4. Tons-fronteira.....	88
Capítulo 5 — Discussão dos Dados e Conclusões.....	90
Referências Bibliográficas	110
ANEXOS.....	116
Anexo 1: Estruturas de Paralelismo por Contraste Seleccionadas para Análise.....	117
Anexo 2: Itens de Controlo Seleccionados para Análise	120
Anexo 3: Distribuição de Acentos Pré-nucleares por Interveniente e Tipo de Constituinte.....	121
Anexo 4: Distribuição de Acentos Nucleares por Interveniente e Tipo de Constituinte...	122
Anexo 5: Distribuição de Tons-fronteira por Interveniente e Tipo de Constituinte	123

Lista de Figuras

- Figura 1:** Transcrição do debate e alinhamento da mesma com o sinal acústico no programa *Transcriber*.....**55**
- Figura 2:** Exemplo da anotação de índices de ruptura no *Praat***66**
- Figura 3:** Exemplos da anotação da fiada tonal no *Praat***67-68**
- Figura 4:** Sintagmas entoacionais do exemplo (16) que apresentam paralelismo entoacional, apesar de se verificarem alterações ao nível do fraseamento prosódico **101**
- Figura 5:** Sintagmas entoacionais do exemplo (17) que apresentam paralelismo entoacional entre constituintes prosódicos contíguos **102**
- Figura 6:** Exemplo (18), ilustrativo de paralelismo entoacional entre contornos entoacionais associados a constituintes com a mesma função sintáctica **103-104**
- Figura 7:** Sintagmas entoacionais do exemplo (19) que mostram o uso de estratégias de contraste entoacional associado a estruturas de paralelismo por contraste **107**

Lista de Tabelas

Tabela 1: Convenções usadas na transcrição ortográfica do <i>corpus</i>	55-56
Tabela 2: Convenções adicionais usadas na citação de exemplos do <i>corpus</i>	56
Tabela 3: Tipologia de estruturas de paralelismo	59
Tabela 4: Estruturas de paralelismo na totalidade do <i>corpus</i>	60
Tabela 5: Distribuição das estruturas de paralelismo do <i>corpus</i> por tipo de paralelismo e por interveniente	60
Tabela 6: Estruturas de paralelismo por contraste do <i>corpus</i>	62
Tabela 7: Constituintes prosódicos das estruturas de paralelismo por contraste	63
Tabela 8: Constituintes prosódicos seleccionados para análise	64
Tabela 9: Campos da base de dados atribuídos ao registo de medidas locais de f_0	70-71
Tabela 10: Distribuição de acentos pré-nucleares por tipo de constituinte	86
Tabela 11: Distribuição de acentos nucleares por tipo de constituinte	87
Tabela 12: Distribuição de tons-fronteira por tipo de constituinte	89
Tabela 13: Estruturas de paralelismo por contraste seleccionadas para análise	117-119
Tabela 14: Itens de controlo seleccionados para análise	120
Tabela 15: Distribuição de acentos pré-nucleares por tipo de constituinte – dados de Álvaro Cunhal	121

Tabela 16: Distribuição de acentos pré-nucleares por tipo de constituinte – dados de Mário Soares..... **121**

Tabela 17: Distribuição de acentos nucleares por tipo de constituinte – dados de Álvaro Cunhal **122**

Tabela 18: Distribuição de acentos nucleares em posição nuclear por tipo de constituinte – dados de Mário Soares..... **122**

Tabela 19: Distribuição de tons-fronteira por tipo de constituinte – dados de Álvaro Cunhal **123**

Tabela 20: Distribuição de tons-fronteira por tipo de constituinte – dados de Mário Soares..... **123**

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Duração – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.....	74
Gráfico 2: Número de sílabas – valores médios por interveniente e tipo de constituinte	75
Gráfico 3: Máximo de energia – valores médios por interveniente e tipo de constituinte	76
Gráfico 4: Mínimo de energia – valores médios por interveniente e tipo de constituinte	77
Gráfico 5: Máximo de f_0 – valores médios por interveniente e tipo de constituinte	78
Gráfico 6: Mínimo de f_0 – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.....	79
Gráfico 7: Amplitude de f_0 – valores médios por interveniente e tipo de constituinte	80
Gráfico 8: Máximo de f_0 do acento pré-nuclear – valores médios por interveniente e tipo de constituinte	81
Gráfico 9: Mínimo de f_0 do acento pré-nuclear – valores médios por interveniente e tipo de constituinte	82
Gráfico 10: Máximo de f_0 do acento nuclear – valores médios por interveniente e tipo de constituinte	83
Gráfico 11: Mínimo de f_0 do acento nuclear – valores médios por interveniente e tipo de constituinte	84
Gráfico 12: Máximo de f_0 do tom-fronteira – valores médios por interveniente e tipo de constituinte	85
Gráfico 13: Mínimo de f_0 do tom-fronteira – valores médios por interveniente e tipo de constituinte	86

Resumo da Dissertação

A presente dissertação centra-se na análise de estruturas de paralelismo por contraste em Português Europeu. Partindo da ideia de que estruturas de paralelismo e de contraste desempenham um papel relevante na coesão e na estrutura temática e informacional de um texto, este estudo tem como objectivo analisar estruturas de paralelismo por contraste em discurso argumentativo no contexto da interface sintaxe-prosódica.

Com este objectivo, foi construído um *corpus* com base no debate político que colocou frente a frente Álvaro Cunhal e Mário Soares enquanto candidatos ao cargo de primeiro-ministro de Portugal. Este debate foi transmitido em Novembro de 1975, numa edição especial do programa *Responder ao País*, e é ainda hoje lembrado como um debate marcante que teve lugar num momento histórico da Democracia portuguesa.

Através da análise aprofundada das estruturas de paralelismo presentes no debate, foi identificado um subtipo específico destas estruturas – o paralelismo por contraste – caracterizado por estruturas gramaticais paralelas que veiculam um valor semântico-discursivo de contraste. Observou-se, ainda, que estas estruturas se encontram associadas a momentos-chave da argumentação dos dois intervenientes no debate.

O principal objectivo da análise sobre o paralelismo por contraste é o de determinar se estas estruturas gramaticais apresentam propriedades prosódicas específicas. Além disso, o presente estudo tem em conta o recente debate centrado na questão da natureza gradiente ou categórica da realização prosódica de estruturas com valor contrastivo (*e.g.*, Braun & Ladd, 2003; Braun, 2004, 2006; Baumann, Grice & Steindamm, 2006; Torregrossa, 2012). Neste sentido, a análise baseia-se em dados relativos a correlatos fonéticos (duração, número de sílabas, energia e f_0) e fonológicos (acentos tonais e tons-fronteira) de estruturas de paralelismo por contraste.

Paralelamente, foi ainda considerada uma outra linha de investigação centrada na figura do orador. Com efeito, nos últimos anos, têm surgido vários estudos cujo objectivo é identificar as características de um orador carismático (*e.g.*, Rosenberg & Hirschberg, 2005, 2009; Biadys *et al.*, 2008), principalmente em contexto político. Os resultados avançados até à data para outras línguas apontam no sentido de haver características prosódicas que se correlacionam positivamente com carisma, tornando-se, então, pertinente questionar se é possível identificar o discurso de Álvaro Cunhal e de Mário Soares como carismático.

Finalmente, procurou-se determinar se o paralelismo por contraste, enquanto mecanismo de coesão, afecta o fraseamento prosódico e a melodia dos enunciados. Por outras palavras, procurou-se descobrir se o mapeamento sintaxe-prosódia tem um papel relevante na construção do paralelismo por contraste.

Os resultados obtidos permitem provar que (i) o paralelismo por contraste se encontra associado a propriedades prosódicas específicas; (ii) os correlatos fonéticos, especialmente as medidas de f_0 , são determinantes na realização destas estruturas, o que sugere que a sua marcação prosódica é gradiente; (iii) o discurso de ambos os oradores (Álvaro Cunhal e Mário Soares) evidencia propriedades prosódicas que vão ao encontro do que é definido para outras línguas como discurso carismático e (iv) as estruturas de paralelismo por contraste apresentam características especiais de fraseamento, bem como estratégias de paralelismo e contraste entoacionais que destacam o papel do mapeamento sintaxe-prosódia na sua realização.

Em suma, o paralelismo por contraste tem um papel relevante na produção de um discurso argumentativo fluente e até carismático. Dados do Português Europeu mostram a relevância dos correlatos fonéticos na realização destas estruturas, na medida em que contribuem para uma percepção gradiente do contraste. Além disso, existem características particulares de fraseamento e de estrutura melódica associadas a estruturas de paralelismo por contraste. Assim, a interface sintaxe-prosódia afigura-se crucial na realização do paralelismo, e especificamente do paralelismo por contraste, enquanto mecanismo de coesão.

Palavras-chave: paralelismo, contraste, carisma, discurso argumentativo, debate político.

Dissertation Abstract

This dissertation focuses on the analysis of contrast parallelism structures in European Portuguese. Based on the idea that structures of parallelism and contrast play an important role in terms of cohesion and of information and thematic structure of a text, this study aims at analyzing contrast parallelism structures in argumentative discourse considering the syntax-prosody interface.

In order to conduct our analysis, we built a corpus from the political debate opposing Álvaro Cunhal and Mário Soares as candidates to Prime Minister of Portugal. This debate aired in November of 1975 in a special edition of the television program *Responder ao País* and is still remembered as a remarkable debate that took place on an historical moment of the Portuguese Democracy.

By examining this debate, we found a specific subtype of parallelism structures – contrast parallelism – which can be defined as parallel grammatical structures that convey a semantic-discursive value of contrast. Moreover, we observed that, throughout the debate, these specific structures are associated with key-moments of the argumentation flow constructed by each of the political adversaries.

Hence, regarding contrast parallelism structures, our main goal is to determine whether these grammatical structures present specific prosodic properties. Furthermore, we develop our analysis in the context of a recent debate centered on the gradient or categorical nature of contrast (*e.g.*, Braun & Ladd, 2003; Braun, 2004, 2006; Baumann, Grice & Steindamm, 2006; Torregrossa, 2012) and, therefore, support our analysis on data concerning phonetic (duration, number of syllables, intensity, and f_0) and phonological (pitch accents and boundary tones) correlates of contrast parallelism structures.

On a par with the analysis of these structures, we also considered another line of investigation centered on the orator. In fact, over the last past years, several studies emerged concerning the identification of charismatic orators (*e.g.*, Rosenberg & Hirschberg, 2005, 2009; Biadsy *et al.*, 2008), especially in the political context. The results shown so far for other languages point to the existence of prosodic features positively correlating to charisma, leading us to question whether our data would allow us to identify the discourse of Álvaro Cunhal and Mário Soares as charismatic.

Finally, we examined each of the structures included in this study in order to determine whether contrast parallelism, being a cohesion mechanism, influences the prosodic

phrasing and melodic structure of utterances. In other words, we aimed at finding whether the syntax-prosodic mapping plays a relevant role in what concerns the cohesion mechanism of contrast parallelism.

The results allow us to prove that (i) contrast parallelism structures can be related to specific prosodic properties; (ii) phonetic correlates, especially f_0 measures, are determining in marking these structures, which suggests that their prosodic realization has a gradient nature; (iii) the discourse of both orators (Álvaro Cunhal and Mário Soares) evidences prosodic features that converge with what has been stated as charismatic discourse for other languages and (iv) contrast parallelism structures present specific phrasing characteristics, as well as intonational parallelism and contrast strategies that stress the crucial role played by the syntax-prosody mapping.

In conclusion, parallelism and contrast play key-roles in the production of a fluent, or even a charismatic, argumentative discourse. Data from European Portuguese show that acoustic correlates contribute to a gradient perception of contrast and, additionally, that there are particular characteristics of prosodic phrasing and intonation associated with contrast parallelism structures. Hence, the syntax-prosody interface is crucial in what concerns the cohesion mechanism of parallelism, specifically contrast parallelism.

Keywords: parallelism, contrast, charisma, argumentative discourse, political debate.

1. Introdução

No presente capítulo, serão descritos o tema e o objectivo deste trabalho. Além disso, serão formuladas as questões centrais que nortearam este estudo e que serviram de fio condutor à análise aqui proposta. Finalmente, será apresentada a estrutura da dissertação.

O presente trabalho estuda estruturas de paralelismo por contraste em Português Europeu (PE)¹, de que é exemplo a frase abaixo apresentada.

(1) É evidente que nós queremos eleições, mas não queremos essas eleições. (f1_AC_51).

Como indica o exemplo, o paralelismo por contraste diz respeito, *grosso modo*, a estruturas gramaticais paralelas que estão associadas a um valor semântico-discursivo de contraste. A análise que aqui se propõe centra-se, portanto, em estruturas relevantes ao nível da organização textual, tomando como objecto de análise o discurso argumentativo e, mais especificamente, o debate político. Neste sentido, pretende-se aferir que peso estas estruturas têm no debate político, bem como se a sua realização se encontra associada a momentos-chave de (contra-)argumentação. Assim, foi alvo de análise o debate que opôs, em 1975, Álvaro Cunhal e Mário Soares, enquanto líderes do Partido Comunista Português e do Partido Socialista, respectivamente. O debate em questão foi transmitido pela Rádio e Televisão de Portugal a 6 de Novembro de 1975, numa edição especial do programa *Responder ao País*. A escolha deste debate justifica-se por se tratar de um debate de referência no contexto político português, não só pela sua importância histórica, como também pelas suas características únicas que, em grande parte, se devem às intervenções dos dois adversários políticos.

A ideia de que o paralelismo e, em particular, o paralelismo por contraste têm um papel estrutural no discurso argumentativo é fundamental como ponto de partida para o presente estudo. A este propósito, exemplos de discursos políticos históricos podem ser aqui lembrados, como é o caso do discurso inaugural do ex-Presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, em 1961, e do discurso proferido por Martin Luther King em Washington D.C., no ano de 1963. Não será despidiendo notar que ambos os discursos ficaram marcados (e são

¹ O tema da presente dissertação enquadra-se na temática do projecto COPAS – *Contraste e Paralelismo na Fala*, financiado pela FCT (PTDC/CLE-LIN/120017/2010).

ainda hoje reconhecidos) por duas afirmações que, justamente, foram produzidas em contextos de paralelismo e que constituem pontos-chave na estrutura argumentativa desses discursos: “ask not what your country can do for you; ask what you can do for your country” e “I have a dream that one day this nation will rise up (...). I have a dream that one day on the red hills of Georgia (...).”.

Sendo o paralelismo comumente considerado um fenómeno estilístico, a perspectiva aqui adoptada, pelo contrário, enquadra o paralelismo no conjunto de mecanismos descritos no estudo da coesão textual (Duarte, 2003). Do mesmo modo, de entre os autores que descrevem paralelismo entoacional, são de salientar aqueles que destacam a função coesiva deste fenómeno, como Bolinger (1989) e Wichmann (2000). Ainda neste ponto, note-se que o estudo do paralelismo entoacional dá especial importância à descrição de contornos entoacionais associados a cópia tonal, bem como às relações estabelecidas entre os diferentes constituintes prosódicos envolvidos no paralelismo.

Por outro lado, em relação a estruturas que veiculam um valor semântico-discursivo de contraste, parte-se da assumpção de que estas têm um papel relevante no contexto da argumentação e contra-argumentação, estando relacionadas com a necessidade de refutar as ideias e argumentos do(s) adversário(s) político(s). Desta forma, conceitos fundamentais no contexto da estrutura temática e informacional de um texto, como tópico e foco, surgem também frequentemente associados a valores contrastivos na literatura. A descrição das propriedades sintácticas, semânticas e prosódicas de contraste é, portanto, muitas vezes realizada no âmbito de estudos sobre tópico contrastivo e foco contrastivo. Quanto às propriedades prosódicas de contraste, note-se que muita da literatura dedicada a este tema (*e.g.*, Braun & Ladd, 2003; Braun, 2004, 2006; Baumann, Grice & Steindamm, 2006; Torregrossa, 2012) tem como principal objectivo aferir se a marcação prosódica de contraste é categórica ou gradiente. Por outras palavras, estes estudos procuram determinar se a interpretação de contraste é determinada por correlatos fonológicos ou fonéticos.

Paralelamente, considera-se relevante explorar uma outra linha de análise mais voltada para a figura do orador. Na base desta ideia está o facto de o debate aqui estudado ter características especiais, indelévelmente ligadas aos dois líderes políticos que nele participaram. Assim, e a par do domínio de determinados mecanismos de coesão textual, como é o caso do paralelismo por contraste, foi também tida em conta a presença de correlatos prosódicos que, na literatura, têm vindo a ser identificados como indicadores de um orador carismático (*e.g.*, Rosenberg & Hirschberg, 2005, 2009; Biadsy *et al.*, 2008).

Atendendo aos trabalhos anteriores e aos aspectos teóricos acima apresentados, importa agora enunciar as quatro questões de investigação a que este estudo procura responder.

Questão 1: As estruturas de paralelismo por contraste encontram-se associadas a propriedades prosódicas específicas?

Questão 2: Caso a resposta anterior seja positiva, será a marcação do paralelismo por contraste categórica ou gradiente?

Questão 3: As estratégias usadas por Álvaro Cunhal e Mário Soares no debate permitem uma aproximação ao que é descrito na literatura como discurso carismático?

Questão 4: O paralelismo por contraste, enquanto mecanismo de coesão, reflecte-se ao nível do mapeamento sintaxe-prosódia, afectando o fraseamento e a melodia dos enunciados?

O presente trabalho encontra-se organizado em cinco partes. Concluído este capítulo introdutório, será discutida, no segundo capítulo, a literatura relevante para o estudo da organização textual e da fluência em que este trabalho se enquadra. Designadamente, serão referidos neste ponto trabalhos centrados no estudo do paralelismo e do contraste, por um lado, e na questão da fluência e do carisma, por outro. O terceiro capítulo, por sua vez, será dedicado à explicação das opções metodológicas adoptadas na transcrição e anotação do *corpus*, bem como na construção de uma tipologia de estruturas de paralelismo e na subsequente constituição do *subcorpus* analisado. No quarto capítulo, serão descritos os resultados obtidos através da anotação prosódica e do posterior tratamento estatísticos dos dados. Por último, o quinto capítulo será dedicado à interpretação e discussão dos dados e à formulação de alguns comentários finais em jeito de conclusão.

2. Enquadramento Teórico

O presente capítulo contextualiza este estudo na temática da organização textual e da fluência. Assim, na secção 2.1., dedicada à questão da organização textual, apresentar-se-ão, em primeiro lugar, alguns estudos que importa considerar para uma análise de paralelismo como mecanismo de coesão (ponto 2.1.1.). Posto isto, o ponto 2.1.2. centrar-se-á em estratégias de contraste e na sua relação com o discurso argumentativo. Já a secção 2.2. tem como principal objectivo traçar uma linha de continuidade entre estudos sobre fluência e os seus correlatos acústicos e prosódicos (ponto 2.2.1.) e uma linha recente de análise, centrada na figura do orador carismático (ponto 2.2.2.).

2.1. Organização Textual

2.1.1. O Paralelismo como Mecanismo de Coesão

O estudo da coesão e da coerência textuais adquiriu especial relevância em trabalhos surgidos a partir principalmente da década de sessenta do século passado, no quadro do Funcionalismo. Trabalhos como Halliday & Hasan (1976), van Dijk (1977) e Beaugrande (1980) lançaram as bases para esse estudo.

Nos autores acima mencionados, é notória a importância atribuída a uma definição de “texto” como unidade distinta de “frase”. De facto, as principais características atribuídas ao texto definem-no como uma unidade que difere da frase não por uma simples questão de extensão, mas antes pela sua natureza. Deste modo, o texto é entendido como uma unidade que funciona como um todo (e não como uma súmula de frases), fortemente ligado a uma intenção comunicativa, em que se estabelecem relações entre diferentes módulos da gramática: sintaxe, semântica, fonologia, léxico e pragmática².

Neste contexto, é explorado o conceito de coesão textual, que, embora assumindo diferentes designações nos vários autores³, apresenta características comuns em todos eles. Assim, a coesão é definida como um conceito semântico que envolve relações de dependência

² Note-se ainda que, no contexto do presente trabalho, e na esteira de Duarte (2003), entende-se por “texto” um produto do uso primário da língua. Assim, o termo “texto” refere-se a produções orais ou escritas, de um ou mais falantes, em diferentes registos, contanto que constituam uma unidade coesa e coerente.

³ Em Halliday & Hasan (1976) a designação usada é “coesão”, em van Dijk (1977) é “conexão” e em Beaugrande (1980) é “conectividade sequencial”.

entre diferentes elementos do texto, relações essas que são expressas através de mecanismos gramaticais e lexicais.

Recuperando os trabalhos já referidos, Duarte (2003) define coesão textual do seguinte modo:

Todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual podem ser encarados como instrumentos de coesão. (Duarte, 2003: 89).

Como a própria definição indica, são vários os mecanismos que asseguram a coesão textual. Neste sentido, a autora postula a existência de mecanismos de coesão gramatical e de coesão lexical, sendo que entre os primeiros se contam a coesão frásica, interfrásica, temporal, referencial e o paralelismo estrutural.

A produção de um texto coeso depende, portanto, da capacidade dos falantes de uma língua de assegurarem que cada um dos mecanismos de coesão é usado correctamente nas suas produções escritas e orais, mas também da sua capacidade de garantir uma interacção harmoniosa entre estes diferentes mecanismos. Por outras palavras, estabelecer interfaces entre os diferentes módulos da gramática é crucial para a coesão de um texto, ou seja, para garantir uma linha de continuidade e de sentido entre os “elementos que ocorrem na superfície textual” (Duarte, 2003: 89).

Tal como se pode verificar, o paralelismo estrutural, aspecto em que o presente estudo se centrará, inclui-se entre o conjunto de mecanismos de coesão. Além disso, e como se poderá ver posteriormente, o paralelismo estrutural conta-se entre as estratégias discursivas usadas no contexto do discurso argumentativo.

A literatura sobre paralelismo pertence sobretudo à área da Retórica (Ferreira, 1995; Lausberg, 2004), sendo o paralelismo tipicamente tratado como uma figura de estilo ou um fenómeno literário. Presente em tratados de retórica e de oratória desde a Antiguidade Clássica, na qualidade, justamente, de figura de estilo, o paralelismo parece ser encarado como uma das estratégias que permite ao orador adicionar valor e poder persuasivo aos seus discursos.

Apesar de não se poder encontrar uma descrição das características do paralelismo numa perspectiva linguística nos trabalhos na área da Retórica, é de notar que a classificação

das construções de paralelismo em diferentes tipos parece remeter para critérios linguísticos. Neste sentido, Lausberg (2004), por exemplo, refere-se ao paralelismo sintáctico – em relação ao qual outros tipos de paralelismo estariam subordinados – ao paralelismo semântico ou ao “sónico”. Porém, os critérios linguísticos que possam estar subjacentes a classificações deste tipo transparecem apenas nas designações usadas, não sendo desenvolvida uma descrição das propriedades linguísticas das estruturas paralelas.

Situação semelhante pode verificar-se na definição de paralelismo presente na enciclopédia *Biblos*. Aqui, Ferreira (1995) define paralelismo como uma figura marcada essencialmente por “iteração frásica com variações” (Ferreira, 1995: 1398). As variações a que autora alude poderão estar “situadas no nível vocabular, sintáctico, semântico, rítmico, fónico, ou resultando da combinação de variações em diversos níveis, podem ser mínimas ou, pelo contrário, de amplitude muito razoável” (Ferreira, 1995: 1398).

Relevante na definição da autora é também a caracterização do paralelismo como um “fenómeno literário de âmbito lato e de definição imprecisa” (Ferreira, 1995: 1398). Na verdade, não existe uma única definição de paralelismo, na medida em que diferentes abordagens podem ser mais ou menos inclusivas no que toca aos tipos possíveis de paralelismo, bem como às suas características. Além disso, parece ser atribuído um certo nível de subjectividade à percepção deste tipo de estruturas, seja pelo papel que desempenham num texto⁴, seja por a sua compreensão depender, numa situação comunicativa, do receptor.

Numa perspectiva linguística, porém, nem sempre o paralelismo tem o mesmo estatuto dos restantes mecanismos de coesão. A título de exemplo, recupere-se a referência de Halliday & Hasan (1976), segundo a qual o paralelismo (sintáctico) é reconhecido como mecanismo de coesão, mas, simultaneamente, caracterizado como um mecanismo formal. Desta aparente duplicidade no tratamento de estruturas de paralelismo, resultam dois aspectos. Por um lado, o argumento de se tratar de um mecanismo formal tem como consequência a exclusão do paralelismo de uma análise gramatical mais aprofundada e, por outro, o facto de se reconhecer o seu papel na construção de uma unidade coesa (principalmente em determinados tipos de texto, como apontam Halliday & Hasan (1976)) confirma a sua interacção com outros mecanismos de coesão na construção de um texto.

⁴ A este respeito, atente-se na seguinte afirmação de Lausberg (2004):

As figuras de repetição detêm o fluir da informação e dão tempo para que se «saboreie» afectivamente a informação apresentada como importante. (Lausberg, 2004: §241).

Já em Duarte (2003), o paralelismo é tratado como um mecanismo de coesão textual, sendo apresentada a definição seguinte.

Um dos processos de assegurar a coesão textual é a presença de traços gramaticais comuns (e.g., tempo, aspecto, diátese), da mesma ordem de palavras ou da mesma estrutura frásica em fragmentos textuais contíguos. Tais fragmentos são, portanto, paralelos estruturalmente. (Duarte, 2003: 110).

A autora prossegue chamando a atenção, precisamente, para algumas das relações que se estabelecem entre o paralelismo estrutural e outros mecanismos de coesão. Saliente-se, aqui, que a coesão lexical desempenha um papel relevante nas estruturas de paralelismo, na medida em que estratégias como a repetição de palavras ou o estabelecimento de relações semânticas entre expressões linguísticas são frequentemente usadas pelos falantes.

A par das referências a paralelismo no âmbito do estudo da coesão textual, outros autores descrevem paralelismo a nível prosódico. Comum a estas duas perspectivas é o reconhecimento da necessidade de tomar como objecto de estudo unidades discursivas maiores: o texto, no caso dos estudos sobre coesão textual, e unidades superiores ao sintagma entoacional, nos estudos da área da Prosódia. Note-se, porém, que a noção de paralelismo a que se reportam os trabalhos na área da Prosódia não é a mesma que a apresentada nos estudos previamente discutidos. Enquanto no âmbito da coesão textual as referências a paralelismo se centram sobretudo em aspectos sintácticos, do ponto de vista prosódico, o paralelismo tem sido descrito essencialmente como mecanismo de cópia tonal, ou seja, como paralelismo entoacional. Na verdade, se é certo que alguns autores procuram associar determinados contextos (sintácticos ou discursivos) à realização de paralelismo prosódico, é também uma realidade que esses mesmos contextos nem sempre correspondem a estruturas de paralelismo sintáctico. Além disso, e como se verá mais adiante, em muitos trabalhos o paralelismo prosódico é definido como cópia tonal entre sintagmas entoacionais sucessivos (especialmente entre acentos nucleares), não atendendo à estrutura sintáctica.

Assim, numa das primeiras descrições de paralelismo entoacional, Palmer (1922), tomando a frase como unidade principal para o seu estudo, delineia uma distinção entre dois tipos de sequências tonais: as sequências coordenadas e as sequências subordinadas. Justamente as primeiras são definidas como sequências que têm grupos tonais sucessivos idênticos, isto é, que apresentam cópia tonal. Quanto aos grupos tonais, refira-se apenas que

estes podem ser de três tipos: descendentes, ascendentes ou ascendentes-descendentes. No que diz respeito aos contextos a que as sequências coordenadas estão associadas, são de destacar: (i) orações coordenadas copulativas, disjuntivas e adversativas; (ii) constituintes com a função de aposto e (iii) constituintes parentéticos, adjuntos ou tópicos tardios.

Já Crystal (1969) propõe-se conduzir uma análise puramente fonológica, defendendo que a melhor metodologia a adoptar será analisar pares de sequências tonais sucessivas, de forma a cumprir o objectivo de averiguar a influência do tom nuclear de uma unidade prosódica no tom nuclear da unidade seguinte. Crucialmente, uma das conclusões de Crystal (1969) é que a reduplicação tonal tem um papel relevante na coesão⁵ entre unidades tonais. De facto, os dados analisados pelo autor revelam que esta é a estratégia mais usada pelos falantes para estabelecer relações entre sequências tonais contíguas. Importa aqui também salientar que são os tons ascendentes aqueles que ocorrem em maior número em situações de reduplicação tonal, seguidos pelos tons descendentes-ascendentes. Por último, encontram-se ainda os tons ascendentes-descendentes e estacionários, que também influenciam, embora em menor grau, os tons da unidade subsequente. Note-se que, face ao postulado por Palmer (1922), são colocados em evidência por Crystal (1969) dois novos tons associados a cópia tonal: os tons descendentes-ascendentes e os estacionários.

No seguimento da discussão da importância da reduplicação tonal na coesão entre unidades prosódicas, Crystal (1969) expõe a sua teoria da subordinação. De facto, o autor, à semelhança do que se verifica em Palmer (1922), propõe a existência de sequências subordinadas com base em critérios prosódicos. Todavia, enquanto em Palmer (1922) as sequências associadas a cópia tonal eram as coordenadas, em Crystal (1969) são as sequências subordinadas que se caracterizam por apresentar tons idênticos. Assinale-se, ainda a este respeito, que, apesar de as sequências subordinadas apresentarem tons idênticos, a unidade tonal subordinante é percebida como mais proeminente do que a unidade tonal subordinada, apresentando as duas unidades tonais diferenças na amplitude de f_0 .

Em relação ao tipo de dados analisados por Crystal (1969), ressalve-se que, embora considere que os falantes operam com pares de sequências, o próprio autor admite ser válido alargar o número de sequências a analisar. Todavia, segundo o autor, quanto maior for o número de sequências analisadas em simultâneo, mais artificial se torna uma análise apenas

⁵ Ressalve-se que Crystal (1969) equaciona os seus dados face a um conceito de coesão diferente e mais estrito do que o discutido no início da presente secção. Efectivamente, a coesão resulta aqui das relações que se estabelecem entre determinados parâmetros associados a realizações prosódicas contíguas, afastando-se o autor de qualquer análise de interacção entre diferentes módulos da gramática.

da estrutura fonológica de superfície, tornando-se, pois, necessário relacionar as estruturas sintáctica e prosódica.

Também Fox (1984) estuda as relações de dependência entre grupos tonais mediante uma divisão entre sequências subordinadas e sequências coordenadas. Chamando a atenção para o facto de se centrar essencialmente nas relações estruturais entre grupos tonais, Fox (1984) faz corresponder a subordinação a casos em que existe um grupo tonal independente e um outro dependente e a coordenação a casos em que há dois grupos tonais independentes.

De acordo com os dados apresentados pelo autor, sequências de tons idênticos podem ocorrer tanto entre grupos tonais subordinados como entre grupos tonais coordenados e, particularmente, na subordinação e coordenação múltiplas. Contudo, é na descrição da estrutura entoacional coordenada que se encontra uma maior aproximação ao conceito de paralelismo. Efectivamente, Fox (1984) define este tipo de estruturas como tendo um elemento que é estruturalmente paralelo à oração principal, apresentando mesmo alguns contextos sintácticos que preferencialmente surgem associados a tais estruturas entoacionais: (i) orações subordinadas relativas; (ii) apostos; (iii) *comment clauses* com um valor adverbial; (iv) interrogativas *tag* e (v) orações coordenadas assindéticas. Crucialmente, neste contexto, o autor admite a existência de uma inter-relação entre estrutura sintáctica e entoacional mediada pelo estatuto informacional dos elementos sintácticos.

It must be emphasized that these correspondences between types of syntactic element and intonation structure are in no way obligatory but are simply likely correspondences, motivated by the kind of informational status that these syntactic elements tend to have. (Fox, 1984: 129-130).

Estudos posteriores (Bolinger, 1989; Wichmann, 2000) têm atribuído ao paralelismo estrutural uma função coesiva no discurso. Bolinger (1989), por exemplo, confere particular importância a este aspecto.

What is probably more important as a general feature of series intonation is not the particular profile used on any one item (...) but the repetition of the same profile. This is a cohesive device in discourse (...). (Bolinger, 1989: 207).

Como se pode ler no excerto acima, Bolinger (1989) denomina paralelismo entoacional como “entoação de séries” (“series intonation”), considerando que a repetição dos mesmos

contornos entoacionais é mais relevante enquanto fenómeno coesivo do que uma possível listagem de tons que se repetem. Neste sentido, o autor prossegue explorando possíveis ligações entre intenção comunicativa e padrões entoacionais. Neste ponto, são de salientar três aspectos colocados em evidência pelo autor. Primeiro, a cópia tonal é uma forma insistente de um falante associar determinada intenção comunicativa ao(s) enunciado(s) que produz. Em segundo lugar, as sequências de cópia tonal que envolvem o contorno entoacional A⁶ estão associadas a contextos enfáticos (“dramatic or authorative effect” – Bolinger, 1989: 208). Por último, a maior ênfase dada (através da associação de tons altos), na “entoação de séries”, a elementos como conjunções (elementos estes acentuados menos frequentemente noutros contextos) pode ser uma forma de criar maior *tensão*. Aqui, note-se a chamada de atenção do autor especialmente para as conjunções “e” e “ou”.

Mais recentemente, Wichmann (2000), recuperando os trabalhos anteriores, propôs igualmente uma análise de paralelismo entoacional como mecanismo de coesão. Desta forma, também para esta autora, são de registar casos de paralelismos – nas palavras da autora, “paralelismos comuns” – que se concretizam através da repetição do tom nuclear de um grupo tonal pelo tom nuclear do grupo tonal seguinte. Entre estes contam-se paralelismos associados a enumerações, apostos, diálogos (em que um turno dialógico pode ser constituído por mais do que um enunciado, apresentando cada um destes um contorno final idêntico) e, finalmente, paralelismos produzidos por razões estilísticas.

No entanto, Wichmann (2000) vai um pouco mais longe na sua análise e retoma duas assumpções de base comuns aos estudos anteriormente referidos: as ideias de que o paralelismo entoacional só ocorre entre tons idênticos e entre grupos tonais subsequentes. Assim, confrontando estas assumpções com dados do *Spoken English Corpus* (SEC), a autora descreve formas de realizar paralelismo não contempladas em estudos anteriores, a saber: (i) paralelismo entre tons diferentes e (ii) paralelismo entre grupos tonais não sucessivos. No primeiro caso, a autora defende que, perceptivamente, pode existir paralelismo entre tons altos e tons baixos. Dando o exemplo dos tons L* H e H* H, a autora explica que estes podem ser percebidos como paralelos, não pela sua categoria fonológica, mas por ambos serem realizados foneticamente através de um movimento ascendente. Obedecendo a uma lógica semelhante, os tons ascendentes (L* H) e descendentes-ascendentes (H* LH) podem também ser percebidos como paralelos, pois o movimento final destes dois tons (L* H e LH,

⁶ Notação que, no estudo em questão, representa uma descida abrupta na ou logo após a sílaba tónica de um item lexical proeminente.

respectivamente) é igual. Já quanto à segunda possibilidade atrás mencionada, Wichmann (2000) afirma ter encontrado no SEC casos de paralelismo entre grupos tonais não sucessivos, mormente devido a questões de fraseamento prosódico. Assim, e a título de exemplo, refira-se a possibilidade de, numa enumeração, os itens que a compõem serem segmentados de modo a que cada item não corresponda a um único grupo tonal. Em tal caso, e embora entoacionalmente continue a existir paralelismo, a cópia tonal não se encontra já associada a núcleos consecutivos.

Em síntese, é possível concluir que o paralelismo nem sempre é tratado como um mecanismo de coesão, sendo muitas vezes encarado como um mecanismo formal. Ainda assim, merecem destaque estudos como Duarte (2003), na perspectiva da coesão textual, e Bolinger (1989) e Wichmann (2000), na área da Prosódia, que consideram o paralelismo como um mecanismo de coesão com propriedades específicas. Do ponto de vista prosódico, estudos anteriores entendem paralelismo entoacional, tendencialmente, como um mecanismo de cópia tonal entre acentos nucleares consecutivos (Palmer, 1922; Crystal, 1969; Fox, 1984; Bolinger, 1989), constituindo o trabalho de Wichmann (2000) uma exceção. Finalmente, saliente-se que, embora as relações da interface sintaxe-prosódia-discurso sejam mencionadas, elas não são aprofundadas e, muitas vezes, são excluídas da análise.

2.1.2. Estratégias de Contraste

O texto argumentativo pressupõe necessariamente dois aspectos fundamentais: por um lado, a argumentação a que o locutor recorre com o objectivo de defender o seu ponto de vista e, por outro, a argumentação a que recorre para refutar as opiniões discordantes ou contrárias às suas. No caso particular do debate político, estes dois pólos da argumentação, isto é, a argumentação e a contra-argumentação, são vitais, na medida em que se encontram frente a frente representantes, justamente, de ideologias políticas e propostas de governação que, em maior ou menor grau, são discordantes.

Tendo em conta esta característica fundamental do texto argumentativo, importa então, no âmbito da organização textual, tratar alguns aspectos respeitantes à estrutura temática e informacional. Neste sentido, o conceito de tópico é central, sendo a sua discussão transversal a diferentes modelos teóricos. No que diz respeito ao presente trabalho, a definição de tópico compreende dois aspectos fundamentais: em primeiro lugar, considera-se relevante distinguir tópico discursivo de tópico frásico e, em segundo lugar, importa definir

tópico frásico como relação “ser acerca de”, o que leva a equacionar a sua definição no contexto da avaliação do valor de verdade das proposições.

Assim, na senda de Duarte (1987), consideram-se relevantes quatro pontos essenciais na definição de tópico discursivo e tópico frásico. O primeiro desses pontos assinala o facto de o tópico discursivo ser uma unidade de análise relevante ao nível de macro-sequências textuais, enquanto o tópico frásico é uma unidade de análise relevante ao nível da frase. O segundo aspecto salienta a questão de o tópico frásico corresponder necessariamente a uma expressão linguística, mas o tópico discursivo não ser caracterizado por esta obrigatoriedade. Note-se ainda que tal distinção tem por base a ideia de que, por um lado, o tópico discursivo corresponde a uma proposição que organiza hierarquicamente a estrutura proposicional de uma sequência, tal como definido por van Dijk (1977), e, por outro, o tópico frásico tem de corresponder “a um constituinte da frase com realização lexical ou foneticamente nulo” (Duarte, 1987: 17-18). Em terceiro lugar, e como consequência da sua natureza distinta, está também em causa o tipo de propriedades que definem os tópicos discursivos e frásicos. Deste modo, se na definição de tópico discursivo estão em jogo propriedades não linguísticas (*e.g.*, o conjunto de conhecimentos e crenças partilhado pelos participantes no discurso), já na definição de tópico frásico consideram-se as suas propriedades linguísticas. Finalmente, o quarto aspecto salienta que apenas o tópico frásico pode ser equacionado no contexto da dicotomia tópico/comentário.

No que diz respeito ao tópico frásico, algumas análises identificam-no com o constituinte que, na frase, desempenha a função sintáctica de sujeito, outras com a noção de dado (ou seja, ao tópico corresponderia necessariamente informação dada, enquanto o comentário veicularia informação nova)⁷. Contudo, no presente trabalho, considera-se crucial a definição de tópico como relação “ser acerca de”, no mesmo sentido do proposto por Reinhart (1982) e posteriormente defendido por Duarte (1987). Assim, Reinhart (1982) recupera a definição da relação “ser acerca de”, enquanto conceito semântico, de Strawson (1964), formalizando-a com recurso ao conceito de “conjunto contextual” de Stalnaker (1978). De acordo com este autor, “conjunto contextual” diz respeito ao conjunto de proposições (ou “mundos”, nas palavras do autor) cujo valor de verdade é aceite pelos participantes no discurso num dado momento. Neste sentido, Reinhart (1982) considera que cada asserção expressa no discurso vem adicionar uma nova proposição aos pressupostos do conjunto contextual, o que contribui para a definição de discurso que em seguida se transcreve.

⁷ Para uma discussão da literatura sobre tópico, ver Duarte (1987).

A discourse can be described, then, as a joint-procedure of constructing a context-set. When faced with a new assertion the hearer assesses the proposition expressed in it with respect to propositions already in the context set. If he finds no reason to reject, or challenge it, it is added to this set. (Reinhart, 1982: 23).

Saliente-se ainda que a mesma autora afirma que a construção do “conjunto contextual” é acompanhada por uma necessária organização e classificação da informação que vai sendo acrescentada (à semelhança do que acontece com o catálogo de uma biblioteca). Neste ponto, é particularmente evidenciada a relação entre “conjunto contextual”, tópico frásico e tópico discursivo, como mostra o excerto seguinte.

The propositions admitted into the context set are classified into subsets of propositions, which are stored under defining entries. At least some such entries are determined by NP-interpretations. NP sentence-topics, then, will be referential entries under which we classify propositions in the context set and the propositions under such entries in the context set represent what we know about them in this set. Local entries corresponding to sentence-topics can be further organized under more global entries, thus constructing the discourse topics. This means that the two procedures in the construction of the context set – ASSESS and STORE are, in fact, relativized to topic (assess by what you already know about the topic; store under an entry corresponding to this topic) (...). (Reinhart, 1982: 24).

Nesta perspectiva, conclui Reinhart (1982), os tópicos frásicos são indicações para os falantes sobre como organizar e classificar a informação presente na comunicação realizada através da linguagem.

Recuperando a dicotomia argumentação *versus* contra-argumentação, importa considerar que a sua realização em contextos de contraste contribui decisivamente para a sua correcta interpretação. Por conseguinte, tendo a noção de contraste um papel relevante na avaliação das proposições que integram a (contra-)argumentação, importa considerá-la no contexto dos aspectos acima referidos sobre estrutura informacional. Note-se, ainda, que, tal como a definição de tópico baseada em autores como Reinhart (1982) e Duarte (1987) enquadra a presente análise de contraste, também será relevante considerar o conceito de

foco. Assim, o destaque aqui dado a estruturas com tópico e foco prende-se com o facto de o contraste ser abordado na literatura, muitas vezes, no âmbito de estudos sobre estruturas passíveis de veicular valores contrastivos, como é o caso, justamente, de estruturas com tópico e com foco.

Deste modo, considera-se relevante tomar como ponto de partida a definição de foco de Rooth (1985, 1992), no quadro da Semântica de Alternativas (“Alternative Semantics”), posteriormente retomada por Krifka (2007) e Féry & Krifka (2008).

Focus indicates the presence of alternatives that are relevant for the interpretation of linguistic expressions. (Féry & Krifka, 2008: 4).

A definição apresentada aponta no sentido de, como acontece com a noção de tópico, o contexto ser relevante para a compreensão da noção de foco. Assim, acrescente-se que o foco não só indica a presença de alternativas relevantes, como, mediante a consideração do contexto, permite identificar qual ou quais a(s) alternativa(s) relevante(s) dentro de um conjunto de alternativas possíveis face a determinado contexto. Por outras palavras, os elementos associados a foco deverão ser adicionados ao conjunto de crenças e conhecimentos partilhados pelos falantes envolvidos numa dada situação comunicativa.

Posto isto, salientem-se duas questões que envolvem a noção de “contraste” associada a estruturas com tópico ou com foco. A primeira diz respeito à natureza do conceito de “contraste”, na medida em que, na literatura, são propostas diferentes análises que consideram o contraste ora uma categoria em si, ora um subtipo de foco ou de tópico, ora ainda um dos valores semântico-discursivos associados a tópico e a foco. A segunda questão, por seu turno, está relacionada com a realização prosódica de contraste. Aqui, alguns autores (Truckenbrodt, 1999; Steedman, 2000; Büring, 2003, 2007; Frota, 2000) defendem que o foco deverá ser definido como uma categoria quanto a dois aspectos fundamentais, considerando (i) que a associação de um acento tonal ao elemento focalizado é obrigatória (Truckenbrodt, 1999) e (ii) que a associação entre foco e contornos entoacionais ou acentos tonais específicos é obrigatória (Steedman, 2000; Büring, 2003, 2007; Frota, 2000). Pelo contrário, autores como Féry (2007) e Féry & Krifka (2008) argumentam a favor da existência de relações preferenciais, e não obrigatórias, entre foco e marcação prosódica.

A título de exemplo, refira-se o trabalho de Büring (2003), pois o autor defende que as definições de tópico contrastivo e de foco deverão ser baseadas na sua realização prosódica,

afastando-se, portanto, tal como o próprio autor afirma, de definições propostas por outros autores, como Reinhart (1982), Vallduví (1992) e Steedman (2000). Deste modo, Büring (2003) define tópico contrastivo como uma categoria linguística realizada, no caso do Inglês, através de um acento tonal descendente-ascendente (“B-accent”, Büring, 2003: 2). Da mesma forma, o foco é considerado um constituinte realizado prosodicamente por um acento tonal descendente (“A-accent”, Büring, 2003: 2). Assim sendo, o autor argumenta a favor de a realização de tópicos contrastivos e de elementos focalizados corresponder obrigatoriamente a determinados acentos tonais, os mesmos anteriormente propostos por autores como Jackendoff (1972).

Pelo contrário, Féry (2007) defende que tópico, foco e contraste não são conceitos fonológicos, mas que os correlatos fonológicos e fonéticos são, na verdade, pistas relevantes para a correcta interpretação de elementos associados aos conceitos em causa. Assim, a autora admite que a relação entre tópico e foco e contornos entoacionais específicos poderá ser preferencial, não relacionando, porém, esta preferência com o estatuto informacional associado a estas categorias, mas antes colocando a hipótese de aquela poder ser explicada pela posição do tópico e do foco na frase. Quanto à relação entre foco e acento tonal, a autora considera que, no caso das línguas entoacionais, a presença de um acento tonal associado a foco é uma regra que não encontra excepções⁸. Por último, e no que diz respeito ao fraseamento, Féry (2007) faz notar que este está sujeito a variação devido, nomeadamente, a factores contextuais (*e.g.*, a relação entre locutor e alocutário). Ainda assim, a autora considera que o foco influencia o fraseamento na medida em que afecta a estrutura sintáctica, e não pelo facto de afectar a realização fonética do elemento focalizado. Note-se que, na base de tal afirmação, se encontra a ideia de que o fraseamento tem um papel relevante na interface sintaxe-prosódia.

Adicionalmente, mencione-se o estudo de Cohan (2002), em que se discute, por um lado, a definição de foco identificacional e, por outro, a sua relação com contraste. Com efeito, Cohan (2002), embora partindo da definição de foco identificacional de Kiss (1998)⁹, propõe,

⁸ Neste ponto, Féry (2007) faz referência directa à seguinte regra estipulada em Jackendoff (1972: 247): “If a phrase P is chosen as the focus of a sentence S, the highest stress in S will be on the syllable of P that is assigned highest stress by the regular stress rules.” Para além da ressalva de tal regra não poder ser aplicada em línguas tonais, como é o caso do Mandarim, a autora chama também a atenção para alguns casos que considera problemáticos e que obrigam a uma reflexão sobre a relação entre foco e acento tonal. Um desses casos problemáticos é aquilo a que chama a “segunda ocorrência de foco”, que é ilustrada com a frase “If even [Paul]_F knew that Mary only eats [vegetables]_{SOF}, then he should have suggested a different restaurant.” (Partee, 1999: 215).

⁹ *An identificational focus represents a subset of the set of contextually or situationally given elements for which the predicate phrase can potentially hold; it is identified as the exhaustive subset of this set for which the predicate phrase actually holds.* (Kiss, 1998: 245).

mediante a análise de dados de fala espontânea do Inglês, que o foco identificacional pode ser marcado pela presença de um acento tonal, não sendo obrigatória a sua realização como constituinte clivado ou a presença de um advérbio de exclusão¹⁰. Além disso, é de realçar a proposta da autora face à ocorrência de foco identificacional em contextos contrastivos: elementos focalizados em contextos de contraste deverão ser considerados casos de foco identificacional, não sendo o contraste, porém, um aspecto intrínseco do foco identificacional, mas sim determinado pelo contexto semântico-discursivo.

Num estudo recente de interface sintaxe-prosódica, Torregrossa (2012) discute de que modo o contraste é codificado. Partindo da assumpção de que se trata de uma noção discursiva autónoma, com um conteúdo semântico específico, o autor descreve contraste como algo que define um conjunto de alternativas do mesmo tipo semântico do constituinte a que se encontra associado. Assim, e com base nos resultados obtidos para o Italiano, o autor afirma, por um lado, que o contraste não é codificado através de uma projecção funcional específica, como, por exemplo, ContrP.

Por outro lado, do ponto de vista prosódico, o autor defende que o contraste é marcado através de determinados correlatos fonéticos, estando correlacionado com uma maior duração e maior amplitude de f_0 da sílaba acentuada do item lexical associado a foco contrastivo. Pelo contrário, os dados revelam que o contraste não afecta o fraseamento nem se encontra associado a acentos tonais específicos.

Já no que respeita a trabalhos na área da Prosódia, importa destacar aqueles que se centram na descrição das propriedades prosódicas de elementos associados a valores contrastivos. Neste ponto, interessa, pois, referir estudos que apontam determinados padrões entoacionais e de acentuação como categorias associadas à expressão de contraste.

Neste sentido, importa aqui recuperar o trabalho de Fox (1984), que, procurando aprofundar a sua análise sobre subordinação (cf. secção 2.1.1.), examina diferentes categorias de subordinação com base nos padrões entoacionais nelas envolvidos. É de salientar, neste contexto, o padrão composto por um tom descendente-ascendente seguido de um tom descendente, já que este expressa, de acordo com o autor, uma “subordinação dissociativa”. Na base desta formulação está a assumpção de que, em Inglês, o tom descendente-ascendente exprime “reserva, contraste ou concessão” (Fox, 1984: 131).

¹⁰ Note-se que, também do ponto de vista sintáctico, a autora argumenta a favor de uma definição menos restrita de foco identificacional, face ao proposto anteriormente por Kiss (1998). A este respeito, veja-se, por exemplo, a discussão sobre partículas de adição em Cohan (2002).

Também Bolinger (1989) discute a realização prosódica de dois tipos de valor discursivo cruciais para o que aqui importa referir: contraste e negação. No primeiro caso, o autor centra-se na questão de o contraste poder ser ou não marcado de forma discreta, correspondendo, neste caso, o contraste a um padrão entoacional específico. Mais concretamente, Bolinger (1989) procura demonstrar, com base em ocorrências de foco estreito e de foco largo e em diferentes valores contrastivos (por exemplo, concessão e contraste), que não existe biunivocidade entre entoação e contraste, embora aponte no sentido de haver alguns “perfis entoacionais” que ocorrem preferencialmente associados a contraste. Assim, o autor observa a existência de três tipos de tom associados a contraste: *A*, *AC* e *B*¹¹, pese embora o facto de os dois primeiros serem mais frequentes nos exemplos apresentados no seu trabalho. Do mesmo modo, o autor defende que cada tipo de tom não corresponde especificamente a um valor contrastivo, já que não é possível afirmar, por exemplo, que *A* corresponde a contraste, enquanto *AC* expressa concessão.

These profiles [A, AC] have affective meanings associated with their shape, and are appropriate for singling out contrastively the components with which they are associated, but contrastivity is only one of their applications. (Bolinger, 1989: 349).

Na verdade, a interpretação de um enunciado como contrastivo parece depender decisivamente da entoação e do valor semântico-discursivo a ele atribuídos pelos falantes, pois, tal como o próprio autor refere, a entoação não pode ser compreendida isoladamente.

Quanto à negação, Bolinger (1989) procura relacionar padrões de acentuação com diferentes funções semântico-discursivas de negação, considerando para tal dois tipos de negação: a negação directa e a negação indirecta. Assim, partindo da ideia de que a negação directa visa invalidar o pressuposto que é negado, enquanto a negação indirecta tem como objectivo corrigir o pressuposto que é negado, o autor pretende averiguar se possíveis diferenças que afectem os padrões de acentuação poderão corresponder à distinção entre os dois tipos de negação supra referidos.

¹¹ Tal como referido anteriormente (cf. secção 2.1.1.), o perfil entoacional *A*, no trabalho de Bolinger (1989), representa uma descida abrupta na ou logo após a sílaba tónica de um item lexical proeminente. O perfil *B*, por seu turno, denota um movimento ascendente até à sílaba proeminente, sendo que a este movimento ascendente se pode seguir, nas sílabas pós-tónicas, uma subida gradual ou, mais frequentemente, um tom estacionário ou até uma ligeira descida. Já o perfil *AC* é muito semelhante ao *A*, caracterizando-se, porém, por uma subida ou um tom estacionário após o movimento descendente.

As principais conclusões do autor apontam, então, no sentido de não haver um único padrão de acentuação que expresse negação, ou até mesmo um subtipo de negação, sendo que, por esse motivo, nem sempre é possível estabelecer uma fronteira clara entre negação directa e indirecta. Não obstante, considera que a negação indirecta possibilita uma maior variação nas estratégias de acentuação disponíveis, pela sua natureza menos confrontacional e pelo facto de deixar a cargo do ouvinte a tarefa de inferir as relações lógicas que estão na base da negação. Na verdade, o que Bolinger (1989) mostra é a possibilidade de os falantes tornarem mais proeminentes determinados itens lexicais, tendo essa escolha consequências (que podem ser mais subtis ou menos subtis) nos valores discursivos atribuídos aos enunciados produzidos. A título de exemplo, o autor refere que, perante a necessidade de repetir um enunciado, o falante pode alterar a posição do acento principal da frase, vendo nessa mudança uma escala na força da negação.

There is thus a gradation of stronger and stronger denials:

(21) The house ISn't on fire.

The house isn't ON fire.

The house isn't on FIRE.

At last resort, the speaker may accent everything:

(22) The HOUSE IS NOT ON FIRE!

(Bolinger, 1989: 368).

Um outro aspecto destacado por Bolinger (1989) é a acentuação de palavras funcionais como estratégia produtiva em contextos de negação, uma vez que classes como preposições ou conjunções são bastante relevantes do ponto de vista semântico. Note-se, porém, que uma palavra funcional tem uma maior probabilidade de ser acentuada se contribuir para o sentido do enunciado como um todo. A este propósito, recuperam-se aqui os exemplos dados pelo autor para ilustrar este ponto.

The following is a conversation between a fast-food operator and a supplier. The supplier asks How much ground beef are you going to need? and the operator replies

(70) OH, we're not IN the hamburguer business now.

(71) OH, we're OUT of the hamburguer business now.

*(72) * OH, we're out OF the hamburguer business now.*

(73) *OH, we're FINished with the hamburguer business now.*

(74) * *OH, we're finished WITH the hamburguer business now.*

(75) *OH, we're not WITH the hamburguer business now.*

(76) *OH, we're long gone FROM the hamburguer business now.*

(Bolinger, 1989: 376).

Com base nos exemplos anteriores, Bolinger (1989) argumenta que, em (72) e (74), as preposições “of” e “with”, respectivamente, não contribuem para o significado do enunciado como um todo, dado o contexto, isto é, a pergunta que motiva a lista de possíveis respostas apresentadas. Contudo, estes mesmos exemplos poderiam ser aceitáveis num contexto ao qual se pudesse atribuir uma maior carga emocional, como no caso de uma resposta a uma pergunta como “Why can’t you sell me a hamburguer, dammit?” (Bolinger, 1989: 377). Note-se que este aspecto é um indicador, segundo o autor, de que as palavras funcionais são uma das formas mais bem-sucedidas de realizar aquilo que designa como “acento de poder” (“power accent”), na medida em que um acento associado a um item lexical inesperado provoca um maior impacto no ouvinte, o qual toma isso como uma indicação de que deverá atribuir especial força à negação.

Contemporâneo de Bolinger (1989), mas no quadro da Teoria Autossegmental, o estudo de Pierrehumbert & Hirschberg (1990) propõe uma análise do significado associado aos tons descritos por Pierrehumbert (1980), e mais tarde integrados, com adaptações, no sistema ToBI (Silverman *et al.*, 1992; Beckman *et al.*, 2005), chamando a atenção para o facto de uma identificação directa entre atitude e estrutura melódica produzida por um falante ser problemática. Assim, tendo em conta a inexistência de uma relação biunívoca entre atitude e melodia, será mais produtivo pensar que a atitude deriva do significado atribuído à melodia, estando aquele crucialmente relacionado com o contexto. Deste modo, as autoras propõem uma análise assente na ideia de que os falantes usam a melodia para especificar a relação entre o conteúdo proposicional expresso no sintagma entoacional em que o tom é realizado e o conjunto de conhecimentos e crenças partilhados pelos participantes no discurso.

Do ponto de vista teórico, as autoras consideram que o significado associado à melodia é composicional e, por isso, incluem na sua análise acentos tonais, acentos frásicos e tons-fronteira, operando cada um em domínios de interpretação específicos. No que diz respeito ao presente estudo, importa sobretudo referir a análise proposta para os acentos tonais. Neste sentido, saliente-se, em primeiro lugar, os valores distintos atribuídos a H* e L*, já que é estabelecida uma forte relação entre H* e informação nova, por um lado, e L* e informação

dada, por outro. Particularmente relevante é o acento tonal L+H*, que, segundo as autoras, exprime a exclusão de alternativas no contexto de uma predicação. Deste modo, o elemento acentuado deverá ser integrado no conjunto de conhecimentos e crenças partilhados pelos participantes no discurso, por oposição ao que deverá acontecer face a qualquer outro elemento que seja uma alternativa possível no mesmo contexto. Portanto, o acento tonal L+H* surge, nos dados analisados por Pierrehumbert & Hirschberg (1990), associado a correcção e contraste.

Numa outra linha de análise, alguns estudos procuram identificar correlatos fonéticos e fonológicos que permitam descrever as propriedades prosódicas da realização de contraste. Nesta perspectiva, observa-se que noções como “contraste”, “ênfase” e “foco” surgem frequentemente relacionadas na literatura, embora sejam sempre tratadas como noções distintas. Refira-se ainda que esta discussão é equacionada, muitas vezes, como uma oposição entre categórico (“categorical”) e gradiente (“gradient”).

Ladd (2008), um dos autores que se enquadra nesta linha, liga foco, particularmente foco estreito, à noção de “ênfase”, tomada aqui não como um conceito semântico-discursivo, mas sim fonético. A razão subjacente a esta ligação entre foco e ênfase prende-se com o facto de, como o próprio autor indica, a ênfase poder contribuir decisivamente para a correcta interpretação de enunciados ambíguos quanto ao tipo de foco expresso. Desenvolvendo esta ideia, o autor começa por descrever dois padrões de acentuação distintos, recorrendo ao constituinte “five francs” em exemplos como os abaixo apresentados.

(2) I didn't give him three francs, I gave him FIVE francs. [Ladd, 2008: 214]

(3) I didn't give him five pounds, I gave him five FRANCS. [Ladd, 2008: 214]

(4) I didn't give him a lot of money, I gave him five FRANCS. [Ladd, 2008: 215]

Como se verifica em (2)-(4), são distinguidos dois padrões de acentuação, um em que o acento tonal recai sobre “five” – (2) – e outro em que é “francs” o elemento mais proeminente – (3) e (4)¹². Nos dois padrões, encontram-se expressos valores distintos, já que (2) e (3) são

¹² Ladd (2008) apresenta ainda uma terceira possibilidade de acentuação, mais marcada e menos frequente, a que chama “foco duplo” e em que tanto “five” como “francs” são proeminentes e recebem acentos tonais (cf. Ladd, 2008: 214).

exemplos de foco estreito e (4) de foco largo. Assim, em (2) e (3), o contraste está associado a uma só palavra do enunciado, havendo, portanto, uma correspondência directa entre acentuação e foco: no primeiro exemplo, é a quantidade de francos que é contrastada (“five” por oposição a “three”), enquanto no segundo exemplo é a unidade monetária que está em causa (“francs” por oposição a “pounds”). Já em (4), pelo contrário, é o constituinte “five francs”, como unidade, que contrasta com o constituinte “a lot of money”. Note-se, porém, que (3) e (4) exibem o mesmo padrão de acentuação, sendo, portanto, ambíguos. Assim, e de acordo com Ladd (2008), a ênfase fonética, entendida como fenómeno paralinguístico, desempenha um papel fundamental na desambiguação de casos como os acima citados.

Emphasis, in this view, would be a paralinguistic device that can sometimes be brought into play: that is, we have the linguistic distinction between two categorically different accent patterns, FIVE francs and five FRANCS; and in addition we have the paralinguistic possibility of gradually modifying the realization so as to single out individual words. ‘Emphasis’ and ‘accent’ may often go hand in hand, but that does not mean they are the same thing. (Ladd, 2008: 255-256).

Refira-se ainda a este propósito que, para o autor, a ênfase se pode traduzir num aumento da amplitude de f_0 ou da energia, entre outros correlatos fonéticos. Assim, e recuperando os exemplos (2)-(4), se a ênfase fonética estiver associada a “five” é redundante e torna ainda mais evidente o elemento-chave do contraste que está a ser realizado, mas, se estiver associada a “francs”, pode indicar qual a interpretação correcta do enunciado, ajudando o ouvinte a optar por uma interpretação de foco largo ou de foco estreito.

Complementarmente, Ladd & Morton (1997) concluem que, para o Inglês, embora não se possa afirmar que a percepção de ênfase seja categórica, poder-se-á dizer que a sua interpretação o é. Quer isto dizer que, por um lado, a percepção de diferenças a nível acústico e, particularmente, de alterações na amplitude de f_0 , não é categórica (havendo, por conseguinte, uma variação em grau a que os falantes são sensíveis); por outro lado, a forma como estas diferenças são interpretadas é categórica, traduzindo-se no binómio normal *versus* enfático. Além disso, Ladd & Morton (1997), embora partindo também de uma definição fonética de “ênfase”, não deixam de considerar que, para além de parâmetros acústicos, também parâmetros pragmáticos (como, por exemplo, o *background* discursivo ou a relação entre locutor e alocutário) desempenham um papel fundamental na percepção de ênfase.

Nesta mesma linha de análise, trabalhos subsequentes de Braun & Ladd (2003) e Braun (2004, 2006) centram-se nas propriedades prosódicas envolvidas na produção e percepção de contraste. Neste contexto, Braun & Ladd (2003) e Braun (2006) analisam dados de produção do Alemão relativos a enunciados com a estrutura tópico/comentário¹³, centrando-se na realização prosódica de tópicos contrastivos e não-contrastivos em posição inicial. Assinale-se aqui que os dados de produção revelaram diferenças significativas entre contextos contrastivos e não-contrastivos, principalmente no que toca aos correlatos fonéticos analisados. Crucialmente, os autores afirmam que os tópicos contrastivos apresentam: (i) uma maior duração da vogal acentuada, (ii) um pico de f_0 com valores mais elevados, (iii) um alinhamento do pico de f_0 mais tardio¹⁴, (iv) uma duração maior do movimento ascendente de f_0 até à vogal acentuada e (v) uma maior amplitude deste movimento face aos tópicos não contrastivos.

Adicionalmente, Braun & Ladd (2003) constataram que os falantes podem usar estratégias de marcação de contraste diferentes, tendo-se observado que alguns privilegiam a amplitude de f_0 , enquanto outros dão preferência ao alinhamento do pico de f_0 . A adopção de estratégias diferentes por parte dos falantes leva os autores a considerar as limitações de uma proposta que vá no sentido de uma correspondência directa entre acentos tonais e funções semânticas. Pelo contrário, é colocada a hipótese de a marcação prosódica do tópico contrastivo poder ser gradiente, de acordo com uma visão de funções discursivas distribuídas num *continuum*. Note-se que, todavia, não é descartada a possibilidade de o contraste ser percebido categoricamente, um pouco à semelhança do proposto por Ladd & Morton (1997) para a ênfase. Os dados de Braun (2006) apontam no mesmo sentido, pois, como a autora faz notar, alguns falantes usam um pico de f_0 mais elevado, enquanto noutros é detectada uma preferência pela realização de um alinhamento do pico de f_0 mais tardio e outros ainda recorrem às duas estratégias em simultâneo para marcar o contraste.

Contrariamente ao verificado nos correlatos fonéticos acima mencionados, os acentos pré-nucleares (os acentos tonais observados nos tópicos) levam Braun (2006) a afirmar que estes não apresentam diferenças significativas, pois os acentos observados nos dados – L+H* e

¹³ Advirta-se para o facto de, neste ponto, os termos “tópico”/“comentário” corresponderem aos conceitos de “tema”/“rema” aplicados por Braun & Ladd (2003) e Braun (2004, 2006). Neste sentido, e de acordo com o descrito por estes autores nos estudos citados, tópico é definido como informação dada e comentário como informação nova, diferentemente do defendido por outros autores, como Reinhart (1982), e seguido no presente trabalho.

¹⁴ Saliente-se que os autores fazem a ressalva de que, no Alemão, o pico máximo de f_0 nos acentos pré-nucleares está geralmente alinhado já com a sílaba pós-tónica, pelo que apenas se verificam diferenças significativas entre contextos contrastivos e não-contrastivos nos valores relativos à vogal não acentuada imediatamente seguinte à vogal acentuada.

L*+H – ocorrem tanto em enunciados contrastivos como em enunciados não-contrastivos. Do mesmo modo, o “padrão chapéu” (“hat pattern”), descrito no sistema entoacional de línguas como o Alemão e o Neerlandês como associado a contraste (Cohen & ‘t Hart, 1967), não só é menos frequente do que o esperado como não se verifica em maior número em tópicos contrastivos do que em não-contrastivos. No entanto, parece sim haver uma correlação entre a presença de um tópico contrastivo em posição pré-nuclear e um maior número de acentos nucleares descendentes.

Já do ponto de vista da percepção, Braun (2004) aplica vários testes, com o objectivo de descobrir quais os factores mais determinantes na percepção de tópicos contrastivos e não-contrastivos. De entre os principais resultados obtidos, destaque-se o papel predominante dos valores do pico máximo de f_0 na identificação de enunciados com tópicos contrastivos. Relacionado com estes dados está a observação da autora de que os dois tipos de realização prosódica mais positivamente associados a contraste apresentam uma subida de f_0 mais acentuada em relação aos restantes. Contudo, o alinhamento do pico de f_0 e a duração segmental, contrariamente ao indicado pelos dados de produção de Braun & Ladd (2003), parecem ter um papel secundário na identificação de contraste.

Por último, saliente-se ainda que em Braun (2006) se realizou uma tarefa de anotação de um conjunto de pares de frases usadas no teste perceptivo¹⁵ apresentado neste mesmo estudo. Na sequência da anotação, verificou-se que, em cerca de metade dos pares de frases, os linguistas que procederam à anotação prosódica indicaram o mesmo acento tonal para tópicos contrastivos e não-contrastivos, mas que, em três pares de frases, a maioria dos anotadores indicou acentos tonais distintos. Nestes casos em particular, a autora apurou a existência de uma forte correlação entre a atribuição de acentos tonais diferentes a tópicos contrastivos e não-contrastivos e os valores de amplitude da subida de f_0 da vogal pré-tónica até à tónica.

Ainda no âmbito da discussão sobre a natureza categórica ou gradiente da marcação prosódica de contraste, importa referir o estudo de Baumann, Grice & Steindamm (2006) sobre a realização prosódica do foco em Alemão. Considerando três valores distintos de foco na sua análise – foco largo, foco estreito e foco contrastivo (como um subtipo de foco estreito)

¹⁵ Note-se que o teste perceptivo levado a cabo por Braun (2006) não permitiu apurar resultados concludentes, pois, apesar de os falantes serem capazes de optar entre uma interpretação contrastiva ou não-contrastiva dos enunciados, o desempenho dos falantes não ficou acima do *chance level*. Braun (2006) adianta como possível explicação para estes resultados inconclusivos a natureza e número de estímulos auditivos usados no teste perceptivo.

–, os autores demonstram que os falantes recorrem tanto a elementos discretos como a elementos gradientes na realização dos diferentes tipos de foco.

Assim, Baumann, Grice & Steindamm (2006) defendem que a marcação prosódica do foco envolve meios discretos, contribuindo decisivamente para esta afirmação a correlação encontrada entre o domínio e o tipo de foco e o tipo de acento tonal. De facto, os dados mostram que o acento nuclear !H* ocorre em cerca de metade das ocorrências de foco largo, registando-se uma diminuição deste número nos dados de foco estreito e uma ausência do acento tonal em causa no casos de foco contrastivo. Paralelamente, registou-se a presença de acentos pré-nucleares em 80% dos casos, sendo que a grande maioria (78%) corresponde a acentos com *targets* altos alinhados com a sílaba acentuada – (L+)H*– e uma minoria (2%) a L*+H. Além disso, metade dos enunciados em que apenas se observou um acento tonal corresponde a contextos de foco contrastivo, de acordo com a ideia de que a proeminência de um acento pode ser evidenciada pela não acentuação do restante material lexical do enunciado.

No que diz respeito aos correlatos fonéticos, saliente-se que estas conclusões estão em sintonia com o já apontado em estudos anteriores. Deste modo, os autores verificaram a existência de uma relação entre um domínio do foco mais estreito e (i) uma maior duração do(s) elemento(s) focado(s), (ii) um pico de f_0 mais elevado no acento nuclear, (iii) um movimento ascendente de maior amplitude até ao pico de f_0 no acento nuclear e (iv) um alinhamento mais tardio do pico de f_0 . Note-se que, enquanto as diferenças encontradas nos valores de duração permitem traçar uma linha entre foco largo e foco estreito, as medidas de f_0 parecem contribuir mais decisivamente para a distinção entre contextos contrastivos e não-contrastivos.

Faça-se ainda notar que, mais uma vez, foi detectada variação entre falantes, dado que, num universo de seis falantes, (i) dois nunca produziram o acento tonal !H*, recorrendo, tanto em posição pré-nuclear como em posição nuclear, a acentos do tipo (L+)H* e (ii) apenas um dos falantes recorreu a todos os correlatos fonéticos acima descritos, sendo que, na sua grande maioria, os falantes privilegiam uns em detrimento de outros, principalmente no que toca às medidas de f_0 .

Para o Catalão, Borràs-Comes, Vanrell & Prieto (2010) discutem, neste contexto, o papel da amplitude de f_0 na percepção de contrastes entoacionais envolvendo frases declarativas, frases com foco contrastivo e interrogativas de “eco”. Assumindo que o acento nuclear L+H* é comum a estes três tipos de frase, os autores pretendem investigar se a

amplitude de f_0 será o elemento-chave na desambiguação dos diferentes valores semânticos em causa, propondo que aos três tipos de frase em questão correspondem valores progressivamente mais elevados do pico de f_0 alinhado com o acento nuclear. Os resultados obtidos mostraram que existe uma diferença categórica entre L+H* e L+|H* motivada pelas diferenças de amplitude de f_0 , sendo que o primeiro acento tonal é associado à declarativa, ao passo que o segundo identifica a interrogativa de “eco”. Crucialmente, as ocorrências de foco contrastivo parecem ficar numa posição intermédia, sendo a sua distinção, face às declarativas, de natureza gradiente, o que, de acordo com os autores, pode ser compreendido à luz da variação interfalantes. De facto, os autores adiantam que, embora dados do Catalão e do Espanhol provenientes de estudos anteriores revelem que o foco contrastivo é caracterizado por uma antecipação do pico máximo de f_0 e por picos de f_0 com valores mais elevados, nem todos os falantes realizam foco contrastivo com picos de f_0 mais elevados face ao observado em contextos de foco largo.

Centrando agora a discussão em trabalhos sobre o PE, e embora não existam estudos especificamente sobre contraste, considera-se relevante mencionar alguns trabalhos que analisam as propriedades prosódicas associadas a contextos contrastivos, como é o caso do foco.

Deste modo, destaque-se, em primeiro lugar, o estudo de Viana (1987) e, em particular, a análise das produções das frases com foco incluídas no *corpus* analisado. Saliente-se, neste contexto, a identificação de características específicas da marcação prosódica de elementos focalizados¹⁶ em construções passíveis de ser interpretadas como contrastivas, como as ilustradas abaixo.

(5) O que o Vasco deu à Maria foi um livro. [Viana, 1987: 83]

(6) Quem deu um livro à Maria foi o Vasco. [Viana, 1987: 86]

No contexto da análise prosódica de exemplos como os supra citados, merece destaque a observação de um acento de altura associado ao elemento focalizado. Entende a autora por acento de altura o seguinte:

¹⁶ A par das estruturas com foco, são também discutidas estruturas com tópicos e, particularmente, com tópicos marcados, para os quais é proposta uma análise semelhante.

Este acento de altura, tal como noutras línguas, reflecte-se num aumento da extensão da gama de valores de F_0 que é utilizada. Os valores de F_0 no ataque e no fim da frase são idênticos aos observados para as frases declarativas não marcadas, mas os valores máximos são mais elevados (2.6 meios tons, em média, para o conjunto de informantes). (Viana, 1987: 87).

Como é possível constatar pelo excerto transcrito, o acento de altura associado a foco afecta crucialmente o pico máximo de f_0 (alinhado com a vogal acentuada do elemento focalizado) e, conseqüentemente, a amplitude do movimento ascendente que precede esse mesmo pico e a amplitude do movimento descendente que se lhe segue. Além disso, note-se que a realização prosódica do foco, embora não afecte os valores de f_0 do ataque e do fim da frase, leva a que o declive de f_0 normal numa declarativa neutra seja, nas palavras da autora, bruscamente interrompido pela realização do acento de altura.

Ainda assim, e não obstante o peso dado ao acento de altura na marcação prosódica de foco, Viana (1987) não deixa de ressaltar que factores como a variação inter e intrafalantes, bem como a posição do elemento focalizado na frase têm repercussões nas propriedades acústicas identificadas como relevantes.

Outro trabalho que merece aqui destaque, Frota (2000), estuda especificamente a fonologia do foco em PE, sendo centrais os resultados obtidos através da análise de produções de foco largo e foco estreito (com valor identificacional ou contrastivo). A este respeito importa considerar alguns aspectos, nomeadamente os padrões de acentuação, as características entoacionais e as propriedades fonéticas do foco estreito.

Quanto ao primeiro aspecto, Frota (2000) defende a existência de uma “proeminência neutra” e de uma “proeminência de foco” (Frota, 2000: 237), em PE. Quer isto dizer que, ao contrário do já aqui referido para línguas como o Inglês (cf. discussão prévia sobre Ladd, 2008), em PE não existiria ambigüidade entre o padrão acentuação de uma ocorrência de foco largo e de foco estreito, por exemplo. Assim, sendo o PE uma língua de proeminência à direita, a “proeminência neutra” corresponde ao padrão $w-s$ ¹⁷, ao passo que a “proeminência de foco” poderá ser representada de duas formas – $S-w$ ou $w-S$. Deste modo, esta diferença traduz-se em dois aspectos. Por um lado, o elemento focalizado é o elemento mais proeminente, independentemente da sua posição na frase. Por outro lado, o elemento focalizado tem

¹⁷ Leia-se “weak-strong” (fraco-forte).

propriedades acústicas que permitem a sua distinção face a uma realização em contexto neutro, sendo esta diferença acústica motivada, segundo a autora, por diferenças na organização fonológica. Assim, a autora prediz que a distinção categórica observada ao nível dos padrões de acentuação se reflectirá também em diferenças na realização tonal do foco.

Relativamente às características entoacionais do foco, os dados analisados por Frota (2000) permitiram identificar um movimento caracterizado por um pico de f_0 na sílaba acentuada da palavra focalizada, seguido de um movimento descendente que termina já na sílaba pós-tónica. Esta observação leva a autora a propor o acento tonal H*+L como o acento associado a foco, sendo que a sua realização não parece ser condicionada pela posição em que ocorre na frase nem pelo número de sílabas pré- e pós-tónicas da palavra focalizada.

De acordo com a autora, na base da distinção categórica acima mencionada estão diferenças no alinhamento do pico de f_0 , sendo que as mesmas não decorrem de efeitos de duração encontrados na sílaba acentuada da palavra focalizada, mas sim da existência de diferentes padrões de acentuação. Paralelamente, os valores do pico máximo de f_0 e os valores de amplitude de f_0 são relacionados com a realização de ênfase, considerando-se, porém, que este é um elemento gradiente e que, por conseguinte, não deverá ser tido em conta numa definição categórica de foco.

Although I agree that the rising of the H may exist in the focus nucleus, my data show that this raising is subject to variation from speaker to speaker, and within various renditions of the same sentence by the same speaker. Furthermore, the raising is clearly optional (...). These facts suggest that the raising of the H (and consequently, the larger fall) is an optional and gradient feature that the focus nucleus may show, probably linked to a gradient of emphasis. (Frota, 2000: 239-240).

Finalmente, considere-se a proposta apresentada em Viana *et al.* (2007) em relação aos padrões entoacionais do PE e ao seu significado. A este respeito, saliente-se, antes de mais, que também neste trabalho é retomada a associação entre o acento tonal H*+L e foco estreito/contrastivo. Além deste acento tonal, dados de fala espontânea e de leitura profissional revelam a possibilidade de o foco poder também ser realizado com *upstep* – \wedge H*+L –, acento este também associado a informação nova. Um outro aspecto importante que os dados revelam é o uso mais frequente, em comparação com o descrito para dados de leitura, do acento L+H*, realizado em posição nuclear e veiculando informação nova ou destacando

informação dada que, no contexto discursivo, deve ser reactivada. Deste modo, poder-se-á associar, em certos contextos, a realização de L+H* a ênfase, o mesmo sendo válido para o acento tonal H*. Já o acento tonal ^H*, que também pode expressar ênfase, encontra-se crucialmente associado a contextos de especificação ou correcção de informação dada.

Em suma, a marcação prosódica de contraste é discutida, muitas vezes, no contexto do estudo de estruturas com foco, tópico contrastivo e ênfase. As propriedades entoacionais atribuídas ao valor semântico-discursivo de contraste apontam no sentido de (i) os elementos associados a contraste serem tendencialmente acentuados, incluindo mesmo, como defende (Bolinger, 1989), palavras funcionais e (ii) o contraste ser realizado com acentos tonais com *targets* altos alinhados com a sílaba acentuada (isto é, o pico máximo de f_0 encontra-se alinhado com a vogal acentuada do elemento contrastado). Assim sendo, foram aqui referidos acentos tonais como H*+L ou L+H*. Adicionalmente, uma maior amplitude de f_0 e valores mais elevados associados ao pico máximo de f_0 são também relacionados com contraste, o que pode contribuir para a ligação entre realizações como ^H*+L e ^H*, observadas em dados do PE, e contextos contrastivos e/ou enfáticos.

2.2. Fluência

2.2.1. Indicadores de Fluência

A fluência é estudada em áreas tão diversas como as Artes Performativas ou o *Marketing* Político. Internamente à Linguística, têm-se dela ocupado sub-áreas como a aquisição da língua materna e de língua segunda, a psicolinguística ou a sociolinguística, apenas para dar alguns exemplos. Consequentemente, o facto de o conceito de fluência ser um conceito operacional em áreas tão diversas leva a que não exista uma definição consensual e única. As definições de fluência existentes até à data estão, portanto, claramente marcadas pelo quadro em que são aplicadas e pelos objectivos de cada estudo.

Refira-se, a título de exemplo, que, na perspectiva da psicolinguística, são destacados como elementos-chave na avaliação da fluência aqueles que forem mensuráveis e relacionáveis com aspectos cognitivos e de processamento (*e.g.*, Segalowitz, 2000). Já em trabalhos voltados para a pedagogia e ensino de línguas, como é o caso de Brumfit (1984, reimpresso em Riggensbach (ed.), 2000), a definição de fluência é desenvolvida paralelamente à noção de “precisão” (“accuracy”).

Com efeito, o conceito de “fluência”, embora seja relevante tanto para falantes nativos como não-nativos, tem sido amplamente aplicado no estudo das produções destes últimos. Neste sentido, não será pois estranho verificar que o conceito de “fluência” surge frequentemente associado a precisão, como atrás mencionado, ou a proficiência. Aqui, destaque-se a definição apresentada por Lennon (2000), por se tratar de uma tentativa de definir fluência abarcando diferentes perspectivas, aproximando-se, por isso, de uma definição operacional tão geral e inclusiva quanto possível.

A working definition of fluency might be the rapid, smooth, accurate, lucid, and efficient translation of thought or communicative intention into language under the temporal constraints of on-line processing. (Lennon, 2000: 26).

De acordo com o autor, esta definição poderá ser aplicada tanto ao estudo de produções de falantes nativos como não-nativos, monolíngues ou plurilíngues, bem como a produções orais ou escritas. Como é possível constatar, recorre-se aqui a alguns dos termos comumente associados a fluência, nomeadamente “fluidez” e “precisão” do discurso, associando-os à questão do processamento. Todavia, é importante notar que às ideias expressas na definição podem ser associados aspectos linguísticos mensuráveis, como sejam, no caso da oralidade, as propriedades temporais do discurso. Ainda assim, esta definição deixa em aberto que propriedades linguísticas poderão contribuir para a concretização da rapidez, fluidez, precisão, lucidez e eficiência na comunicação verbal.

Num trabalho de referência para estudos subsequentes sobre este tema, Fillmore (1979, reimpresso em Riggensbach (ed.), 2000) discute o conceito de “fluência”, em contexto de língua materna, numa perspectiva linguística (partindo de alguns aspectos teóricos postulados no quadro da Gramática Generativa, como os conceitos de “competência” e “*performance*”). Considerando que a fluência engloba não só a produção, mas também a percepção, Fillmore (1979, reimpresso em Riggensbach (ed.), 2000) descreve o que defende serem os quatro níveis fundamentais da fluência.

No que respeita ao primeiro nível, o autor reporta-se às características temporais de um discurso fluente, com especial destaque para o número e duração de pausas produzidas por um falante. Este factor é relacionado com a capacidade de planeamento dos falantes, sendo que um número elevado de pausas pode ser associado a dificuldades no planeamento

prévio do discurso. Já quanto ao segundo aspecto, Fillmore (1979, reimpresso em Riggenschach (ed.), 2000) estabelece uma ligação entre coesão, coerência e fluência, destacando que os falantes serão tanto mais fluentes quanto maior domínio demonstrarem ter dos recursos sintáticos e semânticos da língua. O terceiro nível, por seu turno, corresponde à adequação do discurso ao contexto. Neste ponto, o autor defende que um falante fluente deverá ser capaz de adequar o seu discurso a vários contextos distintos. Por último, o quarto nível corresponde à dimensão criativa, ou seja, a capacidade dos falantes fazerem um uso criativo da língua¹⁸, por exemplo, através de metáforas ou jogos de palavras. Nas palavras do autor, os falantes que mostrem este tipo de aptidão possuem uma grande capacidade de pré-planeamento do discurso e, perante um leque variado de possibilidades, conseguem escolher a melhor forma de comunicar em cada situação, isto é, a forma mais marcante e inteligente.

Assim, o autor argumenta a favor de um *continuum* de fluência, com base na ideia de que existe variação entre falantes, já que nem todos exibem igual conhecimento e capacidade de usar as propriedades da sua língua.

I choose to take seriously the notion that some people are more capable at their language than others, and I speak of this kind of variation as a variation in degrees of language fluency. It has seemed to me that there are many ways of being fluent in a language. (Fillmore, 1979, reimpresso em Riggenschach (ed.), 2000: 59-60).

Considerando, portanto, a existência de diferentes graus de fluência, o autor defende que a mestria dos quatro níveis acima descritos denota um falante particularmente dotado no que toca à capacidade de ser fluente no uso que faz da língua.

Dada a definição de Fillmore (1979, reimpresso em Riggenschach (ed.), 2000), importa, pois, discutir, ainda que de forma sucinta, algumas propriedades associadas a fluência. Desta forma, e em primeiro lugar, note-se que as propriedades prosódicas são frequentemente abordadas em estudos centrados em produções orais de falantes não-nativos, destacando-se, neste contexto, as propriedades temporais. Com efeito, o número e duração de pausas, bem como a velocidade de fala são alguns dos aspectos que mais atenção merecem no estudo de correlatos fonéticos de fluência.

¹⁸ Para uma análise mais detalhada da dimensão criativa da linguagem, veja-se o trabalho de Carter (2004). Além de uma revisão bibliográfica das várias abordagens teóricas a este tema, o autor recorre a dados de fala espontânea do Inglês e considera os aspectos linguísticos e culturais envolvidos no uso criativo que os falantes fazem da língua.

A este propósito, Hedge (1993) aponta a frequência de pausas como um elemento indicador de um discurso não-fluente, ao passo que Freed (2000) conclui, através de um estudo perceptivo, que tanto as pausas silenciosas como as pausas preenchidas com material não lexical são um correlato negativo de fluência. Por outro lado, Riegenbach (2001) defende que, embora quantitativamente a presença de pausas seja um indicador de um discurso não-fluente, uma análise qualitativa deste tipo de dados poderá contribuir para um melhor entendimento da forma como estas são percebidas, designadamente se se considerar a sua relação com a estrutura sintáctica.

(...) it was found that, simply put, pauses in speech were considered native-like if they occurred at juncture points, such as clause boundaries, or in isolation, that is, not grouped with other pauses or other fluency-related features (such as repairs). (Riegenbach, 2001: 253).

Freed (2000) determina ainda, mediante a análise estatística de dados de produção de estudantes americanos aprendentes de Francês, que a velocidade de fala (calculada com base no número de unidades semânticas não repetidas por minuto) é um correlato positivo de fluência. Neste ponto, saliente-se, todavia, que vários autores chamam a atenção para a importância de não atribuir a este tipo de correlações um valor absoluto. Na verdade, e como faz notar Lehtonen *et al.* (1977), a velocidade com que um falante produz um discurso nem sempre é sinónimo de que esse mesmo falante é fluente. Também em Lehtonen (1978) esta ideia é expressa de forma clara e sucinta.

Fluency does not always imply an uninterrupted flow of speech which is grammatically perfectly irreproachable. To be fluent in the right way one has to know how to hesitate, how to be silent, how to correct, how to interrupt and how to complete one's expression, and how to do all this fluently, in a way that is expected by the linguistic community and that represent normal, acceptable and relaxed linguistic behavior. (Lehtonen, 1978: 67).

Paralelamente a análises como as referidas, que se centram na caracterização de um discurso fluente, é também de destacar estudos sobre o papel das disfluências no discurso, como Moniz (2006), Moniz, Trancoso & Mata (2010) e Moniz, Mata & Trancoso (2011). A perspectiva adoptada pelas autoras no estudo das disfluências em PE pode, pois, ser

relacionada com a ideia expressa no excerto supra citado de que um falante fluente deverá também saber como hesitar e onde produzir pausas. Efectivamente, as autoras não só apontam para a existência de regularidades na produção de fenómenos disfluente como defendem que “pausas preenchidas, alongamentos, repetições, apagamentos, substituições, inserções, trunicações, marcadores de edição, pausas silenciosas atípicas, erros morfossintácticos ou outros eventos concomitantes desempenham um papel estrutural na organização discursiva.” (Moniz, Mata & Trancoso, 2011: 420). Os resultados obtidos apontam também no sentido de o fraseamento prosódico e os contornos de f_0 serem pistas cruciais na percepção dos fenómenos mencionados como “(dis)fluente”.

No que diz respeito à entoação, Wennerstrom (2000), tendo como objecto de estudo diálogos produzidos por falantes não-nativos de Inglês, centra a sua atenção na entoação como mecanismo de coesão e, por conseguinte, como um correlato de fluência. Em particular, a autora prova que os acentos tonais são usados por falantes fluentes para indicar o estatuto informacional dos itens lexicais a que estão associados e que os tons-fronteira têm um papel preponderante ao estabelecer relações entre unidades prosódicas. Assim, os tons-fronteira podem ser usados pelos falantes para indicar continuidade, apesar da presença de pausas e da sua duração. Crucialmente, e de acordo com a autora, o domínio destes dois aspectos está relacionado com a capacidade dos falantes organizarem o seu discurso em unidades superiores à palavra.

Considerando a organização do discurso em unidades superiores à palavra, importa agora referir alguns trabalhos que analisam este aspecto, desta feita em falantes nativos, e que chamam a atenção para propriedades prosódicas indicadoras de coesão e fluência na produção de macro-sequências discursivas.

A este respeito, destaque-se o estudo de Swerts (1994), para o Neerlandês, que, partindo de uma análise acústica da melodia e duração de segmentos e pausas em monólogos espontâneos, apresenta resultados que apontam no sentido de haver um planeamento prévio do discurso quer a nível local quer a nível global. De facto, a nível local, o autor salienta que os tons-fronteira constituem pistas importantes para a estrutura do discurso. Assim, tons-fronteira baixos indicam o fim de uma unidade discursiva, enquanto tons-fronteira não baixos, nas palavras do autor, podem ocorrer dentro de unidades discursivas e indicar continuidade (tons-fronteira altos) ou anunciar a proximidade do final de um enunciado (tons-fronteira próximos do registo mais baixo do falante e caracterizados por um alongamento final). Em relação ao início de uma nova unidade discursiva, note-se que este é marcado por um pico de

f_0 mais elevado na primeira palavra acentuada, principalmente se esta estiver relacionada com o tópico discursivo. Já a nível global, Swerts (1994) argumenta a favor da existência de uma “supradecolinação”, ou seja, uma decolinação gradual dos níveis de f_0 ao longo de uma unidade discursiva, defendendo, também, que o início de uma nova unidade corresponde ao início de um novo declive de f_0 .

Já Wichmann (2000) aborda a questão da coesão e da sua relação com a entoação, tanto a nível local como global, em dados do Inglês. Um dos aspectos referidos pela autora prende-se com as estratégias usadas pelos falantes na resolução de conflitos entre a estrutura prosódica e a estrutura semântico-discursiva.

If, however, two consecutive independent utterances are very closely related, for example when the second elaborates on the first, the speaker is obliged to produce conflicting signals: on the one hand there is a need to indicate the beginning of a new, grammatically independent utterance, and on the other hand to indicate the close anaphoric relationship which holds between this and the previous utterance. (Wichmann, 2000: 75-76).

Apoiando-se em dados do SEC, a autora mostra, então, que, em situações como as descritas no excerto citado, no lugar de se verificar um *reset* dos níveis de f_0 nos mesmos moldes do verificado em início de enunciado e em mudança de tópico discursivo, verifica-se a ocorrência daquilo a que a autora chama *onset depression*, ou seja, de um *reset* em que os valores de f_0 são mais baixos do que o esperado. Esta estratégia pode ser aplicada pelos falantes em início de enunciado (*e.g.*, na marcação prosódica do início de frases relacionadas) ou no meio de um enunciado (*e.g.*, na marcação prosódica de orações coordenadas, orações relativas apositivas ou apostos). Já a nível global, e em particular no que respeita ao fenómeno da “supradecolinação”, Wichmann (2000) chama a atenção para o facto de se tratar de uma tendência que merece uma observação mais detalhada, na medida em que, e tal como afirma, “[a]lthough there is a tendency for a global lowering of onsets across paragraphs, individual paragraphs do not exhibit this neat regularity” (Wichmann, 2000: 108). A autora indica, portanto, que a possível variação observada no interior de um parágrafo pode ser uma consequência da estrutura sintáctica e da estrutura informacional das frases que o compõem, pois tais aspectos podem, por exemplo, influenciar o local do pico máximo de f_0 .

Também para o PE, Mata (1999), analisando um *corpus* de exposições orais preparadas e espontâneas em contexto escolar, apresenta evidências de planeamento do discurso a nível local e global.

(...) não existe apenas um único nível de estruturação melódica, sequencial, do contínuo discursivo em que a demarcação das unidades seja exclusivamente local. Na verdade, os contornos entoacionais estruturam-se a vários níveis, dando forma ao discurso, revelando a coesão entre unidades adjacentes, marcando fronteiras estruturais e assinalando o grau de importância destas. (Mata, 1999: 345).

Assim, e destacando o papel dos níveis de f_0 , a autora defende que “[o] visível controlo dos níveis de f_0 relativamente ao contexto prosódico adjacente é, sem dúvida, um importante indicador da fluência e “boa formação” do discurso.” (Mata, 1999: 348). Considerando três níveis hierárquicos de organização (a unidade entoacional, o enunciado e o parágrafo), a autora mostra que o parágrafo é geralmente marcado por um declive dos valores de f_0 e regista uma maior amplitude da variação de f_0 no contorno do último enunciado e da última unidade entoacional de um parágrafo. Este último aspecto é, segundo a autora, um indicador de “terminalidade”. Além disso, Mata (1999) identificou diferenças entre fala preparada e fala espontânea, sendo de destacar: (i) a maior regularidade das produções orais preparadas face às espontâneas; (ii) um nível de registo e gama de variação mais elevados nas produções espontâneas; (iii) a ocorrência de um menor número de parágrafos, mas de mais enunciados por parágrafo nas produções de fala preparada e (iv) uma maior probabilidade de ocorrência de padrões ascendentes nas situações de fala espontânea.

Em resumo, o conceito de “fluência” não é consensual, sendo permeável a diferentes abordagens teóricas e objectivos de análise. Ainda assim, e no que respeita ao presente trabalho, importa salientar a definição de Fillmore (1979, reimpresso em Riegenbach (ed.), 2000), na medida em que, nos seus quatro níveis de fluência, faz referência directa a propriedades acústicas associadas a fluência, bem como à capacidade de produzir uma sequência discursiva coesa e coerente como determinante na percepção de um discurso fluente. Assim, e do ponto de vista prosódico, a fluência manifesta-se de diferentes formas – pausas, velocidade de fala, níveis e amplitude de f_0 e contornos entoacionais – e em diferentes níveis – local e global – que interagem com aspectos sintácticos e semântico-discursivos.

2.2.2. O carisma como nível máximo de fluência

“Fluência” e “carisma” podem ser considerados conceitos relacionados, já que, naturalmente, para que um falante possa ser considerado carismático terá de ser fluente. Na verdade, poder-se-á mesmo dizer que a identificação de um orador como carismático implica que esse mesmo orador possua um domínio superior do uso das propriedades da sua língua, isto é, que o distinga dentro da comunidade linguística a que pertence. Neste sentido, é possível entender o carisma como um nível máximo de fluência com características especiais.

Não obstante a possibilidade de uma aproximação entre fluência e carisma, o significado associado à palavra “carisma” não é estável, o que coloca, desde logo, alguns desafios ao seu estudo. Para esclarecer esta questão, refira-se o trabalho de Potts (2009), que percorre os diferentes sentidos e acepções da palavra “carisma” desde a Antiguidade Clássica até à actualidade, bem como o seu impacto cultural na sociedade. Uma das principais conclusões do autor é, precisamente, que a dificuldade em definir com exactidão este termo se prende com a multiplicidade de áreas em que o termo é aplicado e, conseqüentemente, com os diferentes significados que assume. Religião, Política e Arte são algumas das áreas que levaram à adopção não só de diferentes acepções da palavra, como até à construção de teorias (cf. os trabalhos de Max Weber no âmbito da Sociologia) em volta do conceito de “carisma”. Na actualidade, se por um lado se assiste à recuperação do “carisma” enquanto conceito aplicado à política¹⁹, por outro é inegável que o uso desta palavra se estende aos aspectos mais triviais do dia-a-dia²⁰, o que conduz, segundo Potts (2009), à banalização do termo, pondo em causa o valor distintivo que lhe está associado.

Na definição da palavra “carisma” traçada por Potts (2009), é importante destacar dois momentos: o conceito apresentado no texto das *Epístolas do Apóstolo São Paulo aos Romanos e aos Coríntios* e o proposto pelo sociólogo Max Weber. Estas duas definições podem ser consideradas os pilares a partir dos quais foram surgindo outros usos da palavra “carisma”. Todavia, se no texto de São Paulo o carisma consiste num conjunto de graças divinas atribuído aos Cristãos enquanto comunidade, Weber (1964), pelo contrário, recupera este conceito definindo-o como uma forma de autoridade individual.

¹⁹ Relembre-se, a este propósito, a campanha eleitoral de Barack Obama e a sua vitória (cf. referência a este assunto adiante).

²⁰ Veja-se, por exemplo, o seu uso na publicidade.

The term 'charisma' will be applied to a certain quality of an individual personality by virtue of which he is set apart from ordinary men and treated as endowed with supernatural, superhuman, or at least specifically exceptional powers or qualities. These are such as are not accessible to the ordinary person, but are regarded as of divine origin or as exemplary, and on the basis of them the individual concerned is treated as a leader. (Weber, 1964: 358-359).

É justamente esta definição de carisma como qualidade ou conjunto de qualidades que permite a um indivíduo destacar-se do anonimato e elevar-se ao estatuto de líder que está na base de estudos sobre o carisma provenientes de diversas áreas, incluindo a Linguística.

Uma das qualidades comuns à maior parte das acepções e teorias em torno da palavra “carisma” reside numa capacidade de comunicar acima da média, aquilo que comumente se designa como “o dom da palavra”. Esta ideia encontra, de alguma forma, eco em estudos da área das Ciências Políticas (Seyranian & Bligh, 2008; Bligh & Kohles, 2009), apenas para citar um exemplo, que fazem menção à importância que a forma de falar em público tem para que os políticos angariem o apoio dos seus eleitores.

Bligh & Kohles (2009), num estudo sobre o papel do carisma na vitória de Barack Obama nas presidenciais americanas de 2008, destacam a importância de um político conseguir aliar, nos seus discursos, aspectos como a entoação, o ritmo ou até elementos de retórica à capacidade de fazer passar ideais complexos sob a forma de mensagens simples, isto é, sob uma forma que, simultaneamente, capte a atenção dos eleitores e permaneça na sua memória. Neste sentido, defendem os autores, Barack Obama é considerado um caso exemplar.

These details demonstrate a nearly textbook application of charismatic leadership theory, which predicts all of these elements are instrumental in bringing the vision “alive” for followers: 1) the use of tone of voice, inflection, pauses, and gestures to increase the intensity and emotional meaning of their message; 2) the use of visionary rhetoric laden with analogies, repetition, metaphors, and stories; and 3) a situational backdrop rich with visual symbols. (Bligh & Kohles, 2009: 486).

Na mesma linha de análise, Seyranian & Bligh (2008) centram-se nas estratégias retóricas usadas por políticos considerados carismáticos, defendendo que essas mesmas estratégias se organizam por fases. Numa primeira fase, os líderes carismáticos procuram

desvalorizar a importância de convenções sociais com vista à mudança, negando, para tal, a vontade dos eleitores de manter o *status quo* e o seu medo da mudança; numa segunda fase, procuram angariar o apoio dos eleitores à mudança, através do incentivo à rejeição do convencional e ao medo de não mudar; finalmente, e numa terceira fase, tentam convencer os seus seguidores a aceitar a sua visão para o futuro do país, mobilizando-os no sentido de agirem para que essa mudança se concretize. Neste contexto, estratégias retóricas ancoradas em palavras que exprimam negação, inclusão, aproximação, inspiração, acção e tangibilidade foram alvo de análise em discursos políticos.

Numa outra perspectiva, é legítimo pensar que estudos como os acima referidos reflectem um certo contra-senso na relação entre carisma e política. Se, por um lado, o conceito de “carisma” que prevalece actualmente se baseia em Weber e na ideia de que a valorização individual não é indissociável de certas características intangíveis e até inatas, por outro lado, um líder carismático é forjado através do pensamento estratégico e de um trabalho metódico em volta das acções e palavras que permitam criar determinada percepção junto dos eleitores, tornando-os seguidores. Tal aspecto parece indicar, portanto, que a discussão à volta da definição de carisma não é uma discussão fechada.

Do ponto de vista linguístico, o carisma está indelévelmente associado à capacidade de um falante influenciar as ideias e acções dos seus ouvintes. Muitos dos estudos que abordam esta questão centram-se na figura do orador e nas características do seu discurso, mormente o discurso político. Assim, são alvo de estudo determinadas características sintácticas, semânticas, lexicais, prosódicas e acústicas que podem estar em jogo na percepção de um orador carismático.

Como ponto de partida para vários trabalhos sobre a percepção e os correlatos prosódicos associados a um bom orador ou a um orador carismático, encontra-se a assumpção de que qualidades que denotem expressividade estão na base da avaliação positiva de um discurso. Neste sentido, importa aqui referir alguns dados provenientes da análise de correlatos prosódicos relacionados com emoção.

Saliente-se, então, neste contexto, o estudo interlinguístico de Albelin & Alwood (2000), os quais, recorrendo a julgamentos de falantes nativos de Espanhol, Finlandês, Inglês e Sueco relativos a dados de produção do Sueco, concluem que algumas emoções são mais facilmente identificadas do que outras e, sobretudo, que emoções com uma forte ligação

semântica apresentam igualmente semelhanças acústicas. Assim, “agressividade”, “medo”, “tristeza” e “surpresa” são emoções mais facilmente identificadas do que “timidez”, por exemplo. Crucialmente, emoções que partilham traços semânticos, como “agressividade” e “domínio”, apresentam uma maior variação dos valores de f_0 , bem como valores mais elevados de energia e de duração, face a emoções como “medo” e “timidez”.

Paralelamente, Braga & Marques (2004) desenvolvem um estudo sobre o debate político. Baseando-se no programa *Prós e Contras*, as autoras procuram encontrar regularidades na relação entre correlatos acústicos e estratégias argumentativas, como “assertividade”, “refutação”, “negação” e “hipérbole”. Saliente-se que a estratégia mais relevante em contexto de debate político é, segundo as autoras, a assertividade (incluindo-se nesta a refutação), a qual é expressa através de várias características prosódicas como uma maior variação dos valores de f_0 . Da mesma forma, itens lexicais enfatizados em contextos semântico-pragmáticos como hipóbole e negação são igualmente associados a alterações dos níveis de f_0 .

Considerando agora alguns estudos centrados nas qualidades do orador, Strangert (2007) e Strangert & Gustafson (2008) procuram aferir quais os correlatos prosódicos mais significativos na percepção de um bom orador. Ambos os estudos têm por base o mesmo *corpus*, constituído por uma amostra de discursos políticos produzidos por deputados do parlamento sueco. Partindo da ideia de que falantes mais expressivos são avaliados de forma mais positiva, os autores testam, em primeiro lugar, que atitudes e qualidades obtêm melhores resultados na relação com a qualidade do orador, através de um teste perceptivo. Com base nos resultados obtidos nesta primeira fase, os autores partem para uma análise dos correlatos acústicos associados aos oradores com as melhores e piores classificações. Assim, Strangert (2007) e Strangert & Gustafson (2008) concluem que qualidades como “confiável”, “expressivo”, “poderoso” e “envolvido” são associadas a um bom orador, enquanto “inseguro”, “hesitante”, “monótono” e “humilde” apresentam resultados opostos. Os autores notam ainda que atitudes como “agressividade”, “agitação” e “acusação” foram bem classificadas pelos participantes no teste perceptivo, sugerindo que atitudes não-passivas são bem aceites em contexto político.

Quanto aos correlatos acústicos, Strangert (2007) conclui que valores médios de f_0 mais elevados, bem como uma maior variação de f_0 são positivamente associados a um bom orador. Do mesmo modo, uma maior velocidade de fala e uma menor duração de pausas

alcançaram resultados semelhantes. Por outro lado, Strangert & Gustafson (2008) argumentam a favor da preponderância de f_0 na percepção de um bom orador. De facto, os autores concluem que as propriedades temporais do discurso não têm impacto nos julgamentos dos ouvintes e que discursos disfluentes, por sua vez, são classificados negativamente. Pelo contrário, a média dos valores máximos de f_0 , o pico máximo de f_0 de palavras focalizadas e a amplitude de f_0 surgem aqui como determinantes. A respeito da amplitude de f_0 , os autores mostram ainda resultados que indicam uma diferença relevante entre as produções de falantes não-profissionais e as produções dos políticos analisadas. Crucialmente, enquanto para os falantes não-profissionais a variação de amplitude de f_0 se situa no intervalo entre 2 e 5 semitons, nos dados analisados por Strangert & Gustafson (2008) este intervalo é de 2,44 a 8,78 semitons. A interpretação destes resultados é reforçada mediante uma experiência de ressintetização das produções com piores classificações.

We found that by increasing F0 dynamics, eliminating disfluencies and hesitation pauses, and speeding up the speech, the impression of speaker skill improved considerably. Modifying F0 dynamics produced the greatest effects and changes of disfluencies and speech rate, respectively, ranked second and third in terms of perceptual weight. (Strangert & Gustafson, 2008: 1691).

Numa linha de continuidade com o tema dos estudos de Strangert (2007) e Strangert & Gustafson (2008), em Rosenberg & Hirschberg (2005, 2009) e Biadys *et al.* (2008), cujo objecto de estudo é igualmente o discurso político, o principal objectivo é chegar a uma definição operacional de carisma partindo dos correlatos que a ele se associam positivamente.

Assim, Rosenberg & Hirschberg (2005, 2009) fundamentam-se nas avaliações de falantes nativos do Inglês sobre excertos de intervenções dos candidatos democráticos à nomeação para presidente dos Estados Unidos da América em 2004 e determinam uma série de características associadas positivamente a carisma. Atributos como “entusiasta”, “encantador”, “persuasivo”, “apaixonado” e “convicente” contam-se entre os correlatos positivos encontrados, ao passo que “aborrecido” pode ser considerado o reverso da medalha face ao primeiro conjunto de adjectivos mencionados. Note-se, porém, que atitudes como “raiva” não foram nem positiva nem negativamente associadas a carisma, contrariamente ao relatado por Strangert (2007) e Strangert & Gustafson (2008).

Relacionados com os atributos decisivamente ligados a carisma, os autores identificam, também, os correlatos acústicos e prosódicos que são determinantes na

percepção de um político carismático. Assim, foram encontradas correlações significativas entre carisma e medidas de duração, a saber: a duração de *tokens*²¹ em segundos, em número de palavras e número de constituintes prosódicos com índice de ruptura 3 dentro de cada constituinte prosódico de nível superior (ou seja, de nível 4), sugerindo que uma maior duração aliada a uma maior complexidade na organização temporal do discurso é compatível com a percepção de um discurso carismático. No que toca às medidas de f_0 , os autores dão conta de resultados diferentes obtidos com medidas normalizadas – em que apenas os valores médios de f_0 apresentam resultados significativos – e medidas não-normalizadas – em que os valores médios, o desvio padrão e os valores máximos de f_0 apresentam resultados significativos para os falantes do sexo masculino. Também nestes casos se provou que quanto mais elevados os valores de f_0 , mais carismáticos eram considerados os falantes. Do mesmo modo, os valores médios de energia e a velocidade de fala revelaram um comportamento semelhante ao descrito para os restantes parâmetros, isto é, valores mais elevados foram igualmente associados de forma positiva a carisma.

Quanto aos contornos entoacionais, importa, no âmbito do presente estudo, destacar os resultados obtidos em relação aos acentos tonais e aos tons-fronteira. De entre as principais conclusões de Rosenberg & Hirschberg (2009), saliente-se o facto de os tons-fronteira ascendentes serem negativamente associados a carisma, enquanto os acentos tonais altos constituírem, pelo contrário, um correlato positivo. Os autores interpretam estes resultados de acordo com as relações estabelecidas entre entoação e significado em estudos como Pierrehumbert & Hirschberg (1990). Por conseguinte, os julgamentos negativos obtidos para tons-fronteira ascendentes são explicados pelo facto de estes expressarem incerteza, incredulidade e se encontrarem frequentemente em interrogativas. Por sua vez, o acento tonal H* encontra-se associado, na literatura, à veiculação de informação nova, razão pela qual obtém bons resultados no teste aplicado.

A par dos correlatos acústicos e prosódicos, Rosenberg & Hirschberg (2005, 2009) consideraram igualmente na sua análise correlatos léxico-sintácticos. Quanto a estes, importa destacar que, recorrendo ao rácio de palavras funcionais por palavras lexicais, os autores concluem que quanto maior for o número de palavras funcionais, mais carismático é considerado o discurso. Dado este resultado, é colocada a hipótese de que a correlação positiva entre carisma e número de palavras funcionais pode estar associada com o facto de a

²¹ Os *tokens* a que se referem Rosenberg & Hirschberg (2005, 2009) correspondem aos 45 segmentos de fala, com durações compreendidas entre os 2 e os 28 segundos, analisados nos seus estudos aqui citados.

repetição ser relevante na percepção de carisma, por oposição à apresentação de conteúdos novos. A comprovar-se esta hipótese (de resto ainda pouco explorada), os autores sugerem que estes aspectos podem ser interpretados como estratégias retóricas cujo objectivo é o de reforçar a argumentação²².

Finalmente, Biadysy *et al.* (2008) apresentam uma comparação interlinguística dos correlatos associados a carisma em produções de Inglês Americano (avaliadas por falantes nativos de Inglês Americano, Árabe Palestino e Sueco) e do Árabe Palestino (avaliadas por falantes nativos de Inglês Americano e Árabe Palestino). Apesar de serem observadas algumas divergências nos julgamentos dos participantes no teste perceptivo, motivadas não só por diferenças linguísticas mas também culturais, são de realçar os resultados semelhantes obtidos nas experiências realizadas. Neste contexto, incluem-se alguns correlatos já mencionados em estudos anteriores, a saber: valores médios e amplitude de f_0 , valores médios e desvio padrão de energia mais elevados. Também o acento tonal !H* é, de um modo geral, positivamente associado a carisma, por oposição ao verificado em relação ao acento L*, que é negativamente associado a carisma por todos os falantes, com excepção dos falantes suecos.

Posto isto, é possível concluir que o conceito de “carisma” não se encontra ainda estabilizado e que a análise de características linguísticas a ele associadas (sejam elas prosódicas, sintácticas, lexicais ou discursivas) reflecte uma tentativa de encontrar medidas que contribuam para uma definição alicerçada em propriedades concretas e quantificáveis. Neste contexto, os dados relativos aos correlatos positiva e negativamente associados a oradores carismáticos apresentam regularidades. Assim sendo, e embora se reconheçam divergências interlinguísticas e interfalantes, a avaliação de um orador superior passa, de forma consistente, pela alteração dos níveis de f_0 associada a expressividade. Neste ponto, merecem especial destaque os valores máximos e de amplitude de f_0 . Já o papel das propriedades temporais do discurso (*e.g.*, duração de segmentos ou de pausas, velocidade de fala) ou dos níveis de energia, apesar de serem aspectos referidos com frequência, não é ainda claro na literatura, indicando os autores a necessidade de mais estudos para o esclarecer. Finalmente, do ponto de vista da entoação, é atribuído um papel relevante a acentos tonais que veiculem informação nova e tons-fronteira que expressem certeza e convicção.

²² Tendo sido aplicados testes perceptivos nos mesmos estímulos orais e transcritos, Rosenberg & Hirschberg (2009) notam, com alguma surpresa, que também nos estímulos transcritos um maior número de palavras funcionais é associado a carisma. Assim, os autores argumentam que este resultado vem reforçar a validade da hipótese colocada a propósito dos dados obtidos a partir dos estímulos orais.

3. Metodologia

Tendo em conta o objectivo de analisar estratégias de paralelismo por contraste em discurso argumentativo, apresentar-se-á, neste capítulo, o *corpus* alvo de estudo, bem como as opções metodológicas que presidiram ao tratamento dos dados. Por conseguinte, na secção 3.1., descrever-se-á o *corpus* (ponto 3.1.1.) e a tarefa de transcrição e alinhamento da mesma (ponto 3.1.2.). Já na secção 3.2., dar-se-á conta tanto do processo de identificação e classificação das estruturas de paralelismo (ponto 3.2.1.), como das questões metodológicas em torno da selecção dos dados (ponto 3.2.2.) e dos critérios de anotação prosódica dos mesmos (ponto 3.2.3.). Ainda nesta secção, descrever-se-á de que modo se procedeu à organização e tratamento estatístico dos dados (ponto 3.2.4.).

3.1. O Corpus

3.1.1. Apresentação do Corpus

O estudo de parâmetros de qualidade no discurso público argumentativo que aqui se propõe tem como base a análise de um debate político que opôs Álvaro Cunhal e Mário Soares, enquanto líderes do Partido Comunista Português e do Partido Socialista, respectivamente. O debate em questão foi transmitido pela Rádio e Televisão de Portugal a 6 de Novembro de 1975, numa edição especial do programa *Responder ao País*. Além dos secretários-gerais dos dois partidos, participaram no debate, na qualidade de moderadores, os jornalistas José Carlos Megre e Joaquim Letria. Os principais temas abordados foram: (i) as relações entre o Partido Comunista Português e o Partido Socialista (no sentido de equacionar um possível entendimento e até uma aliança entre os dois partidos); (ii) a questão da independência das antigas colónias (em particular de Angola); (iii) os problemas e o futuro do Movimento das Forças Armadas; (iv) as relações entre partidos políticos e órgãos de comunicação social (em especial o caso do jornal *O Século*); (v) a Reforma Agrária; e (vi) a situação dos presos políticos em Portugal. Assinale-se, ainda, a discussão de carácter mais teórico e transversal a todo o debate centrada na definição de Democracia e no que cada um dos líderes políticos entendia por regimes democráticos e regimes ditatoriais.

A importância do debate em causa prende-se com o facto de este representar um momento decisivo no contexto sociopolítico que o País viveu no período pós-revolução e encontra-se discutida na literatura das áreas das Ciências Políticas e da Comunicação Social

(e.g., Sena, 2002). Além disso, a importância deste debate é notória pelo facto de, volvidas cerca de quatro décadas da sua transmissão televisiva, continuar a fazer parte da memória colectiva dos Portugueses. Porém, no que diz respeito ao presente estudo, é fundamental considerar não só a relevância contextual do debate em causa, mas também as características que permitem tomá-lo como um exemplo singular de discurso público argumentativo no contexto nacional.

Neste sentido, importa enquadrar o debate de 1975 em termos do sistema argumentativo político e da tipologia discursiva adoptados pelos seus intervenientes (Sena, 2002). Atendendo a estes dois parâmetros, o debate de 1975 é caracterizado, no âmbito das Ciências Políticas, da seguinte forma:

(...) poder-se-á dizer que este debate de 1975 se caracteriza por um sistema político racional, por uma mensagem discursiva predominantemente esclarecedora, em que é privilegiado um esquema argumentativo que apela claramente ao raciocínio do espectador e que lhe confere, indiscutivelmente, uma vertente de esclarecimento, já que cada um dos debatentes clarifica o posicionamento dos respectivos partidos em relação aos problemas vigentes. (Sena, 2002: 115).

Adverta-se para o facto de a autora estudar o debate televisivo entre 1974 e 1999, sendo, todavia, apenas ao debate de 1975 que atribui as características acima mencionadas. É também de salientar que alguns aspectos negativos que Sena (2002) procura identificar de forma transversal nos debates que analisou, e que designa como “atitudes não-convencionais”, se encontram em menor número (ou são mesmo inexistentes) no debate de 1975. De facto, atitudes como “atacar pessoalmente”, “distorcer” as palavras do adversário, ou “ofender” o oponente não são registadas no debate em causa.

Apontadas as características para se poder tomar o debate de 1975 como o modelo do debate político televisivo em Portugal, importa agora aferir se essas mesmas características podem também ser interpretadas como indicadores de qualidade discursiva. A este propósito, saliente-se, por um lado, que o debate televisivo é indicado como o “protótipo” de entre os vários tipos de debate que podem ser tidos como modelos no ensino do discurso argumentativo (Dolz & Schneuwly, 1998). Por outro lado, é possível contrapor as características do debate de 1975 acima descritas aos aspectos que Dolz & Schneuwly (1998) consideram negativos num debate. Neste contexto, os autores consideram que, do ponto de

vista didático, um bom exemplo de discurso argumentativo não se deve destacar pelo facto de os seus intervenientes optarem pelo ataque pessoal como forma de ganhar vantagem em relação ao adversário, ou caírem em contradição ou, ainda, usarem maioritariamente argumentos que apelam à emoção do espectador e não à razão.

3.1.2. Transcrição e Alinhamento do *Corpus*

A emissão do programa *Responder ao País* de Novembro de 1975 teve a duração de 3:31'07'', sendo de referir que, no âmbito do presente estudo, foi considerado o tempo de fala de Álvaro Cunhal e de Mário Soares (3:18'10''), mas não as intervenções dos dois moderadores do debate (12'57''). Destaque-se aqui que o tempo correspondente às intervenções dos secretários-gerais do Partido Comunista Português e do Partido Socialista se distribui de forma equilibrada: o tempo de fala de Álvaro Cunhal perfaz um total de 1:38'01'', enquanto o tempo de fala de Mário Soares totaliza 1:40'09''²³.

Foi então necessário realizar um trabalho prévio de preparação do *corpus* que consistiu, em primeiro lugar, na sua transcrição e alinhamento com o sinal de fala. Deste modo, e numa primeira etapa, o debate de 1975 foi convertido de formato vídeo (*Video Object*) para formato áudio (*WAVEform audio format*). Tendo-se recorrido ao programa *Cool Edit Pro*²⁴, obtiveram-se então ficheiros em formato *wave*, em canal mono, com uma frequência de amostragem de 16000 KHz a 16 bits. Posteriormente, foi necessário transcrever integralmente o debate e alinhar a transcrição com o sinal acústico. Para a realização desta tarefa, foi usada a edição de 8 de Novembro de 1975 do *Diário de Lisboa*, que dedicou catorze páginas à transcrição do debate. De seguida, o texto foi corrigido de acordo com o áudio e alinhado com o sinal acústico, com recurso ao programa de transcrição, segmentação e anotação de fala *Transcriber* (Barras *et al.*, 1998), tal como ilustra a Figura 1.

²³ Os dados relativos à duração do debate de 1975, bem como ao tempo de intervenção de todos aqueles que nele participaram, foram retirados de Sena (2002). Note-se que não foi considerado o tempo de duração do genérico do programa nem do intervalo.

²⁴ <http://www.adobe.com/special/products/audition/syntrillium.html>.

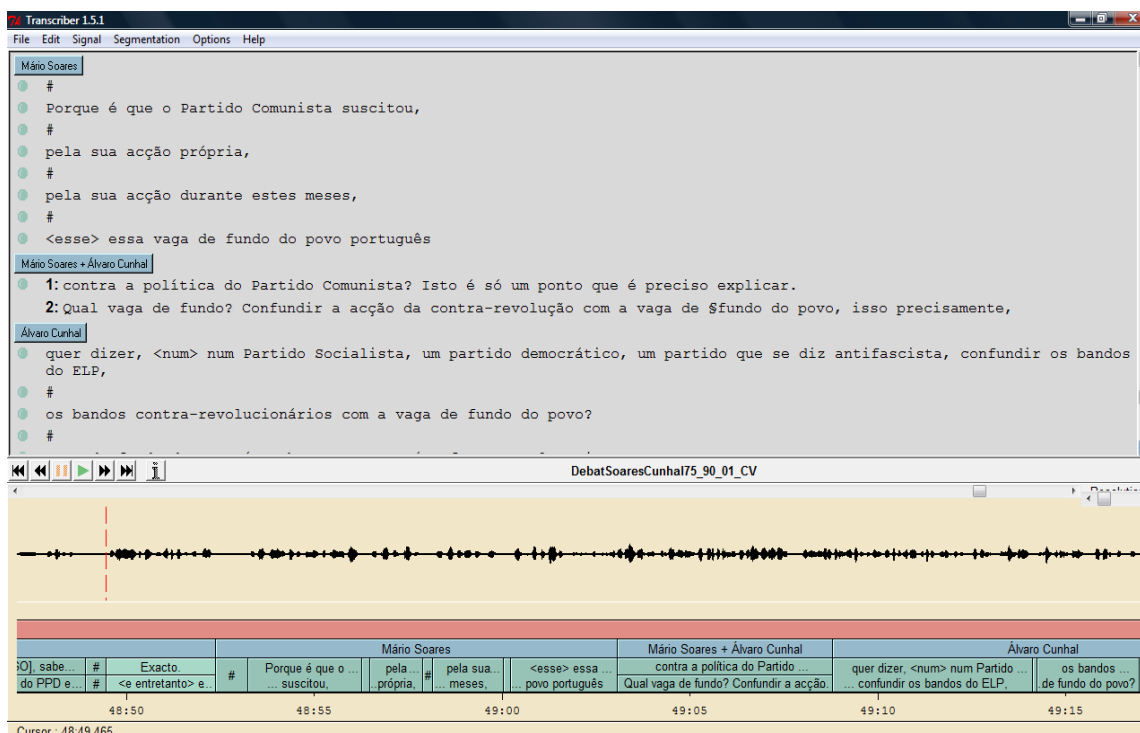


Figura 1: Transcrição do debate e alinhamento da mesma com o sinal acústico no programa *Transcriber*.

Ainda a respeito da transcrição do *corpus* e do seu alinhamento, note-se que foi seguido um conjunto de convenções que permitissem identificar fenómenos linguísticos (*e.g.*, irregularidades morfossintáticas) e extralinguísticos (*e.g.*, tosse) nas intervenções dos dois dirigentes políticos. No caso das intervenções dos moderadores do debate, e tal como anteriormente referido, estas não foram consideradas para análise, motivo pelo qual se procedeu simplesmente à sua transcrição ortográfica e a um alinhamento que delimita o início e o fim de cada intervenção de José Carlos Megre e Joaquim Letria. Não foram, por isso, anotados fenómenos como pausas, hesitações, reformulações, etc.. As convenções utilizadas encontram-se listadas na Tabela 1.

Símbolo	Função	Exemplo
[]	Símbolo usado para delimitar fenómenos extralinguísticos, como tosse, riso, música, etc..	<i>(...) para o reconhecimento [TOSSE] do MPLA.</i>
#	Símbolo usado para identificar pausas silenciosas.	<i>A nosso ver, # mesmo na situação que se está a atravessar (...).</i>
< >	Símbolo usado para delimitar palavras ou sequências reformuladas ou abandonadas, repetições, bem como segmentos disfluentes.	<i>E aqueles que têm, que vêem, que sentem <esta>, que ouvem esta rádio e esta televisão (...).</i>

-	Símbolo que segue fragmentos.	<i>Senhor doutor <ca-> Álvaro Cunhal (...).</i>
=	Símbolo que segue palavras em cuja produção é perceptível um alongamento.	<i>Sem= # esse= # alargamento, # a Revolução # corre o risco # de= perder-se.</i>
%	Símbolo que antecede pausas preenchidas.	<i>(...) também não se pode fazer uma revolução se os órgãos de poder <%a> têm representantes (...).</i>
§	Símbolo usado para identificar formas morfossintáticas irregulares. Note-se que na transcrição ortográfica constará a forma correcta.	<i>Portanto, quer dizer, uma série <de=> de disposições, de acordos, que não foram §cumpridos (...), sendo que o falante produz “cumpridas” em vez de “cumpridos”.</i>
~	Símbolo que segue uma palavra pronunciada de forma irregular. Note-se que na transcrição ortográfica constará a forma correcta.	<i>(...) vamos fazer a democracia em Portugal~ (...).</i>
XX	Símbolo que representa uma palavra incompreensível.	<i>(...) portanto, exclusivamente socialista XX militares (...).</i>
XXXX	Símbolo que representa uma sequência incompreensível.	<i>Não, eu gostaria de saber se o próprio campo do imperialismo é um campo ou uma XXXX.</i>
a, aa, e, ee, m, mm	Convenções usadas na transcrição de pausas preenchidas. Note-se que as sequências “aa”, “ee” e “mm” representam pausas preenchidas mais longas.	<i>(...) e que= não é, digamos, <%aa %aa> a acção psicológica de velho estilo (...).</i>

Tabela 1: Convenções usadas na transcrição ortográfica do *corpus*.

Adicionalmente, refira-se que, nos exemplos retirados do *corpus* e citados no presente trabalho, foram usados os símbolos que abaixo se descrevem (Tabela 2).

Símbolo	Função	Exemplo
/	Indicação de uma ruptura de índice 3.	<i>O Governo / constituiu-se, // (...).</i>
//	Indicação de uma ruptura de índice 4.	<i>(...) que não é / por medidas administrativas, // (...).</i>

Tabela 2: Convenções adicionais usadas na citação de exemplos do *corpus*.

Por último, mencione-se que, na preparação do conjunto de símbolos a usar na transcrição ortográfica do *corpus*, se usou, como base, as convenções aplicadas na transcrição de *corpora* de duas instituições: o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, nomeadamente as normas de transcrição de *corpora* oral adoptadas pelo grupo ANAGRAMA²⁵, e o L²f/INESC-ID (Trancoso, Martins, Moniz, Mata & Viana, 2008).

²⁵ As normas de transcrição adoptadas pelo grupo ANAGRAMA do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa foram criadas por Sandra Antunes, Rita Veloso, Amália Mendes e Fernanda Bacelar do Nascimento e encontram-se disponíveis em http://alfclul.clul.ul.pt/crpc/curso/CL2011/files/normas_de_transcricao_anagrama_final.pdf.

3.2. O Subcorpus

3.2.1. Identificação e Classificação de Estruturas de Paralelismo

Com recurso à transcrição alinhada com o sinal áudio, procedeu-se a um levantamento de construções de paralelismo no discurso de Álvaro Cunhal e de Mário Soares. Com este primeiro levantamento pretendeu-se aferir, por um lado, qual o peso das estruturas de paralelismo nas intervenções dos dois políticos e, por outro, que tipos de estruturas de paralelismo se encontravam representados no discurso de ambos. Neste sentido, optou-se por realizar a recolha de exemplos com base numa definição tão geral quanto possível de paralelismo, tomando-se paralelismo como uma figura de repetição, de semelhança e de equilíbrio²⁶.

Concluída esta tarefa, verificou-se que as estruturas em causa tinham um peso considerável no discurso argumentativo dos dois intervenientes no debate. Assim, foi necessário confrontar os dados obtidos com a bibliografia sobre este tipo de estruturas linguísticas, no sentido de definir uma tipologia. Note-se que, como já referido no enquadramento teórico, o paralelismo se encontra estudado sobretudo nas áreas da Retórica e da Oratória, sendo tratado enquanto figura de estilo ou fenómeno literário (Lausberg, 2004; Ferreira, 1995). Por outro lado, lembre-se sobretudo que Duarte (2003) chama a atenção para o facto de o paralelismo estrutural ser um mecanismo de coesão baseado na presença de “traços gramaticais comuns (*e.g.*, tempo, aspecto, diátese), da mesma ordem de palavras ou da mesma estrutura frásica em fragmentos textuais contíguos” (Duarte, 2003: 110). A autora faz também notar que estratégias como a repetição de léxico ou o estabelecimento de relações semânticas (*e.g.*, de oposição) podem muitas vezes ser identificadas em estruturas de paralelismo.

Considerando estas questões teóricas, foi possível identificar, nos dados recolhidos, exemplos de estruturas em que o paralelismo era realizado nos diferentes níveis acima mencionados, mas também a nível prosódico. Neste contexto, a literatura sobre paralelismo prosódico discutida no capítulo 2 deste trabalho foi igualmente tida em conta. Para além de aspectos mais consensuais como a cópia tonal realizada através de tons idênticos em constituintes prosódicos adjacentes, revelou-se de especial interesse a chamada de atenção de Wichmann (2000) a respeito de a análise de fala espontânea poder revelar dados que não

²⁶ Para uma discussão sobre o conceito de paralelismo, veja-se o capítulo 2 do presente trabalho.

encaixam nas predições dos modelos teóricos, obrigando, assim, a uma revisão dessas mesmas predições. Neste sentido, refira-se que a classificação dos exemplos recolhidos do *corpus* como casos de paralelismo prosódico se fez, primeiramente, com base na minha percepção de anotadora, com o objectivo de, numa fase posterior, se poder confrontar essa classificação com os dados provenientes da análise prosódica das estruturas de paralelismo.

Assim, não existindo, na literatura, nenhuma tipologia de estruturas de paralelismo com base em critérios linguísticos, construiu-se, a partir da articulação entre questões teóricas (nomeadamente, Duarte (2003) e Wichmann (2000)) e os exemplos recolhidos do *corpus*, uma tipologia de construções de paralelismo composta por seis categorias principais: paralelismo de construção, paralelismo lexical, paralelismo temporal, paralelismo semântico, paralelismo rimático e paralelismo prosódico.

Quanto ao paralelismo de construção, este diz respeito fundamentalmente à estrutura sintáctica das construções, mais concretamente à organização das orações ou dos sintagmas produzidos no discurso de modo a formar paralelos. O paralelismo lexical, por sua vez, divide-se em dois subtipos: (i) o paralelismo lexical de repetição, que, como a própria designação indica, corresponde aos processos de reiteração de léxico usados na construção de paralelos e (ii) o paralelismo lexical escalar, que designa casos em que as escolhas lexicais conduzem a um efeito de força crescente ou decrescente, criando, assim, uma escala. O terceiro tipo de paralelismo – o paralelismo temporal – está relacionado com as propriedades dos verbos e corresponde a situações em que as formas verbais partilham propriedades de tempo, modo ou traços de pessoa e número. Já o paralelismo semântico compreende três subtipos, que correspondem a diferentes tipos de relações semânticas que é possível estabelecer entre palavras ou expressões, a saber: (i) relações todo/parte (holonímia e meronímia), (ii) relações de hierarquia (hiperonímia e hiponímia) e (iii) relações de semelhança/oposição (sinonímia e antonímia). O paralelismo rimático diz respeito a fenómenos fonológicos que se podem traduzir em rimas ou aliterações. Finalmente, o paralelismo prosódico é definido, na senda de Bolinger (1989) e Wichmann (2000), como um mecanismo de coesão maioritariamente associado a cópia tonal, sendo que se considera *a priori* que poderão ser diversos os mecanismos que, perceptivamente, asseguram a sua realização.

Na Tabela 3, encontra-se esquematizada a tipologia de estruturas de paralelismo construída no âmbito deste trabalho, acompanhada de exemplos do *corpus*.

Tipo de Paralelismo		Exemplo
Paralelismo de Construção	Sintático	<i>Dissemo-lo # de uma maneira # já bastante insistente # durante o Terceiro e o Quarto Governo, # dissemo-lo de uma maneira # muito forte # durante a vigência do Quinto Governo, # que foi um governo minoritário, # que não tinha # [PAPEL] credibilidade # nacional nem internacional, # por isso o Presidente da República lhe chamou, e bem, # um governo de passagem, # dizemo-lo agora.</i> (f1_MS_1).
Paralelismo Lexical	De Repetição	<i>(...) tinha sido acordado, por exemplo, que ficasse um secretário de Estado comunista na Indústria, não ficou; # tinha depois <%aa> ficado <que se fica> <%aa> decidido que ficaria um secretário de Estado <%a> comunista no Comércio Externo, não ficou; # depois foi visto que ficava no Turismo, não ficou.</i> (f1_AC_26).
	Escalar	<i>(...) # nós, socialistas, # considerámos # que # era útil, # que era necessário, # que era mesmo # indispensável (...).</i> (f4_MS_364).
Paralelismo Temporal	De Tempo/Modo/Pessoa/Número	<i>(...) e, portanto, # não temos # que # oprimir esse povo, não temos que o meter dentro dos nossos esquemas mentais, # temos que o aceitar como ele é, # temos que desenvolver # o povo português.</i> (f4_MS_326).
Paralelismo Semântico	De Relações Todo/Parte (Holonímia e Meronímia)	(Não atestado no corpus.)
	De Relações de Hierarquia (Hiperonímia e Hiponímia)	<i>(...) a Revolução Portuguesa faz-se fundamentalmente em benefício das classes trabalhadoras, # <%aa> outras classes laboriosas da população, pequena burguesia, até extractos da média burguesia, # os camponeses, industriais e comerciantes pequenos e médios, pelas classes trabalhadoras no fundamental.</i> (f1_AC_11).
	De Relações de Semelhança/Oposição (Sinonímia e Antonímia)	<i>(...) ou vai com as forças progressistas, # com as forças da esquerda, # com as forças da Revolução, e ainda está a tempo de ir, # e então pode haver o tal bloco social e político que permita o encaminhar a Revolução para uma grande maioria, enfim, do nosso povo # ou, na verdade, continua a sua aliança com a direita, # com forças da reacção como o PPD (...).</i> (f1_AC_65).
Paralelismo Rimático	Rimas	<i>(...) gostaria de ver esses mesmos comunistas se estivessem no poder o que é que eles fariam e como é que eles reagem e com que ferocidade # eles reagiriam, se o estivessem.</i> (f1_MS_84).
	Aliterações	<i>Com= # armas, com milícias armadas, # na mão de pessoas que não são representativas (...).</i> (f2_MS_181).
Paralelismo Prosódico (Cf. dispositivo áudio na contracapa.)	Mecanismos de Cópia Tonal	<i>Portanto, não queremos, de forma nenhuma, # pois <%aa> <não> nem temos defendido, de forma nenhuma, # a instauração dum regime <%a> unipartidário; # não temos defendido, de forma nenhuma, # a instauração dum regime sem liberdade de imprensa, pelo contrário, temos defendido a mais ampla liberdade de imprensa (...).</i> (f2_AC_125). <i>Ora, o Partido Socialista já escolheu o seu campo desde sempre. O Partido Socialista é um partido de esquerda, # quer instaurar em Portugal # <uma> uma sociedade socialista, # portanto, uma sociedade sem classes, mas em liberdade, # mas respeitando os direitos do homem, mas através da democracia e do consenso popular majoritário, # não fará uma revolução, # nem irá para <um sa> um socialismo que # transforme este País numa ditadura.</i> (f1_MS_79).

Tabela 3: Tipologia de estruturas de paralelismo.

Com base nesta tipologia, procedeu-se à classificação das estruturas de paralelismo do *corpus*. Fruto desse trabalho, obtiveram-se os resultados abaixo (Tabela 4).

Interveniente	Tempo de Fala ²⁷	Estruturas de Paralelismo (N)	Estruturas de Paralelismo (%)
Álvaro Cunhal	1:38'01" (46,43%)	244	62,4%
Mário Soares	1:40'09" (47,44%)	147	37,6%
Total	3:18'10"	391	100%

Tabela 4: Estruturas de paralelismo na totalidade do *corpus*.

As 391 estruturas de paralelismo foram, então, classificadas de acordo com a tipologia apresentada na Tabela 3. Saliente-se, porém, que uma mesma estrutura pode pertencer a mais do que um tipo de paralelismo. Por exemplo, uma estrutura de paralelismo de construção pode também evidenciar marcas de paralelismo lexical e temporal. A este propósito, poder-se-á ainda citar o exemplo dado na Tabela 3 para paralelismo de construção, uma vez que este poderá ser igualmente tomado como um caso de paralelismo lexical (pela repetição das formas verbais do verbo “dizer”, mas também do sintagma preposicional “de uma maneira” e do nome “Governo”) e de paralelismo temporal (pela repetição do verbo “dizer” na 1.ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo e uma terceira vez também na 1.ª pessoa do plural, ainda que no presente do indicativo). A Tabela 5 apresenta os 391 casos de estruturas de paralelismo distribuídos pelos diferentes tipos de paralelismo. Advirta-se, porém, para o facto de, havendo a possibilidade de sobreposição de tipos de paralelismo numa mesma estrutura, a soma das percentagens apresentadas não perfazer 100%.

Interveniente		Paralelismo de Construção	Paralelismo Lexical	Paralelismo Temporal	Paralelismo Semântico	Paralelismo Rimático	Paralelismo Prosódico
Álvaro Cunhal	N	223 em 244	191 em 244	134 em 244	19 em 244	189 em 244	188 em 244
	%	91,4%	78,3%	54,9%	7,8%	77,5%	77%
Mário Soares	N	132 em 147	108 em 147	92 em 147	1 em 147	108 em 147	118 em 147
	%	89,8%	73,5%	62,6%	0,7%	73,5%	80,3%
Total	N	355 em 391	301 em 391	226 em 391	20 em 391	297 em 391 ²⁸	307 em 391
	%	90,8%	77%	57,8%	5,1%	76%	78,5%

Tabela 5: Distribuição das estruturas de paralelismo do *corpus* por tipo de paralelismo e por interveniente.

²⁷ As percentagens apresentadas dizem respeito à duração total do debate.

²⁸ Dos 297 casos de paralelismo rimático inicialmente registados, 256 decorrem da repetição de léxico, o que significa que apenas 43 correspondem a verdadeiros casos de rima e de aliteração. Assim, pode-se dizer que 11% do total de 391 casos de paralelismo identificados são casos de paralelismo rimático correspondentes a rimas e aliterações e que a percentagem de 76% indicada se deve, em grande parte, à repetição de léxico.

Refira-se, porém, que 20 destes exemplos (13 do interveniente Álvaro Cunhal e 7 do interveniente Mário Soares) não foram considerados para uma posterior análise prosódica, já que correspondem a momentos no debate em que há sobreposição de falantes ou ruído (*e.g.*, ruído de cadeiras a serem arrastadas, ruído de alguém a mexer em papel perto do microfone, etc.).

Uma observação mais minuciosa das estruturas de paralelismo do *corpus* permitiu identificar, em exemplos como os a seguir apresentados, a presença de um determinado tipo de estruturas associadas a momentos-chave do debate.

(7) <%aa> No que respeita à composição do Governo, # ainda hoje estamos à espera que sejam cumpridos os acordos, **tinha sido acordado, por exemplo, que ficasse um secretário de Estado comunista na Indústria, não ficou; # tinha depois <%aa> ficado <que se fica> <%aa> decidido que ficaria um secretário de Estado <%a> comunista no Comércio Externo, não ficou; # depois foi visto que ficava no Turismo, não ficou.** (f1_AC_26, o paralelismo por contraste encontra-se destacado a negrito).

(8) Ora, o Partido Socialista já escolheu o seu campo desde sempre. O Partido Socialista é um partido de esquerda, # quer instaurar em Portugal # <uma> uma sociedade socialista, # portanto, uma sociedade sem classes, **mas em liberdade, # mas respeitando os direitos do homem, mas através da democracia e do consenso popular majoritário, # não fará uma revolução, # nem irá para <um sa> um socialismo que # transforme este País numa ditadura** (...). (f1_MS_79, o paralelismo por contraste encontra-se destacado a negrito).

Note-se, pois, que estruturas como estas ocorrem em momentos em que cada um dos intervenientes do debate centra, de forma mais acérrima, a sua argumentação na refutação das ideias ou propostas do adversário, bem como na demarcação das suas ideias e propostas face às do adversário. De facto, neste contexto, e no que diz respeito ao paralelismo de construção, tornou-se evidente a existência de um subtipo de paralelismo, doravante designado paralelismo por contraste. O paralelismo por contraste pode, portanto, ser definido como um subtipo de paralelismo de construção em que estruturas gramaticais paralelas veiculam uma proposição que nega ou que restringe a aceitação do valor de verdade de uma

outra proposição anteriormente veiculada no discurso e armazenada no mesmo “conjunto contextual” (Stalnaker, 1978; Reinhart, 1982)²⁹.

Assim, as estruturas previamente classificadas como casos de paralelismo de construção foram alvo de uma nova análise com o objectivo de identificar os casos de paralelismo por contraste presentes no *corpus*. A Tabela 6 mostra, então, o número estruturas de paralelismo por contraste face ao número de casos de paralelismo de construção.

Interveniente		Paralelismo por Contraste
Álvaro Cunhal	N	37 em 223
	%	16,6%
Mário Soares	N	10 em 132
	%	7,6%
Total	N	47 em 355
	%	13,2%

Tabela 6: Estruturas de paralelismo por contraste do *corpus*.

Não obstante o número de estruturas de paralelismo por contraste indicar que este tem um peso quantitativo menor, quando comparado com o número total de estruturas de paralelismo de construção, a sua relevância no contexto do debate aqui em causa deve ser medida por outros factores. Entre estes factores, e como já foi referido, saliente-se que este tipo de estruturas surge em momentos cruciais do debate e tem como principal função discursiva veicular argumentos que refutem os argumentos do oponente. Deste modo, o contraste associado a estruturas de paralelismo parece contribuir decisivamente para clarificar as posições assumidas por cada um dos intervenientes no debate (e, conseqüentemente, pelos partidos políticos que cada um representa), ao mesmo tempo que serve o propósito de apresentar argumentos que influenciem as intenções de voto dos eleitores que assistem ao debate. Neste sentido, as estruturas aqui em causa são particularmente ilustrativas das vertentes de esclarecimento e de apelo à razão, apontadas na literatura já referida como características positivas associadas ao debate político.

Assim, e dada a importância que as estruturas de paralelismo por contraste assumem no discurso de Álvaro Cunhal e Mário Soares, optou-se por centrar a análise prosódica e sintáctica nessas mesmas estruturas.

²⁹ Para uma discussão detalhada deste conceito, veja-se o capítulo 2 do presente trabalho.

3.2.2. Seleção dos Dados

Definido o escopo do presente trabalho no que respeita ao tipo de estruturas estudadas, importa agora descrever os critérios de anotação tidos em conta para a análise do paralelismo por contraste.

Em primeiro lugar, delimitaram-se as estruturas em questão, procedendo-se, assim, à segmentação do discurso em 47 ficheiros áudio que correspondem aos 47 casos de paralelismo por contraste previamente identificados, com recurso ao programa *Cool Edit Pro*. A este respeito, note-se que a segmentação do discurso foi realizada de forma a respeitar as fronteiras do enunciado³⁰, para que o resultado obtido fosse sempre uma unidade de sentido completa. Saliente-se, ainda, que se procurou que o início e o fim de cada um dos ficheiros áudio correspondessem ao início e ao fim de uma frase³¹.

Posteriormente, procedeu-se à divisão dos enunciados em unidades mais pequenas, através da identificação dos sintagmas entoacionais maiores e menores que compõem cada um dos exemplos de paralelismo por contraste. Para tal, e como se explicará na secção 3.2.3., foi realizada uma anotação manual de índices de ruptura que permitiu, então, obter as unidades alvo de análise prosódica. Assim, através da anotação dos 47 exemplos de paralelismo por contraste, obteve-se um total de 1095 sintagmas entoacionais maiores e menores (cf. Tabela 7).

Interveniente	Constituintes Prosódicos
Álvaro Cunhal	789
Mário Soares	308
Total	1095

Tabela 7: Constituintes prosódicos das estruturas de paralelismo por contraste.

Dado o número elevado de constituintes prosódicos e a assinalável diferença quantitativa entre Álvaro Cunhal e Mário Soares, optou-se por extrair do total de 1095

³⁰ Na esteira de Oliveira (1996) e Gouveia (1996), entende-se por enunciado uma unidade discursiva fortemente marcada pelo indivíduo que a produz e pelo contexto em que é realizada. É também de notar que o enunciado pode ter uma extensão variável, uma vez que pode corresponder a várias frases, a uma só frase, a um sintagma, ou mesmo a uma palavra. Assinale-se ainda que, no contexto do presente trabalho, o facto de uma sequência discursiva corresponder a uma unidade de sentido completa foi um dos critérios essenciais na classificação dessa mesma sequência como enunciado.

³¹ As únicas excepções a esta regra são situações (i) em que se registava sobreposição de falantes ou ruído justamente em início ou final de frase e (ii) em que se observava a presença de muitas orações encaixadas, tornando-se assim a frase excessivamente longa.

constituintes prosódicos uma amostra, tal como apresentado na Tabela 8. Esta opção teve como principal objectivo garantir que, quantitativamente, houvesse o máximo de igualdade possível entre os dados tratados para cada um dos intervenientes no debate, evitando-se, assim, que os resultados obtidos pudessem ser enviesados pela diferença numérica evidente na Tabela 7. Ao seleccionar os exemplos de paralelismo por contraste a incluir na amostra analisada, procurou-se que aqueles fossem representativos das estruturas sintácticas mais utilizadas pelos dois líderes políticos, mas, simultaneamente, que fossem ilustrativos da variedade de estruturas usadas por cada um³².

Tipo de Constituinte	Interveniente		
	Álvaro Cunhal	Mário Soares	Total
Constituintes-alvo (T)	115 (28,4%)	116 (28,6%)	231 (57%)
Constituintes de Contexto (C)	46 (11,4%)	53 (13,1%)	99 (24,4%)
Constituintes de Controlo (Ctrl)	38 (9,4%)	37 (9,1%)	75 (18,5%)
Total	199 (49,1%)	206 (50,9%)	405 (100%)

Tabela 8: Constituintes prosódicos seleccionados para análise.

Como se pode observar na tabela acima, os 405 constituintes prosódicos analisados³³ encontram-se divididos em três tipos, atendendo à sua natureza distinta. Deste modo, e tendo em conta que se segmentaram os exemplos respeitando as fronteiras do enunciado, mencione-se que a análise prosódica incidiu sobre as estruturas de paralelismo por contraste e sobre as sequências que servem de contexto às mesmas. Assim, foi feita uma distinção entre constituintes-alvo (T) – que constituem as estruturas de paralelismo por contraste – e constituintes de contexto (C) – que fazem parte do enunciado em que está inserida a estrutura de paralelismo por contraste, embora não possam ser considerados estruturas de contraste, tendo, portanto, a função de enquadrar contextualmente as proposições veiculadas pelas estruturas-alvo.

Como mostra o exemplo abaixo transcrito, os constituintes de contexto podem anteceder ou seguir os constituintes-alvo. Note-se que, em casos mais raros, podemos ter

³² Para a lista completa das estruturas de paralelismo por contraste seleccionadas para análise, ver Anexo 1.

³³ Note-se que, para além dos 405 constituintes indicados na Tabela 8, foram ainda identificados 25 constituintes disfluents (distribuídos pelos dois intervenientes e pelos diferentes tipos de constituinte), sendo que estes foram excluídos da análise. Trata-se de constituintes formados unicamente por pausas preenchidas, fragmentos ou estruturas abandonadas que não têm influência na estrutura sintáctica e informacional do discurso e que, do ponto de vista prosódico, são caracterizados por contornos estacionários e/ou não influenciam a estrutura prosódica dos enunciados. Sobre o tratamento de disfluências, veja-se Moniz (2006 e trabalhos subsequentes).

constituintes de contexto entre constituintes-alvo, tal como acontece, por exemplo, em situações em que o paralelismo por contraste é interrompido por orações parentéticas.

(9) Isto para dizer # que no que respeita, enfim, à= responsabilidade histórica, o Partido Socialista tem, neste momento, uma grande responsabilidade histórica. # E a responsabilidade histórica é esta: **ou vai com as forças progressistas, # com as forças da esquerda, # com as forças da Revolução**, e ainda está a tempo de ir, # e então pode haver o tal bloco social e político que permita o encaminhar a Revolução para uma grande maioria, enfim, do nosso povo # **ou, na verdade, continua a sua aliança com a direita, # com forças da reacção como o PPD, # com <a> alianças, digamos, contra natura # com o CDS**, # na prática, ainda que depois diga que não está de acordo com a presença nas mesmas iniciativas. (f1_AC_65; o paralelismo por contraste encontra-se destacado a negrito, correspondendo o restante texto a sequências de contexto).

Finalmente, e ainda em relação aos constituintes de contexto, é de referir que estes podem constituir casos de paralelismo, embora não de paralelismo por contraste. Tal facto é explicado por ser possível encontrar mais do que um caso de estruturas paralelas num mesmo enunciado, como já se havia chamado a atenção e se pode verificar no exemplo abaixo transcrito.

(10) Este País que é Portugal # tem uma história, # que tem um povo, # que tem valores, # que tem # <um um um> uma civilização # que nós temos que defender e que temos que adaptar # <à à à> à idiossincrasia do próprio povo ao qual nós pertencemos # e, portanto, # não temos # que # oprimir esse povo, não temos que o meter dentro dos nossos esquemas mentais, # temos que o aceitar como ele é, # temos que desenvolver # o povo português. (f4_MS_326; a negrito encontra-se o paralelismo por contraste e sublinhados estão os constituintes de contexto que formam uma outra estrutura de paralelismo).

Além dos constituintes acima referidos, foi também seleccionado um conjunto de itens de controlo. Estes correspondem a frases declarativas, simples ou complexas, que não constituem estruturas de paralelismo nem fazem parte de enunciados em que haja estruturas de paralelismo, caracterizando-se, sobretudo, pela neutralidade, isto é, por não terem uma ordem de palavras marcada e uma realização prosódica associada a ênfase.

(11) Quanto ao MFA, # nós pensamos que é uma realidade diferente das Forças Armadas no seu conjunto. (f2_AC_controlo7).

A partir destes itens de controlo, foi, então, obtido o conjunto de constituintes de controlo (Ctrl), com o objectivo de comparar estes com os constituintes-alvo e com os constituintes de contexto³⁴.

3.2.3. Anotação dos Dados

Quanto à anotação prosódica dos dados, importa, antes de mais, referir que esta foi realizada no *Praat* (Boersma & Weenink, 2009) e teve por base a segmentação dos enunciados previamente seleccionados em sintagmas entoacionais maiores e menores. Importa também referir que foram seguidas as convenções do sistema ToBI (Beckman *et al.*, 2005) na determinação das fiadas a constar de cada ficheiro anotado. Nesta primeira fase de anotação, tal opção traduz-se, por isso, na inclusão da fiada da palavra e da fiada de índices de ruptura.

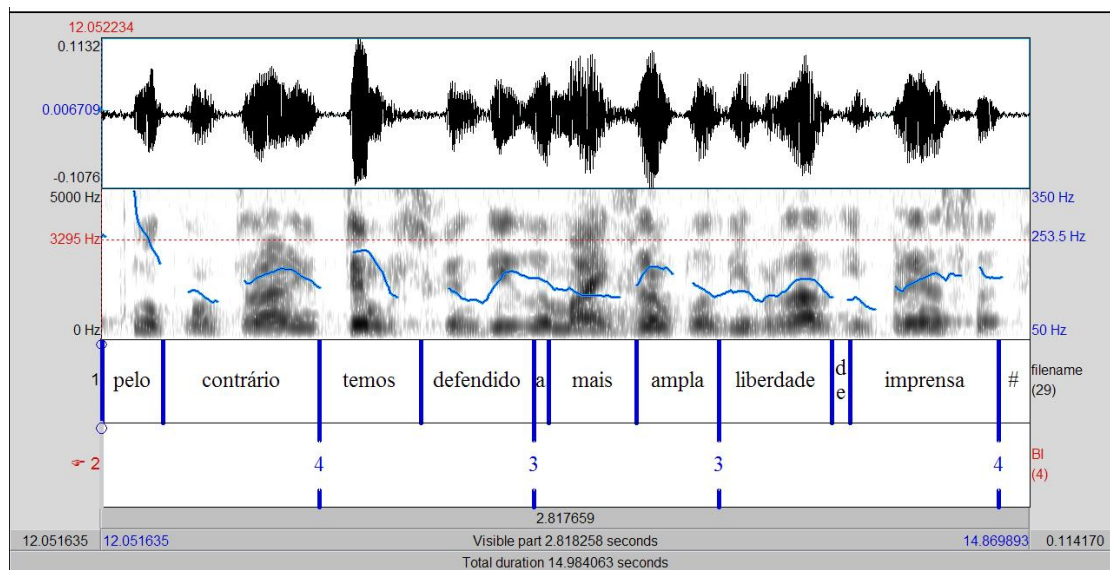


Figura 2: Exemplo da anotação de índices de ruptura no *Praat*.

Tal como ilustrado pela Figura 2, os índices de ruptura considerados foram os de nível 3 e de nível 4, que correspondem às fronteiras de sintagmas entoacionais menores e maiores,

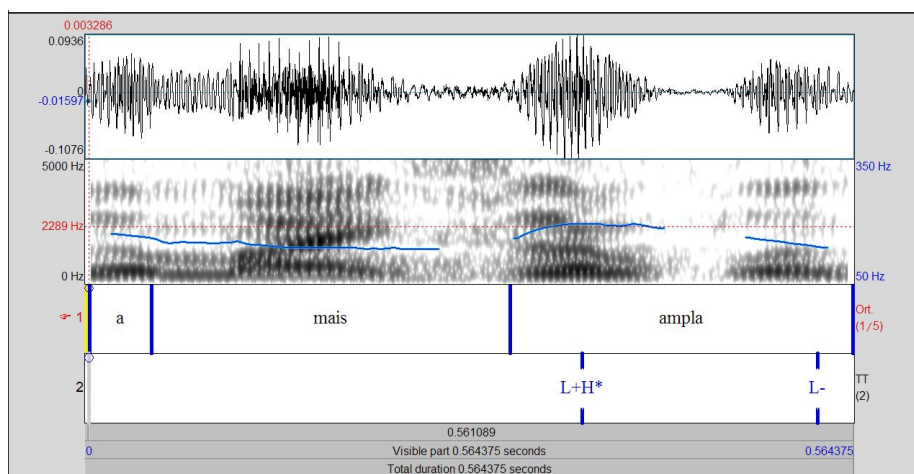
³⁴ Para a lista completa de itens de controlo seleccionados para análise, ver Anexo 2.

respectivamente. Na sua anotação, foram tidas em conta as directivas existentes para o PE descritas no sistema *Towards a P_ToBI* (Viana *et al.*, 2007).

*These two levels show boundaries of different strength: the major IP boundary (which is the outer boundary) shows a wider pitch range and bigger final lengthening than the minor IP boundary (which is the inner boundary within the compound IP phrase). (...) Consequently, we propose to mark minor IPs and major IPs with respectively break indices 3 and 4, and use – and % to directly code this boundary strength difference in the ToBI Tones-tier (and not the distinction between intonational and intermediate phrases). (Viana *et al.*, 2007: 2).*

Posto isto, e mediante a anotação e alinhamento prévios dos índices de ruptura com o sinal de fala, recorreu-se a um *script*³⁵ para cortar os ficheiros *Praat* correspondentes aos enunciados em ficheiros mais pequenos, correspondentes aos sintagmas entoacionais. Deste modo, a subsequente tarefa de anotação tonal e análise de parâmetros acústicos foi realizada sobre estes últimos ficheiros.

Numa segunda fase, foi, então, realizada a anotação manual da fiada de tons, de acordo com as convenções do sistema ToBI (Beckman *et al.*, 2005). Nesta anotação foram considerados quatro pontos distintos em cada constituinte: tom-fronteira inicial, acento pré-nuclear, acento nuclear e tom-fronteira final.



³⁵ O *script* usado nesta tarefa é da autoria de Pauline Welby (<http://www.ling.ohiostate.edu/~welby/praat.html>) e é denominado "chop-long-soundfile".

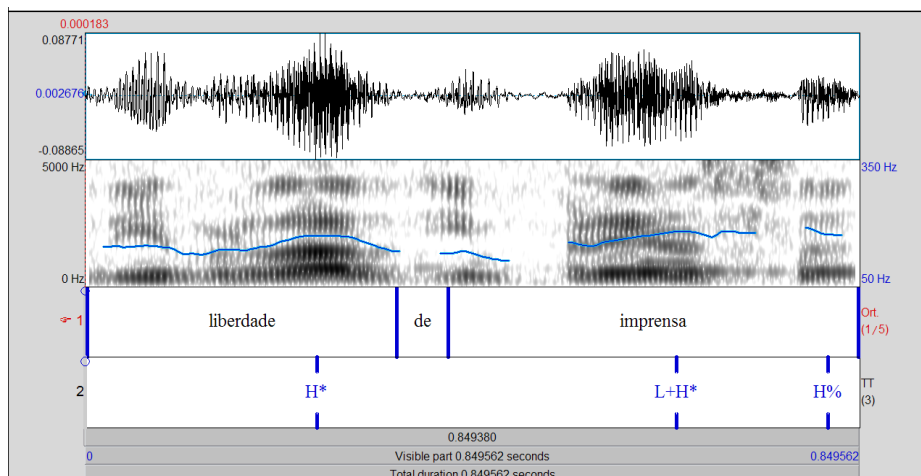


Figura 3: Exemplos da anotação da fiada tonal no Praat.

Em relação aos acentos tonais, a anotação foi norteadora pelo inventário de acentos pré-nucleares e nucleares descrito para o PE, em sistema *Towards a P_ToBI* (Viana *et al.*, 2007), o mesmo se aplicando aos tons-fronteira. No que respeita a estes últimos, note-se ainda que foi aqui adoptada a notação “X” e “g”, tal como proposto por Viana, Mata & Mascarenhas (1999). Desta forma, estes símbolos devem anteceder as etiquetas H ou L, indicando, no caso de “X”, “uma fronteira de constituinte entoacional maior/menor que termina numa palavra oxítónica” e, no caso de “g”, a presença de “pelo menos uma sílaba pós-tónica no final dos constituintes entoacionais e esta é desvozeada” ou a observação de “irregularidades que o detector de frequência fundamental não identifica” (Viana, Mata & Mascarenhas, 1999: s.p.).

A análise prosódica compreendeu ainda parâmetros acústicos, tendo sido extraídas medidas locais e globais. Assim, a nível das medidas locais, foram extraídos, para cada constituinte prosódico, os valores de f_0 correspondentes aos *targets* altos (H) e baixos (L) nos acentos pré-nucleares e nucleares, bem como nos tons-fronteira iniciais e finais. Por outro lado, foram também tidas em conta medidas que dizem respeito ao constituinte enquanto unidade, isto é, medidas globais. Entre estas contam-se a duração (calculada em segundos), o número de sílabas (fonológicas), os valores máximos e mínimos de energia (extraídos em decibéis) e os valores máximos, mínimos e de amplitude de f_0 ³⁶ (extraídos em hertz). Note-se, por último, que as medidas de energia e de f_0 foram extraídas automaticamente com recurso a

³⁶ Neste caso, a amplitude de f_0 corresponde à diferença entre o valor máximo e o valor mínimo de f_0 do constituinte.

*scripts*³⁷ e que, no caso dos valores de f_0 , estes foram convertidos de uma escala linear (hertz) para uma escala logarítmica (semitons), de modo a permitir a comparação entre as produções dos dois falantes, ainda que estes apresentem diferentes níveis de variação de *pitch*³⁸.

3.2.4. Tratamento dos Dados

Para o tratamento dos dados, houve a necessidade de constituir uma base de dados que permitisse organizar e relacionar os diferentes níveis de informação registados, com vista a uma posterior análise estatística.

Deste modo, foi criado um ficheiro *Excel* com 45 campos, em que as colunas identificam os diferentes campos considerados para análise e cada linha corresponde a um constituinte prosódico. Quanto aos campos correspondentes às colunas, estes podem ser divididos em três grupos: (i) os campos que dizem respeito à identificação dos constituintes prosódicos; (ii) os campos dedicados à classificação dos constituintes quanto ao(s) tipo(s) de paralelismo(s) e quanto à sua natureza e (iii) os campos correspondentes aos parâmetros prosódicos considerados na anotação.

Assim, incluem-se, no primeiro grupo, os seguintes campos: “Interveniente”, que identifica através das iniciais AC (para Álvaro Cunhal) e MS (para Mário Soares) quem produziu cada constituinte prosódico; “Transcrição”, que contém a transcrição de cada enunciado; “Número de Ficheiro”, em que é codificado o número do ficheiro de que foi extraído cada constituinte prosódico; “Número de Constituinte”, em que é codificada a ordem pela qual cada constituinte é produzido em cada enunciado.

Já no segundo grupo estão incluídos os 7 campos correspondentes à tipologia de paralelismo aqui proposta: paralelismo de construção, paralelismo lexical, paralelismo temporal, paralelismo semântico, paralelismo rimático, paralelismo prosódico e – o subtipo de paralelismo de construção – paralelismo por contraste. Todos estes campos foram codificados com um valor binário (“sim” e “não”) conforme os constituintes prosódicos estejam ou não inseridos em estruturas de cada um dos diferentes tipos de paralelismo. Também o campo “Tipo de Constituinte” contém informação sobre a natureza dos constituintes analisados,

³⁷ Na extracção das medidas de f_0 , foram usados os *scripts* “label_tones_alignment” e “get-values-DI-focus”, da autoria de Pauline Welby (<http://www.ling.ohio-state.edu/~welby/praat.html>) e modificados por Amelie Dorn (<http://www.tcd.ie/slscs/postgraduate/phd-masters-research/student-pages/ameliedorn.php>) para poderem ser aplicados aos dados do Português. Já para as medidas de energia, recorreu-se ao *script* “get-intensity” da autoria de Shigeto Kawahara (http://www.rci.rutgers.edu/~kawahara/scripts/get_intensity_minmax.praat).

³⁸ Para uma discussão sobre diferentes escalas de medição de *pitch*, ver Nolan (2003) e, para a aplicação de uma escala logarítmica em semitons na análise de dados do PE, ver Mata (1999) e Falé (2005).

sendo que cada um foi classificado como constituinte-alvo (através da inicial “T”), constituinte de contexto (identificado por “C”) ou constituinte de controlo (codificado como “Ctrl”).

Nos restantes campos foram inseridos os dados recolhidos através da análise prosódica. Desta forma, os campos “Índice de Ruptura”, “Duração” e “Número de Sílabas” permitiram registar o nível (3 ou 4) do índice de ruptura, a duração em segundos e o número de sílabas fonológicas de cada constituinte prosódico, respectivamente. Por outro lado, nos campos “Tom-fronteira Inicial”, “Acento Pré-nuclear”, “Acento Nuclear” e “Tom-fronteira Final” foram inseridos, como os próprios nomes indicam, as etiquetas usadas na anotação de cada acento tonal e tom-fronteira. Ainda relacionado com os tons-fronteira finais, foi também incluído o campo “Características da Fronteira”, em que se indica se o final de cada constituinte prosódico é marcado por uma sílaba final “vozeada” ou “desvozeada” ou, ainda, por uma palavra “oxítona”. Quanto às medidas locais de f_0 , lembre-se que foram medidos os *targets* altos e baixos para cada um dos acentos tonais e tons-fronteira considerados, pelo que foi necessário incluir na base de dados um campo para cada um destes valores, bem como para a marcação temporal (em segundos) da sua ocorrência. Note-se ainda que, tendo estas medidas sido extraídas em hertz e posteriormente convertidas em semitons, foram atribuídos dois campos para cada medida de f_0 dando conta dos valores obtidos em cada uma das escalas referidas. De modo a tornar mais claro que campos da base de dados foram dedicados ao registo de valores de f_0 , veja-se a Tabela 9, abaixo.

Tom-fronteira Inicial	“F0 máx. da fronteira inicial_hz”
	“F0 máx. da fronteira inicial_ST”
	“Tempo F0 máx. da fronteira inicial”
	“F0 mín. da fronteira inicial_hz”
	“F0 mín. da fronteira inicial_ST”
	“Tempo F0 mín. da fronteira inicial”
Acento Pré-nuclear	“F0 máx. do acento pré-nuclear_hz”
	“F0 máx. do acento pré-nuclear_ST”
	“Tempo F0 máx. do acento pré-nuclear”
	“F0 mín. do acento pré-nuclear_hz”
	“F0 mín. do acento pré-nuclear_ST”
	“Tempo F0 mín. do acento pré-nuclear”
Acento Nuclear	“F0 máx. do acento nuclear_hz”
	“F0 máx. do acento nuclear_ST”
	“Tempo F0 máx. do acento nuclear”
	“F0 mín. do acento nuclear_hz”
	“F0 mín. do acento nuclear_ST”
	“Tempo F0 mín. do acento nuclear”

Tom-fronteira Final	"F0 máx. da fronteira final_hz"
	"F0 máx. da fronteira final_ST"
	"Tempo F0 máx. da fronteira final"
	"F0 mín. da fronteira final_hz"
	"F0 mín. da fronteira final_ST"
	"Tempo F0 mín. da fronteira final"

Tabela 9: Campos da base de dados atribuídos ao registo de medidas locais de f_0 .

Seguindo a mesma lógica, as medidas globais de máximo, mínimo e amplitude de f_0 de cada constituinte prosódico foram distribuídas por 6 campos: "F0 máx. do constituinte_hz", "F0 máx. do constituinte_ST", "F0 mín. do constituinte_hz", "F0 mín. do constituinte_ST", "F0 amplitude do constituinte_hz" e "F0 amplitude do constituinte_ST". Finalmente, os valores de máximo e mínimo de energia de cada constituinte prosódico encontram-se nos campos "máx. energia" e "mín. energia".

Posteriormente, e com o objectivo de proceder à análise estatística dos dados recolhidos, os campos da base de dados foram exportados para um ficheiro do programa *SPSS* (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 18.0.0. As únicas excepções, ou seja, os únicos campos que não foram exportados para o ficheiro do *SPSS*, correspondem ao campo da "Transcrição" e aos campos dedicados ao registo do tempo associado a cada valor de f_0 retirado no contexto das medidas locais, por não serem relevantes para a realização da análise estatística.

Antes mesmo de descrever de que forma se procedeu à análise estatística, ressalve-se que não foi possível analisar os dados relativos ao tom-fronteira inicial, dado o baixo número de ocorrências: foram registadas apenas seis ocorrências de tom-fronteira inicial (2 produzidas por Álvaro Cunhal e 4 produzidas por Mário Soares), todas em constituintes-alvo. Além disso, é de notar que, como anteriormente mencionado, ocorrem por vezes fenómenos de desvozeamento nas fronteiras finais (64 casos nos dados de Álvaro Cunhal e 41 nos dados de Mário Soares) ou a última palavra do constituinte prosódico é uma palavra oxítone que recebe o acento nuclear do constituinte (48 casos nos dados de Álvaro Cunhal e 82 nos dados de Mário Soares), sendo que, em tais condições, não foi possível obter medidas de f_0 fiáveis para as fronteiras.

Por outro lado, a análise estatística incidiu sobre o total de 405 acentos nucleares anotados, enquanto, no caso dos acentos pré-nucleares, incidiu sobre o total de 172

ocorrências (100 nas produções de Álvaro Cunhal e 72 nas produções de Mário Soares) identificadas.

Deste modo, importa referir que, na análise estatística inferencial, se aplicou para todos os dados quantitativos a ANOVA (F) e o Teste-T (t) para amostras independentes (e sempre que se comprovou a normalidade e, no caso da ANOVA, também a homogeneidade da amostra). Em relação à ANOVA, na comparação das variáveis face aos diferentes tipos de constituintes, foi usado também o teste Post-Hoc de Bonferroni. Por outro lado, sempre que não se comprovou a normalidade, recorreu-se aos testes não-paramétricos Mann-Whitney (U) – para a comparação de duas amostras independentes – e Kruskal-Wallis (H) – para a comparação de mais do que duas amostras independentes. Já para os dados categoriais, designadamente os dados respeitantes aos acentos tonais e aos tons-fronteira, recorreu-se ao teste Qui-Quadrado (χ^2).

Refira-se, ainda, que todos os testes foram realizados com um nível de significância de 0,05, para um intervalo de confiança de 95%, excepto no caso do Mann-Whitney usado para mais do que uma comparação, em que se procedeu a uma correcção de Bonferroni³⁹.

³⁹ A correcção de Bonferroni consiste na divisão do nível de significância pelo número p de testes simultâneos efectuados. No caso concreto dos dados analisados, foi necessário comparar os três tipos de constituintes (constituintes-alvo, constituintes de contexto e constituintes de controlo) uns com os outros, pelo que se realizaram três testes. Assim, o nível de significância abaixo do qual se rejeitou H_0 foi de $< 0,017$ ($0,05/3 = 0,017$).

4. Descrição dos Dados

No presente capítulo, descrever-se-ão os resultados da análise dos constituintes prosódicos, tendo em conta a análise dos parâmetros acústicos duração, número de sílabas, energia e medidas de f_0 , bem como a anotação de acentos tonais e tons-fronteira, e incluindo os resultados da análise estatística (descritiva e inferencial) de que os dados foram alvo. Assim, a descrição dos dados estará organizada em quatro secções: na 4.1. dar-se-á conta dos resultados obtidos para as medidas globais, na 4.2. para as medidas locais, na 4.3. para os acentos tonais e, finalmente, na 4.4. para os tons-fronteira.

Ressalve-se ainda que, com base nos dados relativos aos acentos tonais e aos tons-fronteira aqui descritos, se apresentará também uma análise qualitativa dos exemplos de paralelismo por contraste. Tal análise resulta de uma reflexão particular sobre cada uma das estruturas de paralelismo por contraste, no sentido de verificar que tipos de relações é possível estabelecer entre a melodia, o fraseamento e a estrutura sintáctica dos membros paralelísticos. Pela sua natureza distinta e por decorrer da análise prévia dos dados que se apresentam neste capítulo, esta análise constará do capítulo dedicado à discussão dos dados.

4.1. Medidas Globais

4.1.1. Duração

Para o parâmetro duração, há a registar, em primeiro lugar, a existência de diferenças estatisticamente significativas nos valores de duração dos constituintes por interveniente ($U = 17865, p = ,025$).

Já na comparação dos valores de duração por tipo de constituinte, verificou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os valores de duração dos constituintes-alvo e dos constituintes de contexto ($U = 8957,5, p = ,002$) e entre os valores de duração dos constituintes de contexto e dos constituintes de controlo ($U = 2341, p < ,001$).

Quando se comparam os valores de duração dos constituintes por cada um dos intervenientes no debate, verifica-se que:

(i) no caso do interveniente Álvaro Cunhal, há diferenças estatisticamente significativas entre os valores de duração dos constituintes-alvo e dos constituintes de controlo ($U = 1535, p = ,006$) e entre os valores de duração dos constituintes de contexto e dos constituintes de controlo ($U = 527, p = ,002$);

(ii) no caso do interveniente Mário Soares, existem diferenças estatisticamente significativas entre os valores de duração dos constituintes-alvo e dos constituintes de contexto ($U = 2027,5$, $p < ,001$) e entre os valores de duração dos constituintes de contexto e dos constituintes de controlo ($U = 650$, $p = ,007$).

Finalmente, é de notar que os constituintes com maior duração são os constituintes de contexto, seguidos dos constituintes-alvo e dos de controlo, sendo esta tendência geral seguida pelos dois intervenientes, como mostra o Gráfico 1.

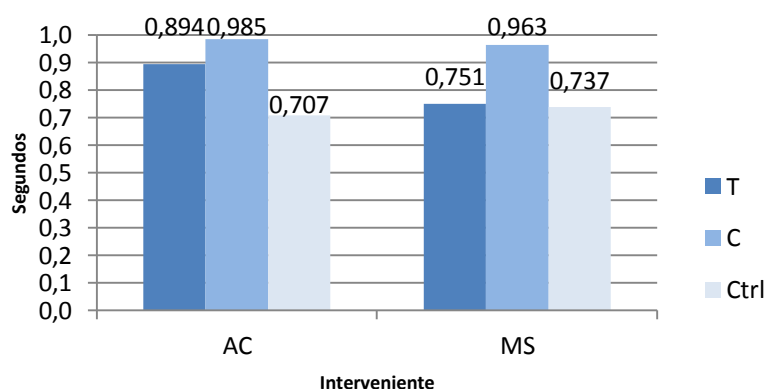


Gráfico 1: Duração – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.⁴⁰

4.1.2. Número de Sílabas

Em relação ao número de sílabas por constituinte, há a registar, em primeiro lugar, diferenças estatisticamente significativas quanto ao número de sílabas do constituinte por interveniente ($U = 13108$, $p < ,001$).

Por sua vez, ao confrontar os dados dos três tipos de constituinte, verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e dos constituintes de contexto ($U = 9388,5$, $p = ,010$) e entre os valores dos constituintes de contexto e dos constituintes de controlo ($U = 2600$, $p = ,001$).

Já na comparação do número de sílabas dos diferentes tipos de constituinte por cada um dos intervenientes no debate, verifica-se que:

(i) no caso do interveniente Álvaro Cunhal, há diferenças estatisticamente significativas entre o número de sílabas dos constituintes-alvo e dos constituintes de controlo

⁴⁰ Em todos os gráficos apresentados, e na sequência do adoptado na base de dados, os tipos de constituintes serão identificados da seguinte forma: os constituintes-alvo correspondem a T, os constituintes de contexto a C e os constituintes de controlo a Ctrl. Do mesmo modo, os nomes dos dois líderes políticos também serão abreviados de acordo com as iniciais dos seus nomes, pelo que Álvaro Cunhal será identificado como AC e Mário Soares como MS.

($U = 1536$, $p = ,006$) e entre o número de sílabas dos constituintes de contexto e o dos constituintes de controlo ($U = 502$, $p = ,001$);

(ii) no caso do interveniente Mário Soares, há apenas diferenças estatisticamente significativas entre constituintes-alvo e constituintes de contexto ($U = 2263,5$, $p = ,006$).

Por último, é de notar que, para os dois intervenientes, os constituintes com maior número de sílabas são os de contexto, embora se observe uma variação entre os dois falantes nos demais tipos de constituinte. Assim, registre-se que, em Álvaro Cunhal, são os constituintes de controlo os que apresentam menor número de sílabas, enquanto, em Mário Soares, são os constituintes-alvo que têm um menor número de sílabas (cf. Gráfico 2).

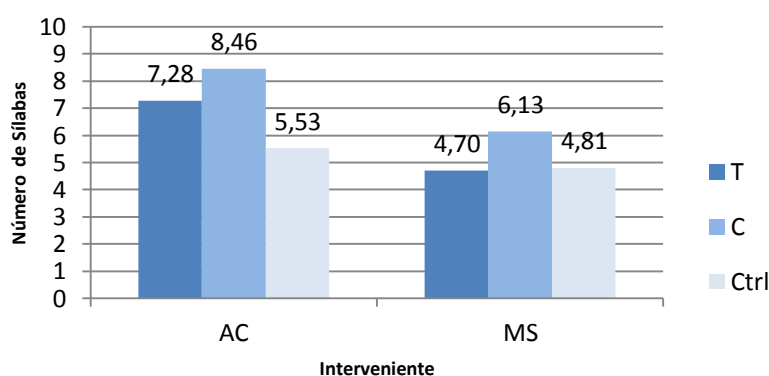


Gráfico 2: Número de sílabas – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.

4.1.3. Energia

No que diz respeito ao parâmetro energia, foram extraídos os valores correspondentes ao máximo e mínimo de cada constituinte.

Valores Máximos

Em primeiro lugar, note-se a existência de diferenças estatisticamente significativas nos valores máximos de energia dos constituintes por interveniente ($U = 14509$, $p < ,001$).

Na comparação dos valores máximos de energia por tipo de constituinte, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e dos constituintes de controlo ($U = 6386$, $p = ,001$) e entre os valores dos constituintes de contexto e dos constituintes de controlo ($U = 2660$, $p = ,001$).

Quando se comparam os valores máximos de energia dos constituintes por cada um dos intervenientes no debate, verifica-se que:

(i) no caso do interveniente Álvaro Cunhal, os três tipos de constituintes não diferem significativamente quanto aos valores máximos de energia ($H(2) = 1,531, p = ,465$);

(ii) no caso do interveniente Mário Soares, há diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e dos constituintes de controlo ($F(2, 203) = 35,67, p < ,001$) e entre os valores dos constituintes de contexto e dos constituintes de controlo ($F(2, 203) = 35,67, p < ,001$).

Por último, saliente-se que existe variação entre os dois intervenientes, pois, nos dados de Álvaro Cunhal, os constituintes com valores máximos de energia mais elevados são os constituintes-alvo, seguidos dos de controlo e dos de contexto, ao passo que, nos dados de Mário Soares, são os constituintes de contexto que apresentam os valores mais elevados, seguidos dos constituinte-alvo e, finalmente, dos constituintes de controlo, como se pode observar no Gráfico 3.

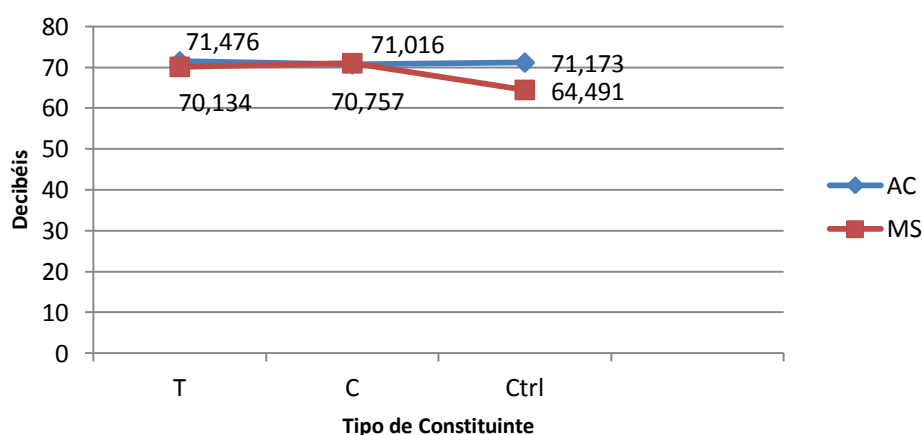


Gráfico 3: Máximo de energia – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.

Valores Mínimos

Ao comparar os valores mínimos de energia dos constituintes, observou-se que não há diferenças significativas por interveniente ($U = 18340, p = ,067$).

Verifica-se também que apenas há diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de contexto ($U = 8733, p < ,001$).

Através da comparação dos valores mínimos de energia dos diferentes tipos de constituintes por cada um dos intervenientes no debate, regista-se que:

(i) no caso do interveniente Álvaro Cunhal, os constituintes-alvo, de contexto e de controlo não diferem significativamente quanto aos valores mínimos de energia ($H(2) = 2,904$, $p = ,234$);

(ii) no caso do interveniente Mário Soares, somente os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de contexto mostram diferenças estatisticamente significativas ($U = 1869$, $p < ,001$).

Finalmente, é de notar que os constituintes com valores mínimos de energia mais baixos são os constituintes de contexto. Já no que respeita aos restantes tipos de constituinte, note-se que, no caso de Álvaro Cunhal, os valores mínimos dos constituintes de controlo são ligeiramente mais elevados do que os dos constituintes-alvo, ao passo que, nos dados de Mário Soares, são os constituintes-alvo que apresentam valores mais elevados do que os de controlo (cf. Gráfico 4).

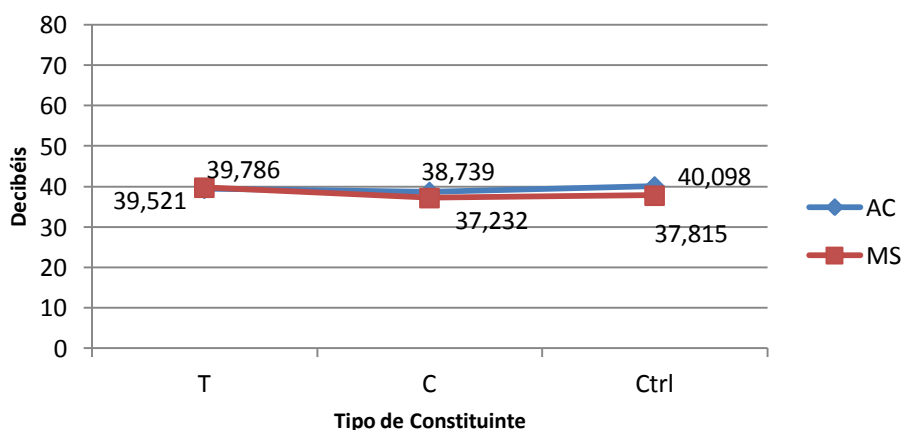


Gráfico 4: Mínimo de energia – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.

4.1.4. f_0

Para cada constituinte prosódico anotado, foram extraídas medidas respeitantes ao máximo, mínimo e amplitude de f_0 .

Valores Máximos

Em primeiro lugar, é de registar que há diferenças estatisticamente significativas nos valores máximos de f_0 dos constituintes por interveniente ($U = 17078$, $p = ,004$).

Nos valores máximos de f_0 por tipo de constituinte, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de

controlo ($U = 3149, p < ,001$) e entre os valores dos constituintes de contexto e os dos constituintes de controlo ($U = 1114, p < ,001$).

Quando se comparam os valores máximos de f_0 dos diferentes tipos de constituinte por cada um dos intervenientes no debate, verifica-se que:

(i) no caso do interveniente Álvaro Cunhal, há diferenças significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de controlo ($U = 1094, p < ,001$) e entre os valores dos constituintes de contexto e os dos constituintes de controlo ($U = 370, p < ,001$);

(ii) no caso do interveniente Mário Soares, há também diferenças significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de controlo ($U = 457, p < ,001$) e entre os valores dos constituintes de contexto e os dos constituintes de controlo ($U = 183, p < ,001$).

Por último, refira-se que os constituintes com valores máximos de f_0 mais altos são os constituintes-alvo, seguidos dos constituintes de contexto e dos de controlo, sendo esta tendência geral seguida pelos dois intervenientes (cf. Gráfico 5).

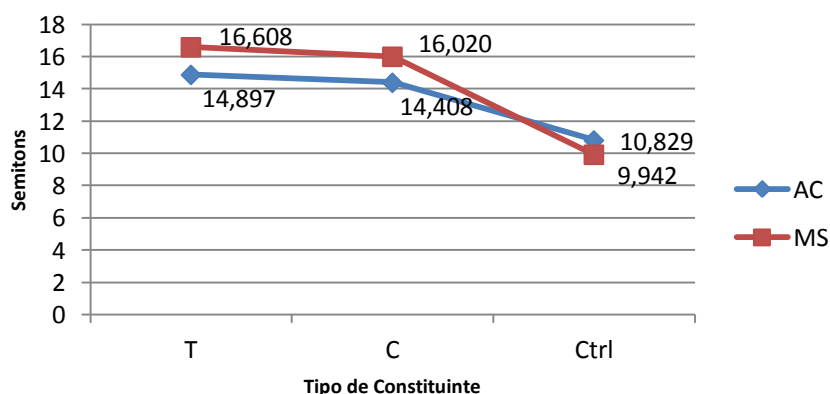


Gráfico 5: Máximo de f_0 – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.

Valores Mínimos

Em primeiro lugar, há a registar a existência de diferenças estatisticamente significativas nos valores mínimos de f_0 dos constituintes por interveniente ($U = 15709, p < ,001$).

Já na comparação dos valores mínimos de f_0 por tipo de constituinte, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de controlo ($U = 4910, p < ,001$) e entre os valores dos constituintes de contexto e os dos constituintes de controlo ($U = 2478, p < ,001$).

Ao comparar os valores mínimos de f_0 dos diferentes tipos de constituinte por cada um dos intervenientes no debate, verifica-se que:

(i) no caso do interveniente Álvaro Cunhal, há diferenças significativas entre os valores dos constituintes-alvo e dos constituintes de controlo ($U = 1545, p = ,007$);

(ii) no caso do interveniente Mário Soares, há diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de controlo ($F(2, 203) = 18,882, p < ,001$), entre os dos constituintes de contexto e os dos constituintes de controlo ($F(2, 203) = 18,882, p = ,011$) e entre os dos constituintes-alvo e os dos constituintes de contexto ($F(2, 203) = 18,882, p = ,009$).

Finalmente, é de notar que os constituintes com valores mínimos de f_0 mais altos são os constituintes-alvo, seguidos dos constituintes de contexto e dos de controlo, sendo esta tendência geral seguida pelos dois intervenientes (cf. Gráfico 6).

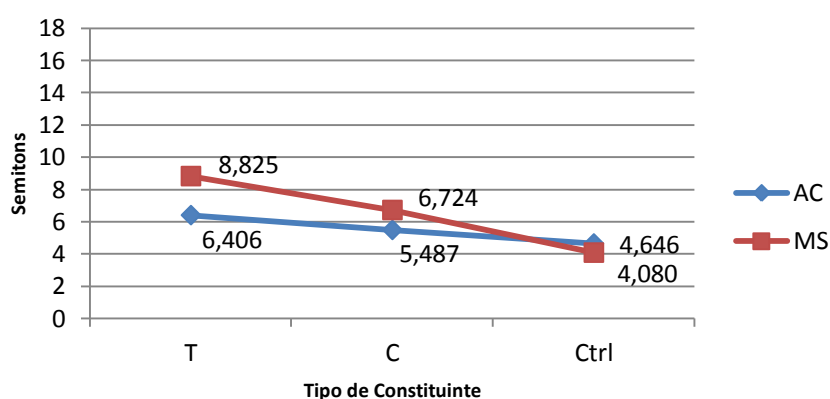


Gráfico 6: Mínimo de f_0 – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.

Amplitude

Em primeiro lugar, há a registar que os valores de amplitude de f_0 dos constituintes não diferem significativamente por interveniente ($U = 19268, p = ,297$).

Na análise dos valores de amplitude de f_0 por tipo de constituinte, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre constituintes-alvo e constituintes de controlo ($U = 6289, p < ,001$), entre constituintes de contexto e constituintes de controlo ($U = 2012, p < ,001$) e entre constituintes-alvo e constituintes de contexto ($U = 9420, p = ,011$).

Quando se comparam os valores de amplitude de f_0 dos diferentes tipos de constituinte por cada um dos intervenientes no debate, observa-se que:

(i) no caso do interveniente Álvaro Cunhal, há diferenças estatisticamente significativas entre os constituintes-alvo e os constituintes de controlo ($U = 1489, p = ,003$) e entre os constituintes de contexto e os constituintes de controlo ($U = 533, p = ,002$).

(ii) no caso do interveniente Mário Soares, há diferenças estatisticamente significativas entre os constituintes-alvo e os constituintes de contexto ($U = 2282, p = ,007$) e entre os constituintes de contexto e os constituintes de controlo ($U = 485, p < ,001$).

Por último, é de notar que os constituintes com valores de amplitude de f_0 mais altos são os constituintes de contexto, seguidos dos constituintes-alvo e dos de controlo. Esta tendência geral é seguida pelos dois intervenientes, como mostra o Gráfico 7.

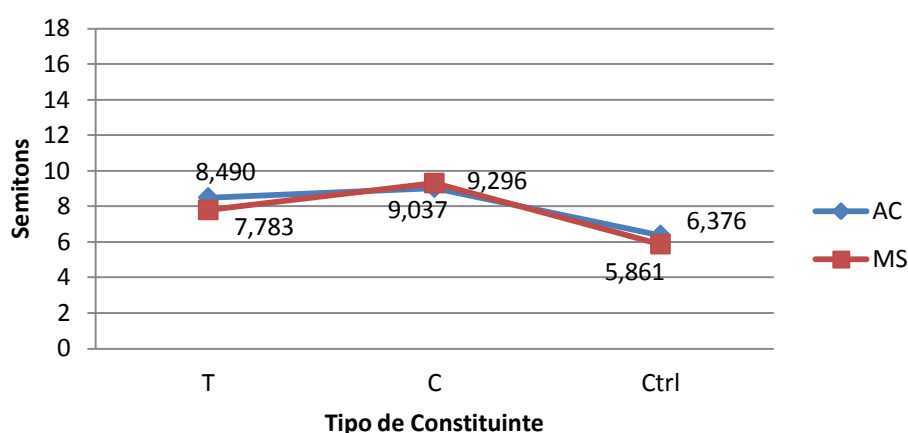


Gráfico 7: Amplitude de f_0 – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.

4.2. Medidas Locais

Para todas as categorias anotadas na fiada tonal, foram extraídos os valores correspondentes ao máximo e mínimo de f_0 de cada acento pré-nuclear e nuclear, bem como de cada tom-fronteira.

4.2.1. Valores de f_0 dos Acentos Pré-nucleares

Valores Máximos

Note-se, em primeiro lugar, a existência de diferenças estatisticamente significativas nos valores máximos de f_0 do acento pré-nuclear por interveniente ($U = 2314, p < ,001$).

No que diz respeito aos valores máximos de f_0 do acento pré-nuclear por tipo de constituinte, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos

constituintes-alvo e os dos constituintes de controlo ($U = 208, p < ,001$) e entre os valores dos constituintes de contexto e os dos constituintes de controlo ($U = 82, p < ,001$).

Quando se comparam os valores máximos de f_0 do acento pré-nuclear dos diferentes tipos de constituinte por cada um dos intervenientes no debate, verifica-se que:

(i) no caso do interveniente Álvaro Cunhal, há diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de controlo ($U = 82, p = ,004$) e entre os valores dos constituintes de contexto e os dos constituintes de controlo ($U = 16, p = ,001$);

(ii) no caso do interveniente Mário Soares, há diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de controlo ($F(2, 69) = 3,810, p = ,027$).

Por fim, é de notar que os constituintes com valores máximos de f_0 mais altos, no acento pré-nuclear, são os constituintes-alvo, seguidos dos constituintes de contexto e dos de controlo. Esta tendência geral é seguida pelos dois intervenientes, como mostra o Gráfico 8.

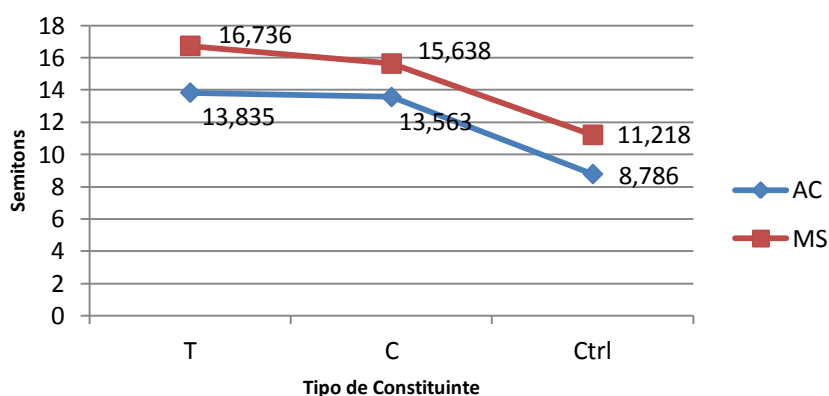


Gráfico 8: Máximo de f_0 do acento pré-nuclear – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.

Valores Mínimos

Em primeiro lugar, há a registar que existem diferenças significativas nos valores mínimos de f_0 do acento pré-nuclear por interveniente ($U = 2484, p = ,001$).

Através da análise dos valores mínimos de f_0 do acento pré-nuclear por tipo de constituinte, verifica-se que só existem diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os valores dos constituintes de controlo ($U = 285, p = ,004$).

Já na comparação dos valores mínimos de f_0 do acento pré-nuclear dos diferentes tipos de constituinte por cada um dos intervenientes no debate, verifica-se que:

(i) no caso do interveniente Álvaro Cunhal, há diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de controlo ($U = 106, p = ,016$);

(ii) no caso do interveniente Mário Soares, não há diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de controlo, entre os valores dos constituintes de contexto e os dos constituintes de controlo, nem entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de contexto ($F(2, 69) = 2,139, p = ,125$).

Finalmente, é de notar que os constituintes com valores mínimos de f_0 mais baixos, no acento pré-nuclear, são os constituintes de controlo, seguidos dos constituintes de contexto e dos constituintes-alvo, sendo esta tendência geral seguida pelos dois intervenientes (cf. Gráfico 9).

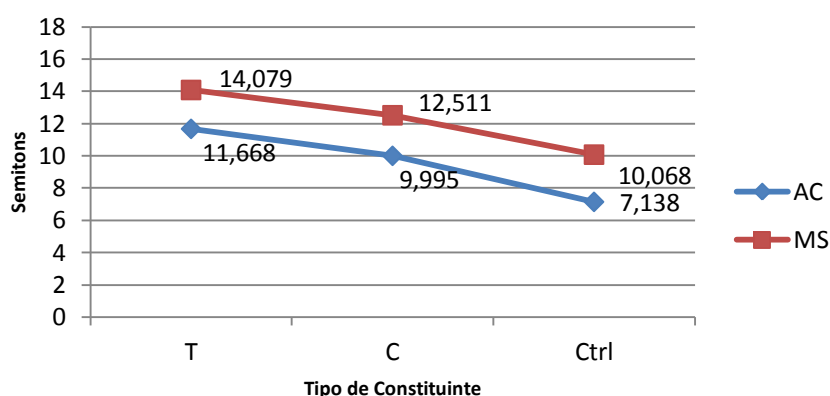


Gráfico 9: Mínimo de f_0 do acento pré-nuclear – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.

4.2.2. Valores de f_0 dos Acentos Nucleares

Valores Máximos

Registe-se, em primeiro lugar, a existência de diferenças estatisticamente significativas nos valores máximos de f_0 do acento nuclear por interveniente ($U = 17422, p = ,009$).

Na análise dos valores máximos de f_0 do acento nuclear por tipo de constituinte, observam-se diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os valores dos constituintes de controlo ($U = 4281, p < ,001$) e entre os valores dos constituintes de contexto e os valores dos constituintes de controlo ($U = 1385, p < ,001$).

No que toca à comparação dos valores máximos de f_0 do acento nuclear dos diferentes tipos de constituinte por cada um dos intervenientes no debate, verifica-se que:

(i) no caso do interveniente Álvaro Cunhal, há diferenças significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os valores dos constituintes de controlo ($U = 1432, p = ,001$) e entre os valores dos constituintes de contexto e os valores dos constituintes de controlo ($U = 457, p < ,001$);

(ii) no caso do interveniente Mário Soares, há igualmente diferenças significativas entre os constituintes-alvo e os constituintes de controlo ($U = 678, p < ,001$) e entre os constituintes de contexto e os constituintes de controlo ($U = 216, p < ,001$).

Refira-se, por fim, que os constituintes com valores máximos de f_0 mais altos, no acento nuclear, são os constituintes-alvo, seguidos dos constituintes de contexto e dos de controlo, tendência que é seguida pelos dois intervenientes, como mostra o Gráfico 10.

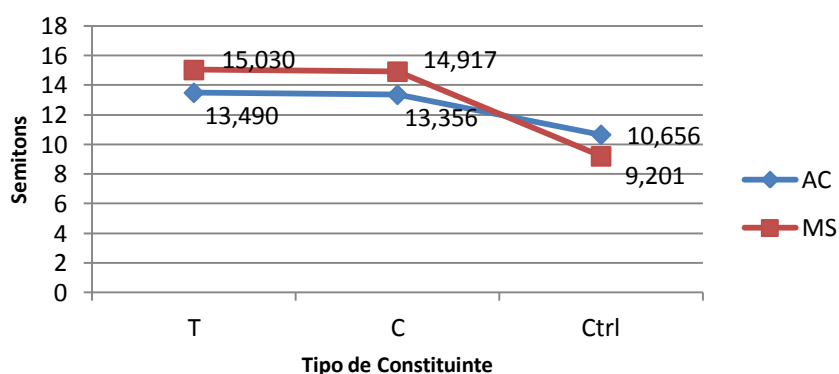


Gráfico 10: Máximo de f_0 do acento nuclear – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.

Valores Mínimos

Em primeiro lugar, refira-se que não existem diferenças significativas nos valores mínimos de f_0 do acento nuclear por interveniente ($U = 18343, p = ,067$).

Na comparação dos valores mínimos de f_0 do acento nuclear por tipo de constituinte, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de controlo ($U = 5113,5, p < ,001$) e entre os valores dos constituintes de contexto e os dos constituintes de controlo ($U = 1876, p < ,001$).

Na comparação dos valores mínimos de f_0 do acento nuclear por tipo de constituinte e por interveniente no debate, verifica-se que:

(i) no caso do interveniente Álvaro Cunhal, há diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de controlo ($U =$

1615,5, $p = ,016$) e entre os valores dos constituintes de contexto e os dos constituintes de controlo ($U = 533$, $p = ,002$);

(ii) no caso do interveniente Mário Soares, há também diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de controlo ($U = 942$, $p < ,001$) e entre os valores dos constituintes de contexto e os dos constituintes de controlo ($U = 385$, $p < ,001$).

Finalmente, note-se que os constituintes com valores mínimos de f_0 mais baixos, no acento nuclear, são os constituintes de controlo, seguidos dos constituintes de contexto e dos constituintes-alvo. Esta tendência geral é seguida pelos dois intervenientes (cf. Gráfico 11).

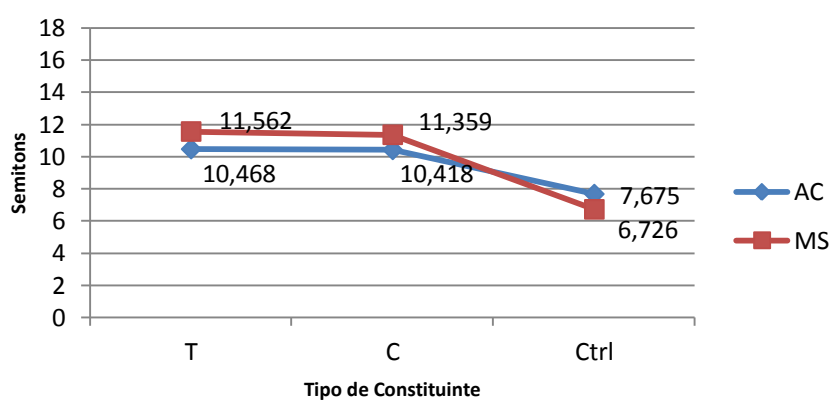


Gráfico 11: Mínimo de f_0 do acento nuclear – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.

4.2.3. Valores de f_0 dos Tons-fronteira

Valores Máximos

Em primeiro lugar, há a registar a inexistência de diferenças estatisticamente significativas nos valores máximos de f_0 do tom-fronteira por interveniente ($t = 1,320$, $p = ,184$).

Através da análise dos valores máximos de f_0 da fronteira por tipo de constituinte, verifica-se que há apenas diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os valores dos constituintes de controlo ($U = 720$, $p < ,001$).

Quando se comparam os valores máximos de f_0 da fronteira dos diferentes tipos de constituinte por cada um dos intervenientes no debate, verifica-se que:

(i) no caso do interveniente Álvaro Cunhal, não há diferenças estatisticamente significativas entre os valores do tom-fronteira dos diferentes tipos de constituintes ($H(2) = 3,969$, $p = ,137$);

(ii) no caso do interveniente Mário Soares, contudo, há diferenças estatisticamente significativas entre os valores do tom-fronteira dos constituintes-alvo e os valores dos constituintes de controlo ($F(2, 78) = 6,371, p = ,002$).

Por último, é de notar que, nos tons-fronteira, os constituintes com valores máximos de f_0 mais altos são os constituintes-alvo, seguidos dos constituintes de contexto e dos de controlo, sendo esta tendência geral seguida pelos dois intervenientes (cf. Gráfico 12).

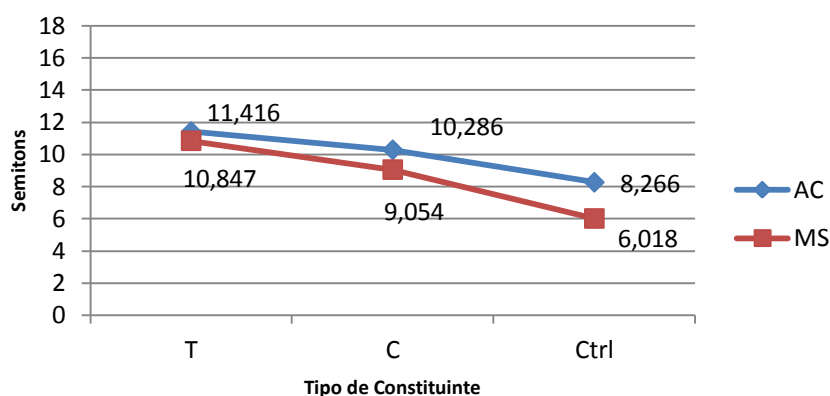


Gráfico 12: Máximo de f_0 do tom-fronteira – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.

Valores Mínimos

Verifica-se, em primeiro lugar, que não há diferenças estatisticamente significativas nos valores mínimos de f_0 do tom-fronteira por interveniente ($t = 1,815, p = ,071$).

Na comparação dos valores mínimos de f_0 do tom-fronteira por tipo de constituinte, observam-se apenas diferenças estatisticamente significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de controlo ($F(2, 160) = 4,985, p = ,014$).

No que diz respeito à comparação dos valores mínimos de f_0 da fronteira dos diferentes tipos de constituinte por cada um dos intervenientes no debate, verifica-se que:

(i) no caso do interveniente Álvaro Cunhal, não há diferenças estatisticamente significativas por tipo de constituinte ($H(2) = 2,882, p = ,237$);

(ii) no caso do interveniente Mário Soares, há diferenças estatisticamente significativas entre os constituintes-alvo e os constituintes de controlo ($F(2, 75) = 4,269, p = ,025$).

Finalmente, é de notar que, nos tons-fronteira, os constituintes com valores mínimos de f_0 mais baixos são os constituintes de controlo, seguidos dos constituintes de contexto e dos constituintes-alvo. Esta tendência geral é seguida pelos dois intervenientes (cf. Gráfico 13).

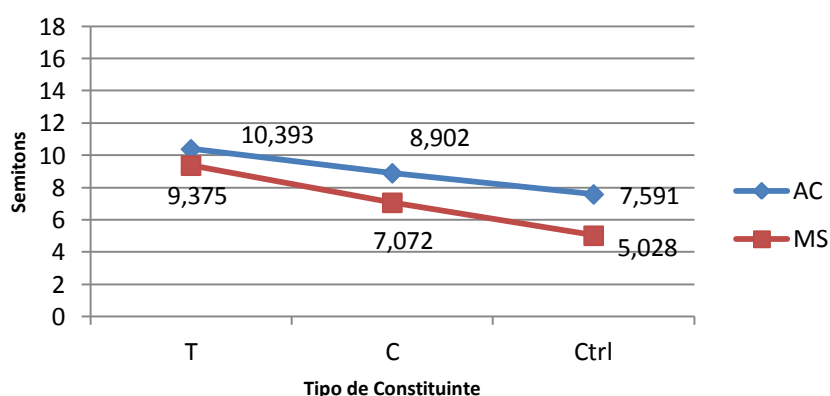


Gráfico 13: Mínimo de f_0 do tom-fronteira – valores médios por interveniente e tipo de constituinte.

4.3. Acentos Tonais

Quanto aos acentos tonais, recorde-se que foram anotados os acentos pré-nucleares e nucleares presentes em cada constituinte prosódico.

4.3.1. Acento Pré-nuclear

Em relação ao acento pré-nuclear, o primeiro aspecto a ter em conta diz respeito à distribuição de acentos tonais face ao tipo de constituinte (cf. Tabela 10). Desta forma, importa referir que há tons associados aos constituintes-alvo e aos constituintes de contexto que não se observam nos constituintes de controlo. Neste contexto, crucialmente os tons $\wedge H^*$, $L+H^*$, $L+\wedge H^*$ e $\wedge H^*+L$ só ocorrem nos constituintes-alvo e nos constituintes de contexto.

	H*	$\wedge H^*$	L+H*	L+ $\wedge H^*$	H*+L	$\wedge H^*+L$	H+L*	L*	N (%)
Constituintes-alvo	45	9	10	5	12	-	21	8	110 (64)
Constituintes de Contexto	17	1	10	7	1	2	10	3	51 (29,7)
Constituintes de Controlo	3	-	-	-	1	-	4	3	11 (6,4)
N (%)	65 (37,8)	10 (5,8)	20 (11,6)	12 (7)	14 (8,1)	2 (1,2)	35 (20,3)	14 (8,1)	172 (100)

Tabela 10: Distribuição de acentos pré-nucleares por tipo de constituinte.

Na análise estatística dos dados referentes ao acento tonal, note-se, antes de mais, que se optou por agrupá-los em dois grupos distintos, uma vez que a dispersão e a baixa (ou

nula) frequência de certos acentos associados a determinados tipos de constituintes comprometeria a fiabilidade da análise estatística. Por isso, agruparam-se, por um lado, os acentos tonais com *targets* altos alinhados com a sílaba acentuada e, por outro, os acentos tonais com *targets* baixos alinhados com a sílaba acentuada⁴¹. Portanto, no caso do acento pré-nuclear, considerou-se um grupo constituído pelos acentos H*, ^H*, L+H*, L+^H*, ^H*+L e H*+L e um segundo grupo constituído pelos acentos H+L* e L*.

Assim, a aplicação do teste Qui-Quadrado aos dados revelou que não existem diferenças significativas por interveniente ($\chi^2 (1) = 1,446, p = ,229$)⁴². Porém, saliente-se a existência de diferenças estatisticamente significativas por tipo de constituinte ($\chi^2 (2) = 7,139, p = ,028$). Em particular, verifica-se que os constituintes-alvo e os constituintes de controlo apresentam diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2 (1) = 6,647, p = ,016$), o mesmo acontecendo entre os constituintes de contexto e os constituintes de controlo ($\chi^2 (1) = 6,025, p = ,029$). Todavia, não existem diferenças estatisticamente significativa entre os dados dos constituintes-alvo e os dos constituintes de contexto ($\chi^2 (1) = 0,14, p = ,907$).

4.3.2. Acento Nuclear

Quanto à distribuição de acentos tonais em posição nuclear (cf. Tabela 11), importa mencionar que, uma vez mais, se observa a presença exclusiva de determinados acentos nos constituintes-alvo e nos constituintes de contexto. Neste caso, saliente-se que os tons associados a *upstep* (^H*, L+^H* e ^H*+L) não ocorrem nos constituintes de controlo.

	H*	^H*	L+H*	L+^H*	H*+L	^H*+L	!H*	L*+H	H+L*	L*	N (%)
Constituintes-alvo	43	6	71	16	12	3	5	1	48	26	231 (57)
Constituintes de Contexto	19	3	30	3	10	1	1	-	25	7	99 (24,4)
Constituintes de Controlo	20	-	18	-	5	-	-	-	17	15	75 (18,5)
N (%)	82 (22,2)	9 (2,2)	119 (29,4)	19 (4,7)	27 (6,7)	4 (1)	6 (1,5)	1 (0,2)	90 (22,2)	48 (11,9)	405 (100)

Tabela 11: Distribuição de acentos nucleares por tipo de constituinte.

⁴¹ Esta divisão tem por base o que é descrito na literatura sobre contraste (cf. capítulo 2). Note-se, pois, que acentos tonais altos (e.g., altos), ascendentes (e.g., L+H*) e descendentes (H*+L) com *targets* altos alinhados com a sílaba acentuada são frequentemente associados a estruturas de contraste. Assim, o alinhamento do *target* (alto ou baixo) com a sílaba acentuada determinou a constituição dos dois grupos de acentos tonais para efeitos estatísticos.

⁴² Para uma distribuição dos acentos pré-nucleares por interveniente e tipo de constituinte, cf. Anexo 3.

Mencione-se que, para a realização de teste Qui-Quadrado, também aqui se optou por uma divisão entre os acentos tonais com *targets* altos alinhados com a sílaba acentuada e os acentos com *targets* baixos alinhados com a sílaba acentuada. No caso do acento nuclear, considerou-se, por um lado, um grupo constituído pelos acentos H*, ^H*, L+H*, L+^H*, H*+L, ^H*+L e !H* e, por outro, um grupo constituído pelos acentos L*+H, H+L* e L*.

Assim, a análise estatística dos dados relativos ao acento nuclear revelou que existem diferenças estatisticamente significativas por interveniente⁴³ ($\chi^2 (1) = 9,332, p = ,009$). No entanto, não se registam diferenças estatisticamente significativas por tipo de constituinte ($\chi^2 (4) = 8,967, p = ,068$).

Neste contexto, importa destacar a assimetria entre os dois líderes políticos na distribuição dos dois grupos de acentos tonais por tipo de constituinte (cf. Anexo 4). Efectivamente, olhando para a sua distribuição, verifica-se que a proporção de acentos com *targets* baixos alinhados com a sílaba acentuada é sempre inferior em todos os tipos de constituinte no caso de Álvaro Cunhal – 26,1% nos constituintes-alvo, 26% nos constituintes de contexto e 28,9% nos constituintes de controlo. Pelo contrário, os dados de Mário Soares indicam que esta tendência é invertida no caso dos constituintes de controlo, nos quais a percentagem de acentos com *targets* baixos alinhados com a sílaba acentuada é mais elevada – 38,8% nos constituintes-alvo, 37,7% nos constituintes de contexto e 56,7% nos constituintes de controlo.

4.4. Tons-fronteira

O primeiro aspecto a relatar em relação aos tons fronteira é a sua distribuição por tipo de constituinte. Como se pode observar na Tabela 12, há uma maior percentagem de ocorrência de fronteiras baixas em todos os tipos de constituinte. Porém, a proporção de fronteiras altas é mais elevada nos constituintes-alvo (44,2%), decrescendo gradualmente para os constituintes de contexto (34,3%) e para os constituintes de controlo (33,3%). Já em relação às fronteiras baixas, observa-se justamente o oposto, ou seja, a proporção de fronteiras baixas é menor nos constituintes-alvo (51,5%), aumentando nos constituintes de contexto (57,8%) e sendo maior nos constituintes de controlo (65,3%).

⁴³ Para uma distribuição de acentos nucleares por interveniente e tipo de constituinte, cf. Anexo 4.

	H- / H%	L- / L%	HL- / HL%	N (%)
Constituintes-alvo	102	119	10	231 (57)
Constituintes de Contexto	34	57	8	99 (24,4)
Constituintes de Controlo	25	49	1	75 (18,5)
N (%)	161 (39,8)	225 (55,6)	19 (4,7)	405 (100)

Tabela 12: Distribuição de tons-fronteira por tipo de constituinte.

O teste Qui-Quadrado permitiu apurar que, à semelhança do que se verificou para os dados do acento nuclear, existem diferenças significativas por interveniente⁴⁴ ($\chi^2(2) = 10,258$, $p = ,001$). Contudo, não há diferenças estatisticamente significativas por tipo de constituinte ($\chi^2(2) = 2,845$, $p = ,241$).

Neste ponto, mencione-se as diferenças existentes entre intervenientes poderem estar associadas ao facto de (i) os dados de Álvaro Cunhal revelarem que, em cada tipo de constituinte, o número de fronteiras altas e baixas é bastante próximo, o que não se verifica para os dados de Mário Soares, e (ii) a fronteira HL% é mais frequente nas produções de Álvaro Cunhal do que nas produções de Mário Soares (cf. Anexo 5).

⁴⁴ Para uma distribuição de tons-fronteira por interveniente e tipo de constituinte, cf. Anexo 5.

5. Discussão dos Dados e Conclusões

Neste capítulo final, serão analisados os resultados descritos no capítulo quarto à luz dos objectivos do presente estudo e da literatura discutida previamente. Na estruturação deste capítulo, as perguntas de investigação formuladas na introdução servirão de fio condutor à discussão que aqui se propõe, apresentando-se exemplos sempre que oportuno. A fechar o capítulo, serão enunciadas as conclusões mais relevantes deste trabalho.

Antes mesmo de iniciar a discussão dos dados, será proveitoso recuperar as questões levantadas no capítulo introdutório da presente dissertação. Este capítulo tentará, pois, responder às perguntas que a seguir se apresentam.

Questão 1: As estruturas de paralelismo por contraste encontram-se associadas a propriedades prosódicas específicas?

Questão 2: Caso a resposta à pergunta anterior seja positiva, será a marcação prosódica do paralelismo por contraste categórica ou gradiente?

Questão 3: As estratégias usadas por Álvaro Cunhal e Mário Soares no debate permitem uma aproximação ao que é descrito na literatura como discurso carismático?

Questão 4: O paralelismo por contraste, enquanto mecanismo de coesão, reflecte-se ao nível do mapeamento sintaxe-prosódia, afectando o fraseamento e a melodia dos enunciados?

Para responder a estas questões, é, então, necessário observar que tendências podem ser identificadas nos dados e que resultados estatísticos indicam um comportamento distinto dos constituintes que compõem as estruturas de paralelismo por contraste comparativamente aos demais constituintes prosódicos. Neste sentido, saliente-se, em primeiro lugar, que é possível identificar dois padrões de comportamento no que diz respeito aos correlatos fonéticos analisados. Estes padrões permitem agrupar os parâmetros duração e número de sílabas, por um lado, e os parâmetros energia e f_0 , por outro.

Quanto ao primeiro padrão, verifica-se que são os constituintes de contexto que apresentam valores mais elevados de duração e número de sílabas (cf. Gráficos 1 e 2), sendo

que a análise estatística revela, justamente, a existência de diferenças significativas entre constituintes-alvo e constituintes de contexto, bem como entre constituintes de controlo e constituintes de contexto (mas não entre constituintes-alvo e constituintes de controlo).

Note-se que, perante a possibilidade de o paralelismo por contraste apresentar características específicas, seria talvez expectável que os valores dos constituintes-alvo estivessem mais distantes dos verificados para os constituintes de controlo. Não obstante, uma possível interpretação destes resultados pode ser avançada com base numa estratégia de ênfase adiantada por Bolinger (1989) e associada a palavras funcionais. Com efeito, Bolinger (1989) refere, tanto a propósito do paralelismo como a propósito de estratégias de contraste e negação, que os falantes podem enfatizar palavras funcionais com o objectivo de chamar a atenção dos seus ouvintes, criando, assim, um efeito de autoridade. Em estruturas de negação, a acentuação de palavras funcionais tem um efeito inesperado que atribui especial força à negação (aquilo que autor designa “acento de poder”).

No presente caso, então, os valores de duração e número de sílabas calculados para os constituintes-alvo podem ser explicados se se considerar que o fraseamento e a acentuação são usados com o intuito de enfatizar conjunções, conectores ou partículas de negação nas estruturas de paralelismo por contraste. Por conseguinte, verifica-se uma menor duração e número de sílabas nos constituintes-alvo. Vejam-se, a este propósito, os seguintes excertos retirados do *corpus*.

(12) O Partido Socialista é um partido de esquerda, // # quer / instaurar em Portugal / # <uma> / uma sociedade socialista, // # portanto, uma sociedade sem classes, // mas / em liberdade, // # mas / respeitando os direitos do homem, // mas / através da democracia e do consenso popular / majoritário, // # não fará // uma revolução, // # nem / irá / para <um sa> / um socialismo / que // # transforme este País / numa ditadura. // (f1_MS_79).

(13) Portanto, não queremos, / de forma nenhuma, // # pois <%aa> <não> nem temos / defendido, / de forma nenhuma, // # a instauração de um regime // <%a> unipartidário; // # não temos defendido, / de forma nenhuma, // # a instauração de um regime / sem liberdade de imprensa, // pelo contrário, // temos defendido / a mais ampla / liberdade de imprensa // (...). (f2_AC_125).

Como ilustra o primeiro exemplo (produzido por Mário Soares), a conjunção “mas” forma um sintagma entoacional menor e é acentuada em cada um dos membros paralelísticos, o mesmo se verificando, no segundo exemplo (produzido por Álvaro Cunhal), com o modificador preposicional “de forma nenhuma”. Também no segundo exemplo, repare-se que o conector preposicional “pelo contrário”, que conclui a ideia expressa através do paralelismo por contraste, forma um sintagma entoacional maior.

Refira-se, porém, que os resultados estatísticos mencionados acima se reflectem de forma mais evidente nos dados de Mário Soares, já que os valores de duração e número de sílabas dos constituintes-alvo produzidos por Álvaro Cunhal, embora mais baixos, estão mais próximos dos valores obtidos para os constituintes de contexto do que dos verificados nos constituintes de controlo (cf. Gráficos 1 e 2).

Quanto ao segundo padrão, note-se que os parâmetros energia e f_0 apresentam resultados distintos do padrão anteriormente apresentado, na medida em que estes aproximam o comportamento dos constituintes-alvo do dos constituintes de contexto, por oposição ao verificado nos constituintes de controlo. De acordo com os resultados estatísticos obtidos, os dados relativos a estes parâmetros podem ser apresentados em três grupos.

Assim, no primeiro grupo incluem-se os valores mínimos de f_0 do acento pré-nuclear e os valores máximos e mínimos de f_0 do tom-fronteira, que apresentam valores decrescentes dos constituintes-alvo para os constituintes de contexto e destes para os constituintes de controlo (cf. Gráficos 9, 12 e 13). Aqui, verificam-se diferenças significativas apenas entre os constituintes-alvo e os constituintes de controlo.

Já o segundo grupo representa a tendência mais predominante, pois inclui tanto medidas globais como locais, a saber: os valores máximos de energia, os valores máximos e mínimos de f_0 do constituinte prosódico, os valores máximos de f_0 do acento pré-nuclear e, ainda, os valores máximos e mínimos de f_0 do acento nuclear. Neste caso, constata-se que as medidas de f_0 mostram o mesmo padrão de valores decrescentes dos constituintes-alvo para os constituintes de contexto e destes para os constituintes de controlo apontado para o primeiro grupo de parâmetros (cf. Gráficos 5, 6, 8, 10 e 11). Note-se, porém, a existência de diferenças significativas entre os valores dos constituintes-alvo e os dos constituintes de controlo e, também, entre os dos constituintes de contexto e os dos constituintes de controlo.

Finalmente, a amplitude de f_0 é o único parâmetro em que constituintes-alvo, constituintes de contexto e constituintes de controlo apresentam todas as diferenças

estatisticamente significativas. Ainda assim, note-se que os valores dos constituintes-alvo se encontram mais próximos dos registados para os constituintes de contexto (que apresentam os valores mais elevados) e que os valores de ambos se encontram mais distantes dos observados nos constituintes de controlo (cf. Gráfico 7).

De resto, pode afirmar-se que, nos parâmetros incluídos neste segundo padrão, os valores dos constituintes-alvo se encontram mais próximos dos dos constituintes de contexto e que, adicionalmente, há uma tendência para os constituintes-alvo e os constituintes de controlo se encontrarem nos dois extremos de um *continuum* em que os constituintes de contexto ocupam uma posição intermédia. Esta tendência parece ser apenas contrariada pelos dados relativos à amplitude de f_0 e aos valores de energia (revelando o mínimo de energia um comportamento atípico em que apenas os constituintes-alvo apresentam diferenças significativas face aos constituintes de contexto).

Assim, e no que respeita aos correlatos fonéticos, os dados permitem responder afirmativamente à primeira questão formulada no início do presente capítulo. De facto, **o paralelismo por contraste possui propriedades acústicas diferenciadoras**; os constituintes-alvo apresentam, em alguns casos (duração, número de sílabas, amplitude de f_0 e valores mínimos de energia), diferenças estatisticamente significativas em relação aos constituintes de contexto e, mais frequentemente, face aos constituintes de controlo. Crucialmente, estas diferenças parecem indicar o uso de estratégias diferenciadas com o objectivo de assinalar e demarcar as estruturas de paralelismo por contraste no contexto discursivo. Assim, note-se que os constituintes de controlo detêm, na maioria dos parâmetros, os valores mais baixos e que, inversamente, os constituintes-alvo apresentam os valores mais elevados, alternando, por vezes, com os constituintes de contexto (como se verifica na duração, número de sílabas, energia e amplitude de f_0).

Ainda em relação aos resultados descritos para os parâmetros energia e f_0 , é de salientar que estes vão ao encontro das conclusões avançadas em estudos anteriores. Com efeito, é relevante a importância atribuída a medidas de f_0 , mormente no que respeita aos valores máximos de pico de f_0 e à amplitude de f_0 , em estudos sobre produção e percepção de ênfase (Ladd, 2008; Ladd & Morton, 1997), tópicos contrastivos (Braun & Ladd, 2003; Braun, 2004, 2006) e foco contrastivo (Baumann, Grice & Steindamm, 2006; Borràs-Comes, Vanrell & Prieto, 2010; Torregrossa, 2012). Também no presente estudo, tanto as medidas locais como as medidas globais de f_0 se destacam no que toca à marcação de estruturas de paralelismo por

contraste, na medida em que são um importante elemento diferenciador entre os constituintes-alvo e os demais tipos de constituinte (amplitude de f_0) ou, pelo menos, entre os constituintes-alvo e os constituintes de controlo (restantes medidas de f_0). Registe-se ainda que, no caso da energia, os seus valores máximos são mencionados como um correlato relevante na produção e percepção de ênfase em estudos como Ladd (2008) e Ladd & Morton (1997) e que, no presente estudo, esses valores, aliados a alterações dos níveis de f_0 , parecem ser usados como estratégia de ênfase, no sentido de marcar os constituintes-alvo e os constituintes de contexto de forma distinta do observado para os constituintes de controlo. Todavia, não se pode deixar de realçar que a energia é o parâmetro que mostra valores mais semelhantes entre os diferentes tipos de constituinte, pelo que o seu uso enquanto estratégia de ênfase e contraste parece estar em segundo plano face aos níveis de f_0 .

Adicionalmente, note-se que os dados relativos aos constituintes de contexto estão, de forma geral, mais próximos dos dados obtidos para os constituintes-alvo. A este propósito, relembre-se as definições de duas estruturas que podem veicular um valor contrastivo: tópico e foco, uma vez que podem ajudar a explicar tal proximidade. A definição de tópico como relação “ser acerca de” (Reinhart, 1982; Duarte, 1987) e a definição de foco como indicador de um conjunto de alternativas possíveis face a determinado contexto (Rooth, 1992; Féry & Krifka, 2008) são relevantes por destacarem a importância do contexto – ou do “conjunto contextual” (Stalnaker, 1978; Reinhart, 1982) – na interpretação de tais estruturas. Assim, pode-se pensar que os constituintes de contexto contribuem para uma interpretação adequada do valor contrastivo veiculado pelas estruturas de paralelismo em causa, na medida em que as estratégias utilizadas na produção dos dois tipos de constituinte permitem estabelecer uma linha de continuidade entre eles. Ou seja, pode colocar-se a hipótese de os constituintes que servem de contexto àqueles que veiculam contraste terem também um papel relevante na marcação prosódica deste valor semântico-discursivo.

Importa agora atentar nos resultados da análise de acentos pré-nucleares, nucleares e tons-fronteira, dado que estes também ajudam a clarificar se as estruturas de paralelismo por contraste estão associadas a propriedades prosódicas específicas. Assim, e relativamente aos acentos tonais, a observação dos dados por tipo de constituinte e por interveniente revela que **não existe biunivocidade entre acento tonal e tipo de constituinte**. Considerando os constituintes-alvo, é então possível afirmar que não existe uma relação de obrigatoriedade entre determinado acento tonal e a expressão do valor semântico-discursivo de contraste. Tal

ideia é comprovada pelo facto de, nos constituintes-alvo, terem sido identificados sete acentos tonais distintos em posição pré-nuclear e dez em posição nuclear (cf. Tabelas 10 e 11).

Ainda assim, não se pode deixar de realçar que os dados apontam no sentido de uma relação preferencial entre acentos tonais com *targets* altos alinhados com a sílaba acentuada e constituintes-alvo e de contexto. Este aspecto é evidenciado pela ausência de determinados acentos tonais com *targets* altos alinhados com a sílaba acentuada nos constituintes de controlo, nomeadamente $\wedge H^*$, $L+H^*$ e $L+\wedge H^*$, em posição pré-nuclear, e $\wedge H^*$, $L+\wedge H^*$, $\wedge H^*+L$ e $!H^*$, em posição nuclear.

Além disso, relembre-se que se registaram diferenças estatisticamente significativas quanto à distribuição de acentos pré-nucleares por tipo de constituinte. Estas diferenças aproximam, uma vez mais, os constituintes-alvo dos constituintes de contexto, afastando-os dos constituintes de controlo. Na base de tal resultado, pode estar também o facto de os constituintes de controlo terem, em proporção, uma maior frequência de tons com *targets* baixos alinhados com a sílaba acentuada em posição pré-nuclear, designadamente $H+L^*$ e L^* .

Para encontrar uma tendência semelhante nos acentos nucleares, porém, é necessário considerar os dados dos dois intervenientes do debate separadamente. Relembre-se, pois, que, nos acentos nucleares, foram verificadas diferenças estatisticamente significativas por interveniente, mas não por tipo de constituinte. Assumindo-se, portanto, que estas diferenças estatísticas são o reflexo do uso de estratégias diferentes por parte dos dois líderes políticos, verifica-se que, enquanto em Álvaro Cunhal foi detectada uma maior frequência de acentos tonais com *targets* altos alinhados com a sílaba acentuada em todos os tipos de constituinte, em Mário Soares a tendência é para os constituintes-alvo e de contexto terem resultados que os distanciam dos constituintes de controlo, pois, nestes últimos, a soma da percentagem de acentos tonais com *targets* baixos alinhados com a sílaba acentuada ($H+L^*$ e L^*) é ligeiramente superior a 50% (cf. Anexo 4).

Já no que diz respeito aos tons-fronteira, a análise estatística não revelou diferenças significativas por tipo de constituinte. Todavia, ressalve-se que há uma maior frequência de fronteiras altas (H^- e H^+) nos constituintes-alvo (44,2%), havendo um decréscimo gradual destes para os constituintes de contexto (34,3%) e para os constituintes de controlo (33,3%). Mais uma vez, é de notar que esta distribuição sugere uma relação preferencial entre fronteiras altas e constituintes-alvo, isto é, entre fronteiras altas e estruturas que veiculam contraste. Tal tendência pode estar associada à complexidade dos enunciados com estruturas de paralelismo por contraste e à consequente necessidade de sugerir continuidade.

Recuperando o que atrás ficou dito sobre os resultados da análise de correlatos fonéticos e fonológicos, pode então reafirmar-se que são os primeiros que contribuem decisivamente para uma marcação prosódica de estruturas de paralelismo por contraste. Quanto aos segundos, não se pode afirmar que este tipo de paralelismo esteja associado à presença de um acento tonal específico, ou mesmo a um predomínio claro de determinado acento tonal ou tom-fronteira.

Assim sendo, assumindo que as estruturas de paralelismo por contraste possuem propriedades prosódicas específicas, saliente-se que são as propriedades acústicas e fonéticas associadas a este tipo de estruturas as mais determinantes. Por conseguinte, e respondendo à segunda questão colocada no início no capítulo, este estudo permite concluir que **a marcação prosódica do paralelismo por contraste é gradiente.**

Deste modo, é possível estabelecer uma linha de continuidade entre as conclusões do presente estudo e trabalhos anteriores que, justamente, discutem a questão da natureza gradiente ou categórica da realização prosódica de elementos com um valor semântico-discursivo de contraste em línguas como o Alemão, o Catalão e o Italiano. Neste ponto, mencionem-se, novamente, os trabalhos de Braun & Ladd (2003), Braun (2004, 2006), Borràs-Comes, Vanrell & Prieto (2010) e Torregrossa (2012), que argumentam a favor de uma marcação gradiente de contraste, ao nível da produção. Outros estudos, como Baumann, Grice & Steidamm (2006), também salientam a importância de elementos gradientes na realização de contraste, ainda que a par de elementos discretos, como o acento nuclear. Como referido anteriormente, o papel de maior relevo na marcação prosódica de contraste é consistentemente atribuído a alterações dos níveis de f_0 . Note-se, contudo, que muitos são os estudos que chamam a atenção para a existência de variação entre falantes, sendo importante reter que, apesar de os falantes terem à sua disposição um leque de estratégias de marcação de contraste, nem todos recorrem necessariamente às mesmas ou a todas em simultâneo. De facto, os dados aqui apresentados também reflectem este aspecto, dada a existência de diferenças significativas entre os dois intervenientes em alguns pontos, ideia que irá ser desenvolvida mais adiante.

Do ponto de vista entoacional, os dados descritos reflectem, uma vez mais, algumas das considerações feitas em estudos anteriores sobre paralelismo e sobre contraste. A este propósito, Bolinger (1989) defende que, no paralelismo entoacional, é a repetição do mesmo perfil entoacional, e não o perfil repetido, que determina o papel coesivo do paralelismo. Na mesma linha de pensamento, o autor reporta-se a relações preferenciais entre determinados

perfis ou estratégias de acentuação e valores de contraste ou negação, recusando uma ligação obrigatória entre perfis entoacionais e paralelismo, contraste e negação.

Também em autores como Féry (2007), o que parece estar em causa são relações preferenciais no que toca à associação de estruturas que veiculam contraste a contornos entoacionais específicos, sendo ainda de considerar a hipótese de a estrutura sintáctica contribuir para a compreensão dessas mesmas relações preferenciais. Por outro lado, merece destaque o facto de haver uma tendência para a presença de acentos tonais com *targets* altos alinhados com a sílaba acentuada nos constituintes-alvo e de entre estes se incluírem alguns acentos tonais associados, na literatura, a informação nova e contraste – H* e L+H*, respectivamente (Pierrehumbert & Hirschberg, 1990). Considerando estudos sobre o PE, é de salientar a presença de acentos tonais associados a informação nova – H* e L+H* (Viana *et al.*, 2007) – foco – H*+L (Frota, 2000) e ^H*+L (Viana *et al.*, 2007) – e ênfase – H* e ^H* (Viana *et al.*, 2007). De entre estes, os mais frequentes são H* e L+H*, tanto em posição pré-nuclear como em posição nuclear, sendo que a presença de H*+L é mais frequente em posição pré-nuclear e L+^H* tem uma maior presença em posição nuclear. Este último acento tonal parece estar associado a contraste e ênfase, evidenciando um movimento ascendente de f_0 de amplitude superior ao verificado em ocorrências de L+H*.

Respondendo agora à terceira questão, os resultados apresentados indicam que **as estratégias usadas por Álvaro Cunhal e Mário Soares no debate permitem uma aproximação ao que é descrito na literatura como discurso carismático.**

Neste sentido, recorde-se que a literatura sobre este tema realça, de forma sistemática, alterações nos níveis de f_0 como o indicador mais forte de um orador carismático (Strangert & Gustafson, 2008; Rosenberg & Hirschberg, 2005, 2009; Biadys *et al.*, 2008). Aliás, é de notar que, em estudos interlinguísticos, como é o caso de Biadys *et al.* (2008), apesar da variação motivada por diferenças linguísticas e culturais verificada nos julgamentos produzidos em testes perceptivos, a importância dos valores médios e de amplitude de f_0 sobressai como uma constante. De um modo geral, enunciados com valores de f_0 mais elevados são correlacionados positivamente com carisma, aspecto relacionável com os resultados de que neste capítulo se tem vindo a dar conta.

A este propósito, é pertinente traçar uma comparação entre os dados relativos à amplitude de f_0 aqui apresentados e a distinção realizada por Strangert & Gustafson (2008), para o Sueco, entre falantes profissionais e não-profissionais. Relembrando que, de acordo

com os autores, os valores de amplitude de f_0 dos falantes não-profissionais se situam entre 2 e 5 semitons e os dos falantes profissionais se situam entre os 2,44 e 8,78 semitons, note-se que os valores médios de amplitude de f_0 observados nas produções de Álvaro Cunhal e Mário Soares permitem aproximá-los do que é postulado para falantes profissionais. Com efeito, (considerando os três tipos de constituinte) os valores médios de amplitude de f_0 de Álvaro Cunhal situam-se entre 6,38 e 9,04 semitons e os de Mário Soares entre 5,86 e 9,3 semitons. Portanto, os valores médios de amplitude de constituinte são superiores aos valores mínimos e máximos de amplitude dos falantes não-profissionais, sendo mesmo os valores máximos de Álvaro Cunhal e Mário Soares (9,04 e 9,3 semitons) superiores aos valores máximos (8,78 semitons) dos falantes profissionais analisados por Strangert & Gustafson (2008).

Além disso, lembre-se que se observa uma tendência geral (tanto nas medidas globais como nas medidas locais) para que os valores máximos e mínimos de f_0 sejam mais elevados nos constituintes-alvo, seguidos de perto pelos constituintes de contexto e, depois, pelos constituintes de controlo. Assim sendo, afirme-se que são justamente os enunciados constituídos pelos constituintes-alvo e pelos de contexto aqueles que mais se aproximam do que tem vindo a ser descrito como um discurso carismático. Refira-se ainda que esta ideia pode ser relacionada com a definição de fluência proposta por Fillmore (1979, reimpresso em Riegenbach (ed.), 2000), no sentido em que falantes com uma capacidade de pré-planeamento do discurso superior evidenciam um maior controlo dos mecanismos de coesão e coerência. Crucialmente, note-se que as estruturas de paralelismo por contraste são relevantes, no discurso argumentativo, no que diz respeito à interacção de diferentes módulos da gramática ao serviço da coesão e coerência textuais.

Por outro lado, e sendo a questão da fluência e do carisma centrada na figura do orador, importa descobrir que parâmetros evidenciam diferenças entre os dois intervenientes no debate. Assim, verificam-se diferenças significativas por interveniente na maior parte dos parâmetros, a saber: duração, número de sílabas, valores máximos de energia, valores máximos de f_0 do constituinte, valores mínimos de f_0 do constituinte, valores máximos de f_0 do acento pré-nuclear, valores mínimos de f_0 do acento pré-nuclear, valores máximos de f_0 do acento nuclear e valores máximos de f_0 da fronteira. Note-se que, se por um lado grande parte das medidas de f_0 extraídas revelam diferenças por interveniente, já com a amplitude de f_0 , outro dos indicadores a ter em conta no estudo do carisma, tal não acontece.

No que diz respeito à duração e ao número de sílabas por constituinte prosódico, as diferenças em causa podem ter por base o recurso a estratégias de fraseamento e ênfase

distintas. A título de exemplo, veja-se, tal como já referido, a marcação de palavras funcionais. Já quanto à energia, a diferença entre os dados de Álvaro Cunhal e Mário Soares pode ser explicada pelos dados do Gráfico 3. Como se pode observar, os dois intervenientes diferem pelo facto de os valores máximos de energia dos três tipos de constituinte em Álvaro Cunhal serem bastante próximos, ao passo que, em Mário Soares, os valores dos constituintes-alvo e dos de contexto são muito próximos, mas distanciam-se dos constituintes de controlo (que têm valores mais baixos). Já no caso das medidas de f_0 , observa-se que os dois intervenientes exibem a mesma tendência de valores mais elevados nos constituintes-alvo e mais baixos nos constituintes de controlo, ocupando os constituintes de contexto uma posição intermédia. Contudo, Mário Soares apresenta valores de f_0 mais elevados do que Álvaro Cunhal, em particular nos constituintes-alvo e nos de contexto, sendo este aspecto particularmente evidente no caso dos acentos pré-nucleares (cf. Gráficos 8 e 9). De resto, acrescente-se que Mário Soares apresenta uma maior diferença entre os valores de f_0 dos constituintes-alvo e dos constituintes de controlo no que respeita aos valores máximos e mínimos de f_0 do constituinte, valores máximos de f_0 do acento pré-nuclear, valores máximos e mínimos do acento nuclear e do tom-fronteira (cf. Gráficos 5, 6, 8, 10, 11, 12 e 13).

Finalmente, e quanto à quarta questão, importa discutir de que forma o paralelismo por contraste afecta o fraseamento e a melodia dos enunciados. A este propósito, destaque-se que a resposta a esta pergunta se baseia numa análise qualitativa dos dados que revela que, de facto, **as estruturas de paralelismo por contraste se reflectem na organização temporal e melódica do discurso**, sendo, por isso, o seu estudo relevante no contexto do mapeamento sintaxe-prosódia.

Considere-se, em primeiro lugar, estratégias relacionadas com o fraseamento prosódico. Como os exemplos seguintes ilustram, nos membros paralelísticos, **existe frequentemente um fraseamento idêntico das sequências construídas como semelhantes ou contrastantes**.

(14) **O Governo** / constituiu-se, // # **o Governo** / tem condições // # para marchar, // # **este Governo**, // # a meu ver, // # não tem / alternativa de esquerda, // # é= // # um governo / de esquerda // (...). (f1_MS_6).

(15) Nós pensamos / que, na verdade, // há que definir um estatuto, // # mas que esse estatuto // # é necessário defini-lo // # com os próprios trabalhadores, / # **que não é / por medidas administrativas, // # não é / por medidas repressivas, // # não é / por pequenos golpes de Estado // (...).** (f4_AC_306).

No caso do exemplo produzido por Mário Soares, em (14), é de salientar que o constituinte sintáctico com a função de sujeito (“o Governo” e “este Governo”), nos membros paralelísticos, forma (sempre que realizado) um sintagma entoacional independente. O exemplo (15), produzido por Álvaro Cunhal, é composto por três orações em que, de forma consistente, o sintagma preposicional que se segue ao verbo de cópula forma um sintagma entoacional diferente daquele em que se encontra o verbo⁴⁵.

Sobre este assunto, importa sobretudo retomar algumas questões levantadas na literatura acerca do paralelismo entoacional, nomeadamente aspectos relacionados com cópia tonal. O facto de a maior parte dos autores que trata este tema fazer corresponder paralelismo entoacional a situações de cópia tonal entre acentos nucleares de grupos tonais contíguos (Palmer, 1922; Crystal, 1969; Fox, 1984; Bolinger 1989) implica a assumpção de que existe uma regularidade que obriga a que cada elemento envolvido num paralelismo corresponda necessariamente a um grupo tonal. Contudo, o que os dados do presente estudo revelam é que a presunção de uma tal regularidade ignora questões de fraseamento prosódico, tal como já havia sido notado por Wichmann (2000). Assim, os casos de paralelismo por contraste aqui analisados indicam um outro caminho de análise, um caminho que implica um olhar mais atento para as relações entre fraseamento prosódico e estrutura sintáctica. Neste âmbito, importa considerar que uma construção de repetição, com a mesma ordem de palavras e/ou a mesma estrutura frásica (Duarte, 2003), como é o caso do paralelismo, pode ter como consequência um fraseamento prosódico semelhante entre as orações que o constituem. Quer isto dizer que a relação sintaxe-prosódica se pode reflectir, embora tal não seja obrigatório, em estruturas de paralelismo, numa ligação entre o fraseamento prosódico e a estrutura argumental das orações.

Ainda a este respeito, e à semelhança de dados descritos por Wichmann (2000) para o Inglês, registam-se ocorrências de cópia tonal mesmo quando se verificam alterações ao nível do fraseamento prosódico entre orações que constituem casos de paralelismo por contraste.

⁴⁵ Em (15), o sintagma preposicional em questão encontra-se numa projecção máxima distinta daquela para a qual se moveu o verbo.

(16) Se / o Partido Comunista [H* H+L* gL%] // # vier um dia // # rectificar as suas posições, // (...) # se / o Partido [H* !H-] / Comunista [H+L* gL%] // # renunciar, // portanto, à sua teoria / golpista / e vanguardista, // (...). (f4_MS_372).

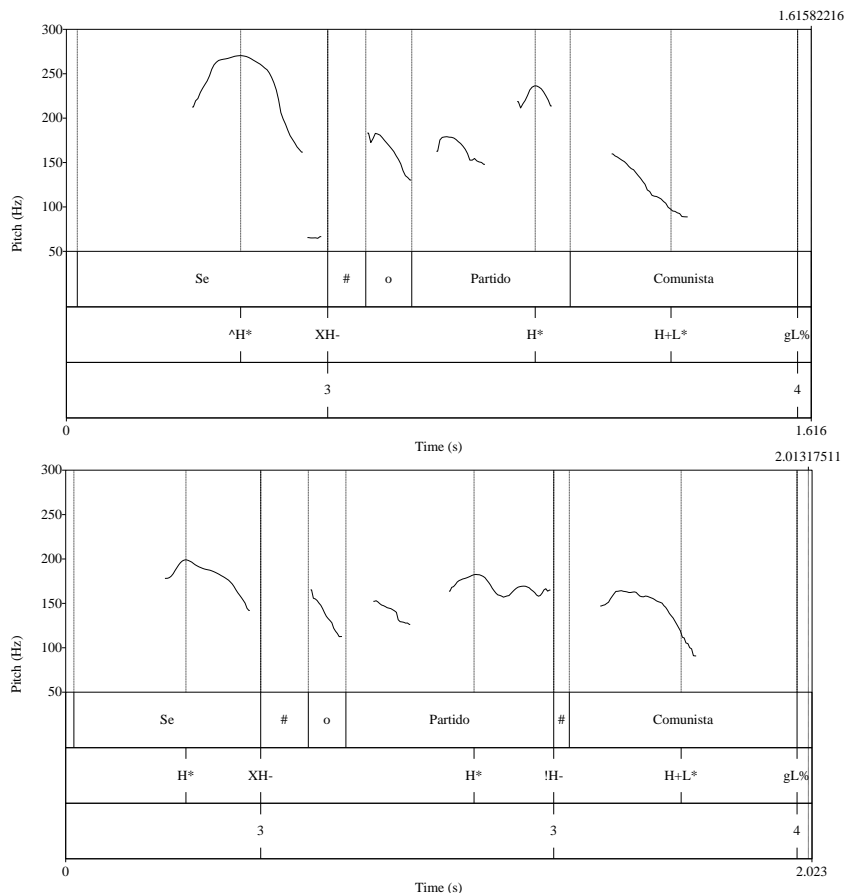


Figura 4: Sintagmas entoacionais do exemplo (16) que apresentam paralelismo entoacional, apesar de se verificarem alterações ao nível do fraseamento prosódico.

Como mostra o exemplo (16), embora o sintagma nominal “o Partido Comunista” forme um único sintagma entoacional na primeira oração e dois na segunda, esta alteração não muda a estratégia de cópia tonal usada por Mário Soares, já que o acento pré-nuclear da primeira ocorrência do sintagma nominal (H*) surge como acento nuclear do sintagma entoacional composto por “o Partido”, enquanto o acento nuclear e tom-fronteira da primeira ocorrência do sintagma nominal (H+L* gL%) é depois o acento nuclear e tom-fronteira do sintagma entoacional que corresponde a “Comunista”.

Posto isto, é de salientar que o paralelismo por contraste tem também influência na organização melódica dos enunciados, reflectindo-se nas estratégias de cópia e de contraste que em seguida se identificam.

Assim, e quanto às estratégias de cópia tonal, foi possível identificar dois tipos de estratégia. Por um lado, **existe cópia tonal entre constituintes prosódicos contíguos** (cf. exemplo (17)), tal como previsto na literatura sobre paralelismo entoacional (Palmer, 1922; Crystal, 1969; Fox, 1984; Bolinger 1989; Wichmann, 2000).

(17) Nós [L+H* XH-] / somos pela unidade [L+H* gL-] / na base [L+H* gL-] / e sempre o dissemos [L* H* L%], // # mas não pela unidade imposta # pelo Estado, # não os sindicatos transformados em correias de transmissão do Partido Comunista. (f3_MS_268).

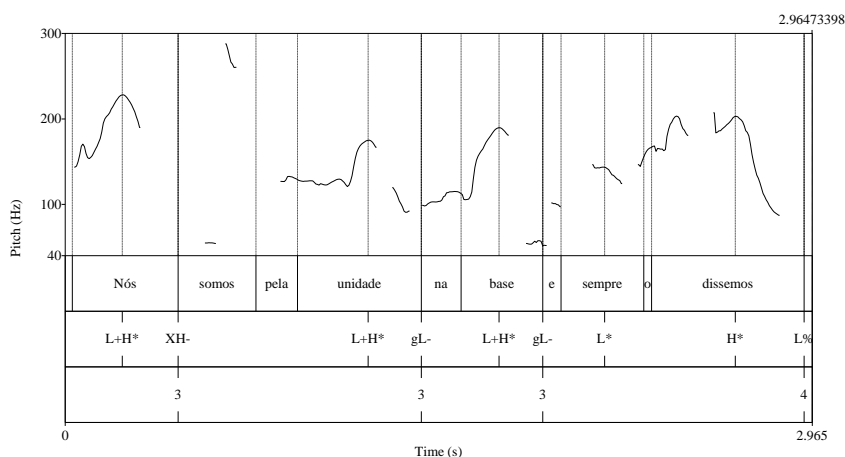
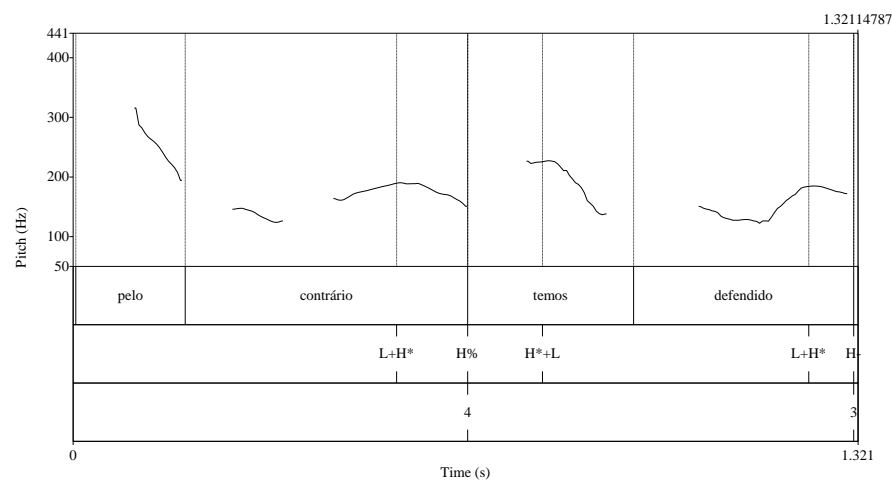
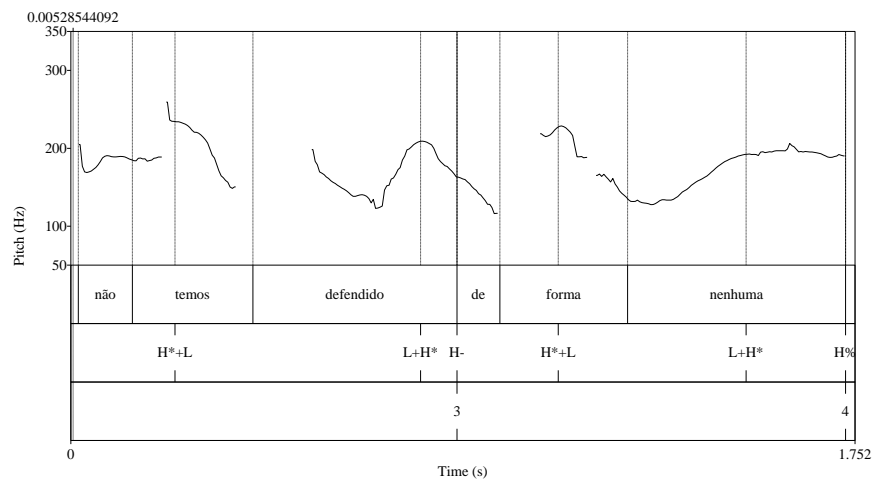
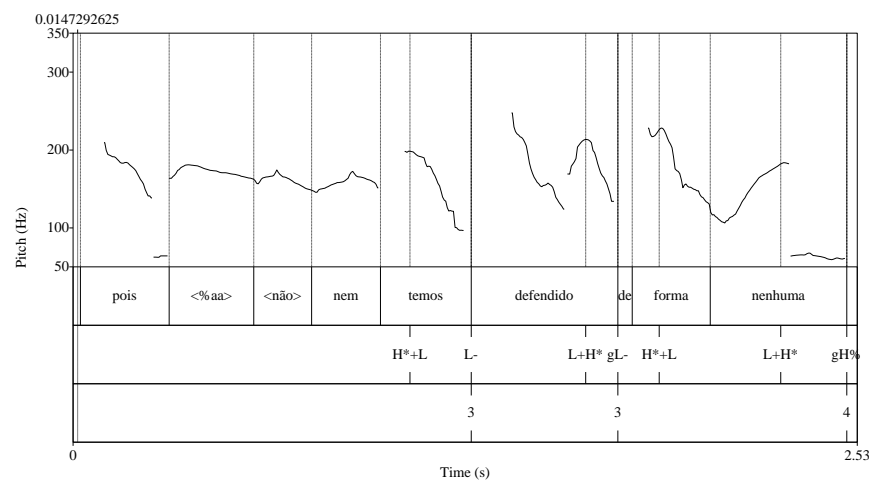
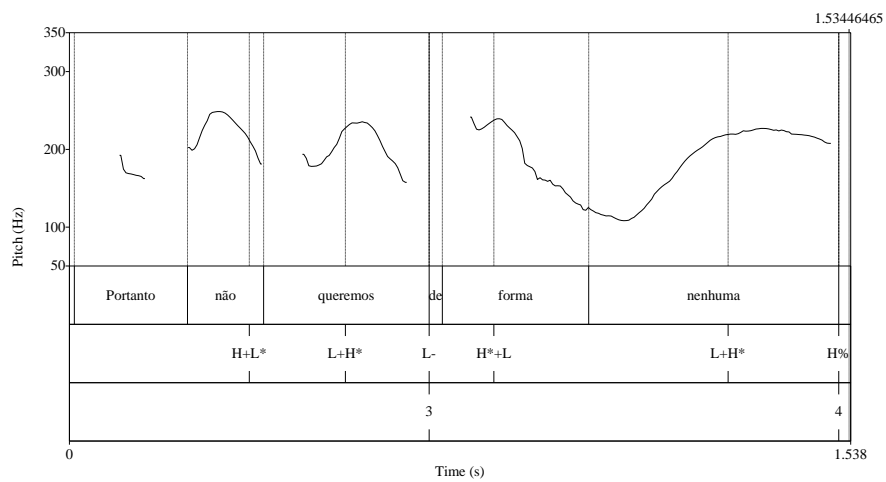


Figura 5: Sintagmas entoacionais do exemplo (17) que apresentam paralelismo entoacional entre constituintes prosódicos contíguos.

No exemplo (17), a cópia tonal é realizada ao nível do acento nuclear, sendo fundamental, neste caso, o facto de o acento tonal ser ascendente.

Por outro lado, e tal como adiantado face ao fraseamento prosódico, **existe um tipo de cópia tonal que coloca em evidência a interface entre sintaxe-prosódia, já que diz respeito a constituintes com a mesma função sintáctica** a que se encontram associados contornos entoacionais ou acentos tonais idênticos (cf. exemplo (18), que retoma o (13)).

(18) Portanto, não queremos [H+L* L+H* L-], / de forma nenhuma [H*+L L+H* H%], // # pois <%aa> <não> nem temos [H*+L L-] / defendido, [L+H* gL-] / de forma nenhuma, [H*+L L+H* gH%] // # a instauração dum regime [H* L+H* !H%] // <%a> unipartidário; [H* L+H* !H%] // # não temos defendido, H*+L L+H* H- / de forma nenhuma, [H*+L L+H* H%] // # a instauração dum regime [H* L+H* H-] / sem liberdade de imprensa, [H* L+H* H%] // pelo contrário, [L+H* H%] // temos defendido [H*+L L+H* H-] / a mais ampla [L+H* L-] / liberdade de imprensa [H* L+H* H%] // (...). (f2_AC_125).



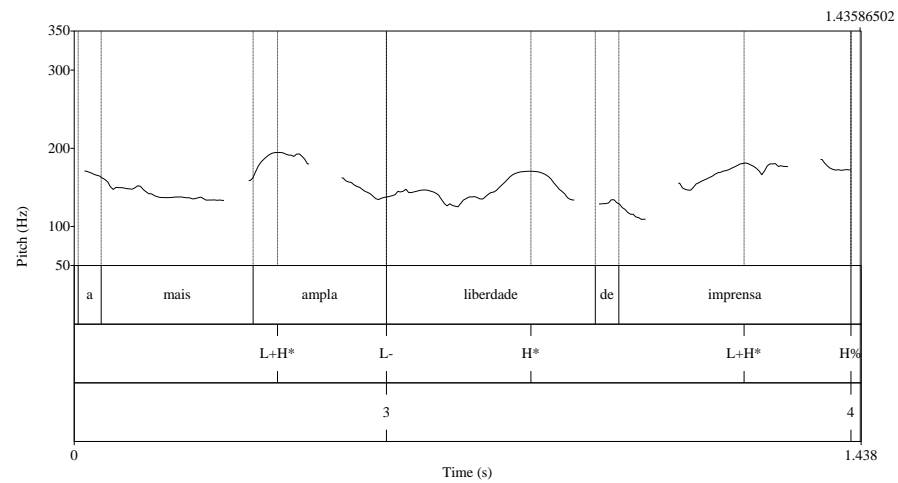
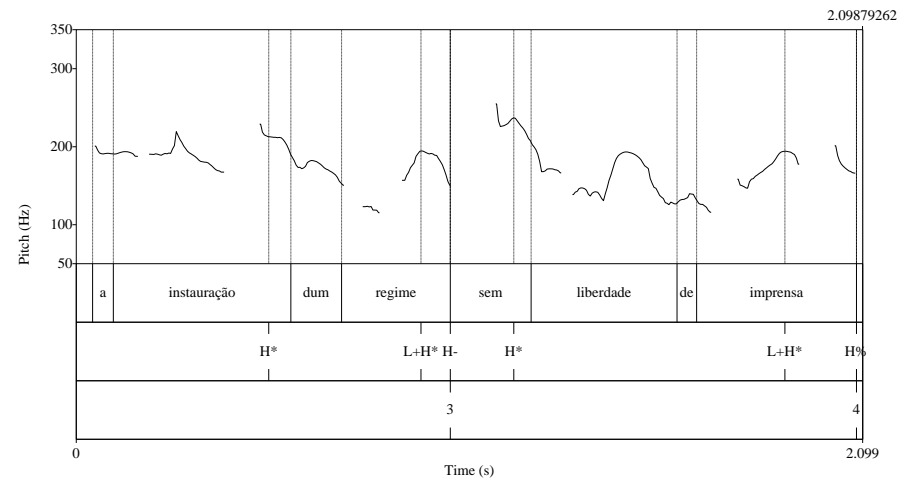
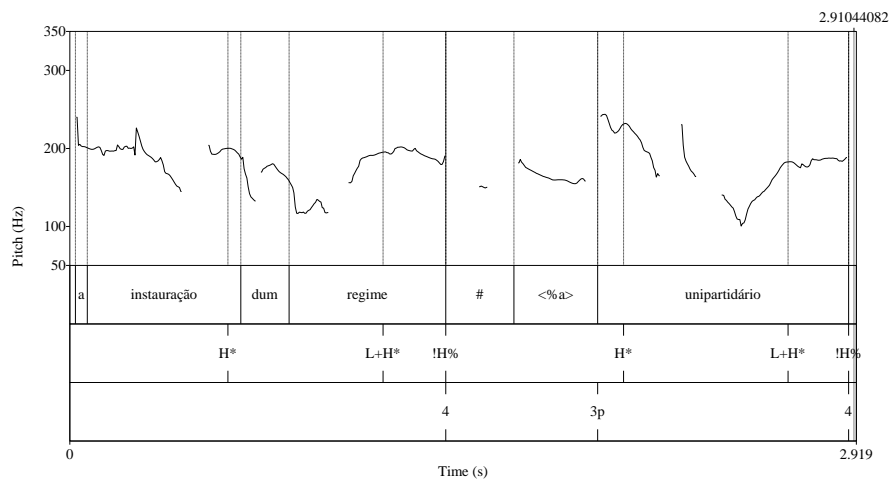


Figura 6: Exemplo (18), ilustrativo de paralelismo entoacional entre contornos entoacionais associados a constituintes com a mesma função sintáctica.

Em relação ao exemplo (18), é de notar que os sintagmas entoacionais em que se incluem os verbos (“Portanto, não queremos”, “pois <%aa> <não> nem temos defendido”, “não temos defendido”, “temos defendido”) apresentam cópia tonal e contornos de f_0 semelhantes. O mesmo se pode dizer tanto para os sintagmas entoacionais formados pelo modificador preposicional “de forma nenhuma” e pelo conector preposicional “pelo contrário”, como para os sintagmas entoacionais correspondentes aos constituintes sintácticos com a função de objecto directo nas orações que constituem os membros paralelísticos.

Adicionalmente, refira-se que a cópia tonal pode ser assegurada de diferentes formas, podendo (i) abarcar todo o contorno entoacional; (ii) ter como ponto-chave o acento nuclear ou (iii) ser garantida através do *target* (alto ou baixo) alinhado com a sílaba acentuada em posição nuclear. O facto de a percepção de paralelismo entoacional poder estar associada a diferentes formas de realização tonal vai ao encontro do defendido por Wichmann (2000), que considera que, para além da categoria fonológica, a realização fonética pode ser determinante na percepção de paralelismo entoacional. Retome-se, a título ilustrativo, o exemplo (17), em que o acento nuclear L+H* não é repetido no sintagma entoacional formado por “e sempre o dissemos”, sendo este, ainda assim, perceptivamente semelhante aos sintagmas que o antecedem por apresentar também um contorno marcado por um movimento ascendente (L* H*) e um acento nuclear com um *target* alto (H*).

Por último, saliente-se que, na realização prosódica de paralelismo por contraste, **foram igualmente detectadas estratégias de contraste**. Neste caso, estão em jogo, crucialmente, as relações entre a estrutura prosódica, a estrutura sintáctica e a estrutura proposicional dos enunciados. Assim, assinale-se **a associação de diferentes acentos tonais ou contornos entoacionais a constituintes prosódicos que veiculam as proposições cujo valor de verdade é contrastado nas estruturas de paralelismo**. Esta estratégia pode traduzir-se, por exemplo, na produção de acentos tonais com movimentos de f_0 distintos (*e.g.*, movimentos ascendentes e descendentes), em mudanças ao nível do alinhamento do *target* (alto ou baixo) com a sílaba acentuada ou na alteração da amplitude do movimento de f_0 . Veja-se, a este propósito, o exemplo (19), que recupera o exemplo (14), no qual se pode observar que os sintagmas entoacionais formados por “constituiu-se” e por “tem condições” apresentam acentos nucleares ascendentes, ao passo que os sintagmas entoacionais associados a contraste (constituídos por “não tem” e “é”) apresentam acentos nucleares descendentes.

(19) O Governo / constituiu-se, [L+H* gH%] // # o Governo / tem condições [H* L+H* XH%] // # para marchar, // # este Governo, // # a meu ver, // # não tem [L+H* H+L* XL-] / alternativa de esquerda, // # é= [H*+L XL%] // # um governo / de esquerda // (...). (f1_MS_6).

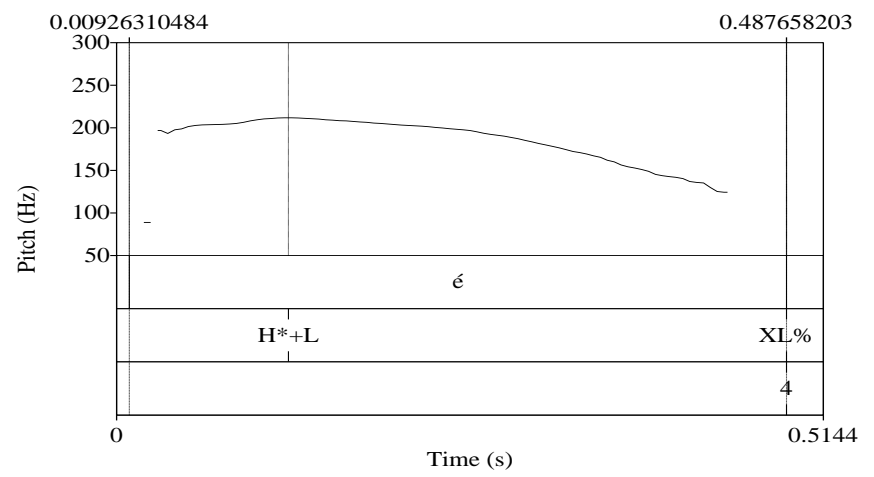
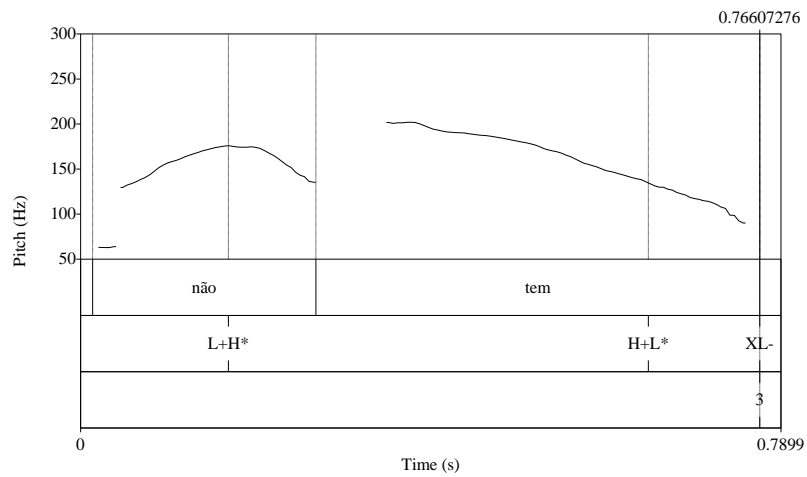
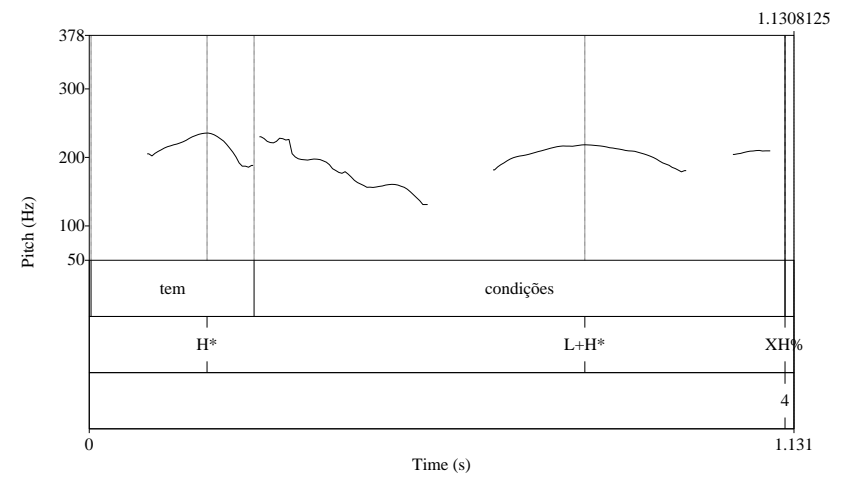
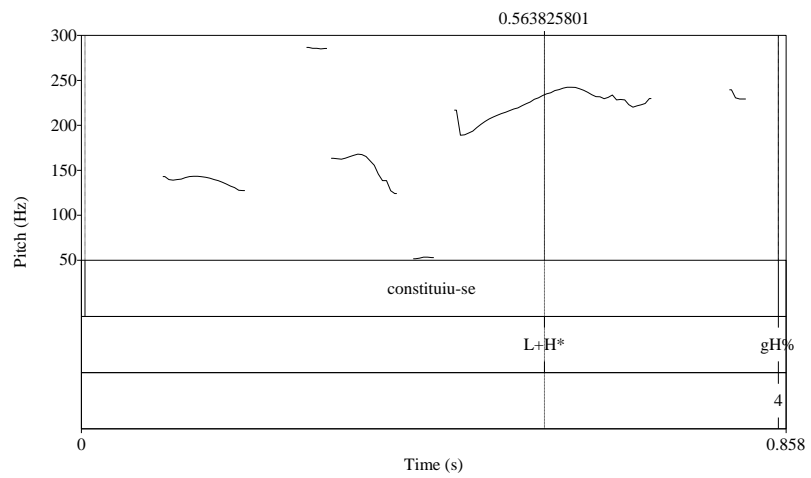


Figura 7: Sintagmas entoacionais do exemplo (19) que mostram o uso de estratégias de contraste entoacional associado a estruturas de paralelismo por contraste.

Em conclusão

O presente trabalho centrou-se no estudo de estruturas de paralelismo, enquanto mecanismo de coesão. A partir da identificação deste tipo de estruturas no debate político que opôs Álvaro Cunhal e Mário Soares em 1975, destacou-se um subtipo de estruturas de paralelismo de construção, o paralelismo por contraste. Atendendo ao facto de estas estruturas envolverem questões de natureza sintáctica e prosódica, o principal objectivo deste estudo foi analisar estas estruturas numa perspectiva de interface sintaxe-prosódica, com o intuito de contribuir para a compreensão da relevância do paralelismo por contraste no contexto do discurso argumentativo em PE.

A análise aqui desenvolvida possibilitou que se explorassem algumas questões relativas à realização de paralelismo e à marcação prosódica de contraste. Assim, os dados aqui analisados permitiram demonstrar que o paralelismo por contraste está associado a características prosódicas particulares. Com efeito, constatou-se que os correlatos fonéticos desempenham um papel determinante na marcação do paralelismo por contraste, destacando-se, neste contexto, os resultados obtidos para as medidas locais e globais de f_0 . Por outro lado, os dados apontam para a possibilidade da existência de relações preferenciais no que respeita aos acentos tonais associados a estruturas de paralelismo por contraste, sendo de salientar a presença de acentos tonais que, na literatura, têm sido relacionados com a veiculação de informação nova, contraste e ênfase, como é o caso de H^* , $L+H^*$, $^{\wedge}H^*$ e $L+^{\wedge}H^*$ (Pierrehumbert & Hirschberg, 1990; Viana *et al.*, 2007). Deste modo, é possível traçar uma linha de continuidade entre o presente estudo e outros que discutem a natureza gradiente da realização prosódica de estruturas que veiculam o valor semântico--discursivo de contraste (Braun & Ladd, 2003; Braun, 2004, 2006; Borràs-Comes, Vanrell & Prieto, 2010; Torregrossa, 2012).

Paralelamente, os resultados obtidos face aos correlatos fonéticos analisados permitiram defender que as estruturas de paralelismo por contraste têm um papel vital na produção de um discurso argumentativo coeso e coerente, contribuindo, por conseguinte, para a produção de um discurso fluente e até mesmo carismático, na senda de estudos como Strangert & Gustafson (2008), Rosenberg & Hirschberg (2005, 2009) e Biadys *et al.* (2008).

Finalmente, uma análise qualitativa dos dados permitiu evidenciar que o paralelismo por contraste influencia a organização temporal e melódica dos enunciados em que é produzido. Neste sentido, foram aqui apresentadas algumas estratégias de fraseamento e de

cópia e contraste tonais que envolvem estruturas de paralelismo por contraste. Estas estratégias permitem argumentar a favor do papel crucial da interface sintaxe-prosódica no que diz respeito ao paralelismo por contraste enquanto mecanismo de coesão.

Referências Bibliográficas

- “Que Futuro para a Esquerda?”. In *Diário de Lisboa*. Edição de 8 de Novembro de 1975.
- Abelin, Åsa & Jens Allwood (2000): “Cross linguistic interpretation of emotional prosody”. In *Proceedings of the ISCA ITRW on Speech and Emotion*. Belfast: Textflow.
- Baumann, Stefan, Martine Grice & Susanne Steindamm (2006): “Prosodic marking of focus domains – categorical or gradient?”. In *Proceedings Speech Prosody 2006*, Dresden.
- Barras, Claude, Edouard Geoffrois, ZhibiaoWu & Mark Liberman (1998): “Transcriber: a Free Tool for Segmenting, Labeling and Transcribing Speech”. In *Proceedings of LREC 1998 (1st International Conference on Language Resources and Evaluation)*. European Language Resources Association: Granada.
- Beaugrande, Robert de (1980): *Text, Discourse, and Process: Toward a Multidisciplinary Science of Texts*. In <http://www.beaugrande.com/>.
- Beckman, Mary, Julia Hirschberg & Stefanie Shattuck-Hufnagel (2005): “The Original ToBI System and the Evolution of the ToBI Framework”. In Sun-Ah Jun (ed.) *Prosodic Typology. The Phonology of Intonation and Phrasing*. Oxford: Oxford University Press.
- Biadys, Fadi, Andrew Rosenberg, Rolf Carlson, Julia Hirschberg & Eva Strangert (2008): “A Cross-Cultural Comparison of American, Palestinian, and Swedish Perception of Charismatic Speech”. In *Proceedings Speech Prosody 2008*, Campinas.
- Bligh, Michelle C., & Jeffrey C. Kohles (2009): “The Enduring Allure of Charisma: How Barack Obama Won the Historic 2008 Presidential Election”. In *The Leadership Quarterly* 20.
- Boersma, Paul & David Weenink (2009): *Praat: doing phonetics by computer*. In <http://www.praat.org/>.
- Bolinger, Dwight (1989): *Intonation and its Uses*. Londres: Edward Arnold.
- Borràs-Comes, Joan, Maria del Mar Vanrell & Pilar Prieto (2010): “The role of pitch range in establishing intonational contrasts in Catalan”. In *Proceedings Speech Prosody 2010*, Chicago.
- Braga, Daniela & Maria Aldina Marques (2004): “The pragmatics of prosodic features in the political debate”. In *Proceedings Speech Prosody 2004*, Nara.
- Braun, Bettina (2004): “Answers to the perception of thematic contrast and questions regarding the perception of thematic ‘non-contrast’”. In *Proceedings Eurospeech*, Nara.
- Braun, Bettina (2006): “Phonetics and phonology of thematic contrast in German”. In *Language and Speech* 49 (4).

- Braun, Bettina & D. Robert Laad (2003): "Prosodic correlates of contrastive and non-contrastive themes in German". In *Proceedings Eurospeech*, Geneva.
- Brumfit, Christopher (1984): "Accuracy and fluency: The basic polarity". In Heidi Riggensbach (ed.) (2000) *Perspectives on Fluency*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press.
- Büring, Daniel (2003): "On D-Trees, Beans, and B-Accents". In *Linguistics & Philosophy* 26 (5).
- Büring, Daniel (2007): "Semantics, Intonation and Information Structure". In Gillian Ramchand & Charles Reiss (eds) *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*. Oxford: Oxford University Press.
- Carter, Ronald (2004): *Language and Creativity. The Art of Common Talk*. London: Routledge.
- Cohan, Jocelyn (2002): "Reconsidering identificational focus". In Abraham Werner & C. Jan-Wouter Zwart (eds.) *Issues in Formal German(ic) Typology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Cohen, Antonie, & Johan 't Hart (1967): "On the anatomy of intonation". In *Lingua* 19.
- Crystal, David (1969): *Prosodic Systems and Intonation in English*. Cambridge: Cambridge University Press.
- van Dijk, Teun A. (1977): *Text and Context. Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse*. Londres: Longman.
- Dolz, Joaquim & Bernard Schneuwly (1998): *Pour un Enseignement de l'Oral: Initiation aux Genres Formels à l'École*. Paris: ESF.
- Duarte, Inês (1987): *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Duarte, Inês (2003): "Aspectos linguísticos da organização textual". In Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria, Sónia Frota, Gabriela Matos, Fátima Oliveira, Marina Vigário & Alina Villalva (orgs.): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 5.^a edição.
- Falé, Isabel (2005): *Percepção e Reconhecimento da Informação Entoacional em Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Féry, Caroline (2007): "The Fallacy of Invariant Phonological Correlates of Information Structural Notions". In Caroline Féry, Gisbert Fanselow & Manfred Krifka (eds.) *The Notions of Information Structure*. Potsdam: Universitätsverlag Potsdam.

- Féry, Caroline & Manfred Krifka (2008): "Information structure. Notional distinctions, ways of expression". In Piet van Sterkenburg (ed.) *Unity and diversity of languages*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Ferreira, M. Rosário (1995): "Paralelismo". In José Augusto Cardoso Bernardes *et al.* (dir.) *Biblos: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, volume III. Lisboa: Verbo.
- Fillmore, Charles (1979): "On Fluency". In Heidi Riggensbach (ed.) (2000) *Perspectives on Fluency*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press.
- Fox, Anthony (1984): "Subordinating and Co-ordinating Intonation Structures in the Articulation of Discourse". In Dafydd Gibbon & Helmut Richter (eds.) *Intonation, Accent and Rhythm. Studies in Discourse Phonology*. Berlin: de Gruyter.
- Freed, Barbara F. (2000): "Is Fluency, Like Beauty, in the Eyes (and Ears) of the Beholder?". In Heidi Riggensbach (ed.) (2000) *Perspectives on Fluency*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press.
- Frota, Sónia (2000): *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing.
- Gouveia, Carlos (1996): "Pragmática". In Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte & Carlos Gouveia (orgs.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Halliday, Michael Alexander Kirkwood & Ruqaiya Hasan (1976): *Cohesion in English*. Londres: Longman.
- Hedge, T. (1993): "Key concepts in ELT: Fluency". In *ELT Journal* 47.
- Jackendoff, Ray (1972): *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press.
- Kiss, Katalin É. (1998): "Identificational focus versus information focus". In *Language* 74.
- Krifka, Manfred (2007): "Basic Notions of Information Structure". In Caroline Féry, Gisbert Fanselow & Manfred Krifka (ed.) *The Notions of Information Structure*. Potsdam: Universitätsverlag Potsdam.
- Ladd, D. Robert (2008): *Intonational Phonology*. Cambridge/Nova Iorque: Cambridge University Press, 2ª edição.
- Ladd, D. Robert & Rachel Morton (1997): "The perception of intonational emphasis: continuous or categorical?". In *JPhon* 25.
- Lausberg, Heinrich (2004): *Elementos de Retórica Literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 5.ª edição.

- Lehtonen, Jaakko, Kari Sajavaara & Anthony May (1977): *Spoken English: The Perception and Production of English on a Finnish-English Contrastive Basis*. Jyväskylä: Gummerus.
- Lehtonen, Jaakko (1978): "On the Problems of Measuring Fluency". In M. Leiwo & A. Rasanen (eds.) *AFinLA Yearbook 1978*. Publications de l'Association Finlandaise de Linguistique Appliquée (AFinLA) 23. Jyväskylä: AFinLA.
- Lennon, Paul (2000): "The Lexical Element in Spoken Second Language Fluency". In Heidi Riggenbach (ed.) (2000) *Perspectives on Fluency*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press.
- Mata, Ana Isabel (1999): *Para o Estudo da Entoação em Fala Espontânea e Preparada no Português Europeu: Metodologia, Resultados e Implicações Didáticas*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Moniz, Helena (2006): *Contributo para a caracterização dos fenómenos de (dis)fluência em português europeu*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Moniz, Helena, Ana Isabel Mata & Isabel Trancoso (2011): "A classificação das disfluências como mecanismos de (dis)fluência e os seus contextos prosódicos". In *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da APL*. Porto, APL.
- Moniz, Helena, Isabel Trancoso, & Ana Isabel Mata (2010) "Disfluencies and the perspective of prosodic fluency". In Anna Esposito, Nick Campbell, Carl Vogel, Amir Hussain, Anton Nijolt (eds.) *Development of Multimodal Interfaces: Active Listening and Synchrony*. Second COST 2102 International Training School, Dublin, Ireland, March 23-27, 2009, Revised Selected Papers. Berlin: Springer.
- Nolan, Francis (2003): "Intonational equivalence: an experimental evaluation of pitch scales". In *Proceedings of the 15th International Congress of Phonetic Sciences*. Casual Productions: Barcelona.
- Oliveira, Fátima (1996): "Semântica". In Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte & Carlos Gouveia (orgs.): *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Palmer, Harold E. (1922): *English Intonation, with Systematic Exercises*. Cambridge: W. Heffer & Sons Ltd.
- Partee, Barbara H. (1999): "Focus, quantification, and semantics-pragmatics issues". In Peter Bosch & Rob van der Sandt (eds.) *Focus: Linguistic, Cognitive, and Computational Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Pierrehumbert, Janet (1980): *The Phonology and Phonetics of English Intonation*. Dissertação de Doutoramento. Cambridge, MA: MIT. Publ. Indiana University Linguistic Club.
- Pierrehumbert, Janet & Julia Hirschberg (1990): "The meaning of intonational contours in the interpretation of discourse". In Philip R. Cohen *et alii* (eds.) *Intentions in communication*. Cambridge: MIT Press.
- Potts, John (2009): *A History of Charisma*. Palgrave Macmillan.
- Reinhart, Tanya (1982): "Pragmatics and linguistics: An analysis of sentence topics". In *Philosophica* 27 (Special Issue on Pragmatic Theory).
- Riggenbach, Heidi (2001): "Hesitation Phenomena in Second-Language Fluency". In Ann Wennerstrom (ed.) *The Music of Everyday Speech. Prosody and Discourse Analysis*. Oxford: Oxford University Press.
- Rooth, Mats (1985): *Association with Focus*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Massachusetts.
- Rooth, Mats (1992): "A theory of focus interpretation". In *Natural Language Semantics* 1.
- Rosenberg, Andrew & Julia Hirschberg (2005): Acoustic/Prosodic and Lexical Correlates of Charismatic Speech. In *EUROSPEECH'05*, Lisboa.
- Rosenberg, Andrew & Julia Hirschberg (2009): "Charisma Perception from Text and Speech". In *Speech Communication* 51 (7).
- Segalowitz, Norman (2000): "Automacity and Attentional Skill in Fluent Performance". In Heidi Riggenbach (ed.) *Perspectives on Fluency*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press.
- Sena, Nilza Mouzinho de (2002): *A Interpretação Política do Debate Televisivo 1974/1999*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Seyranian, Viviane & Michelle Bligh (2008): "Presidential Charismatic Leadership: Exploring the Rhetoric of Social Change". In *The Leadership Quarterly* 19 (1).
- Silverman, Kim, Mary Beckam, John Pitrelli, Mari Ostendorf, Colin Wightman, Patti Price, Janet Pierrehumbert & Julia Hirschberg (1992): "ToBI: a standard for labeling English prosody". In *Proceedings ICSLP*, Banff, vol. 2.
- Stalnaker, Robert (1978): "Assertion". In Peter Cole (org.) *Syntax and Semantics. 9. Pragmatics*. New York: Academic Press.
- Steedman, Mark (2000): "Information structure and the syntax-phonology interface". In *Linguistic Inquiry* 31 (4).
- Strangert, Eva (2007): "What makes a good speaker? Subjective ratings and acoustic measurements". In *FONETIK 2007: Speech, Music and Hearing, Quarterly Progress and*

- Status Report, TMH-QPSR*. vol. 50: Department of Speech, Music and Hearing, KTH, Stockholm.
- Strangert, Eva & Joakim Gustafson (2008): "What makes a good speaker? subject ratings, acoustic measurements and perceptual evaluations". In *INTERSPEECH-2008*, Brisbane.
- Strawson, Peter Frederick (1964): "Identifying reference and truth values. In *Theoria* 30.
- Swerts, Marc (1994): *Prosodic Features of Discourse Units*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Eindhoven.
- Torregrossa, Jacopo (2012): "The linguistic encoding of contrast". Comunicação apresentada no 38th Incontro di Grammatica Generativa, Verona.
- Trancoso, Isabel, Rui Martins, Helena Moniz, Ana Isabel Mata & Maria do Céu Viana (2008): "The Lectra Corpus - Classroom Lecture Transcriptions in European Portuguese". In *Proceedings of LREC 2008 (6th International Conference on Language Resources and Evaluation)*. European Language Resources Association: Marraquesh.
- Truckenbrodt, Hubert (1999): "On the relation between syntactic phrases and phonological phrases". In *Linguistic Inquiry* 30.
- Vallduví, Eric (1992): *The Informational Component*. New York: Garland.
- Viana, Maria do Céu (1987): *Para a síntese da entoação do Português*. Dissertação da Carreira de Investigação, Universidade de Lisboa.
- Viana, Maria do Céu, Ana Isabel Mata & Isabel Mascarenhas (1999): *Relatório de Transcrição Prosódica do Corpus CORAL (Corpus de Diálogo Etiquetado)*. Relatório Técnico do Projecto CORAL (Corpus de Diálogo Etiquetado), FCT (PRAXIS-2/2.1/CSH/795/95), Consórcio INESC, CLUL, FLUL e FCSH/UNL.
- Viana, Maria do Céu, Sónia Frota, Isabel Falé, Flaviane Fernandes, Isabel Mascarenhas, Ana Isabel Mata, Helena Moniz & Marina Vigário (2007): "Towards a P_ToBI". In <http://www.ling.ohio-state.edu/~tobi/>.
- Weber, Max (1964): *Theory of Social and Economic Organization*. Macmillan USA.
- Wennerstrom, Ann (2000): "The role of intonation in second language fluency". In Heidi Riggensbach (ed.) *Perspectives on Fluency*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press.
- Wichmann, Anne (2000): *Intonation in Text and Discourse: Beginnings, Middles and Ends*. Londres: Longman/Pearson Education.

ANEXOS

Anexo 1: Estruturas de Paralelismo por Contraste Seleccionadas para Análise

Interveniente	Ficheiro	Transcrição	Número de Constituintes Prosódicos	Duração (Segundos)
Álvaro Cunhal	f1_AC_26	<i><%aa> No que respeita à composição do Governo, # ainda hoje estamos à espera que sejam cumpridos os acordos, tinha sido acordado, por exemplo, que ficasse um secretário de Estado comunista na Indústria, não ficou; # tinha depois <%aa> ficado <que se fica> <%aa> decidido que ficaria um secretário de Estado <%a> comunista no Comércio Externo, não ficou; # depois foi visto que ficava no Turismo, não ficou.</i>	14	18,352
Álvaro Cunhal	f1_AC_34	<i>Agora, o Partido Comunista o que não fica é no Governo para caucionar uma viragem à direita, isso é evidente que não fica. # O Partido Comunista não fica no Governo para apoiar medidas antidemocráticas, antipopulares, não fica. # O Partido Comunista está no Governo enquanto considerar # que, na verdade, é útil a sua presença</i>	19	15,443
Álvaro Cunhal	f1_AC_36	<i>Mas a conjuntura já se modificou, a conjuntura de hoje já não é a conjuntura # <que> que existia na altura da formação do Sexto Governo e, a nosso ver, # a única alternativa, a alternativa democrática, a alternativa que interessa à Revolução, para o Sexto Governo, é uma alternativa de esquerda, # é uma alternativa à esquerda, de nenhuma forma uma alternativa à direita,</i>	18	17,308
Álvaro Cunhal	f1_AC_51	<i>É evidente que nós queremos eleições, mas não queremos essas eleições.</i>	3	3,201
Álvaro Cunhal	f1_AC_52	<i>Mas, dizia eu, que quanto a eleições, # nós queremos eleições e queremos sufrágio universal, # mas queremos, em primeiro lugar, restabelecer as liberdades em todo o território nacional.</i>	7	9,057
Álvaro Cunhal	f1_AC_65	<i>Isto para dizer # que no que respeita, enfim, à= responsabilidade histórica, o Partido Socialista tem, neste momento, uma grande responsabilidade histórica. # E a responsabilidade histórica é esta: ou vai com as forças progressistas, # com as forças da esquerda, # com as forças da Revolução, e ainda está a tempo de ir, # e então pode haver o tal bloco social e político que permita o encaminhar a Revolução para uma grande maioria, enfim, do nosso povo # ou, na verdade, continua a sua aliança com a direita, # com forças da reacção como o PPD, # com <%a> alianças, digamos, contra natura # com o CDS, # na prática, ainda que depois diga que não está de acordo com a presença nas mesmas iniciativas</i>	29	33,713

Álvaro Cunhal	f2_AC_122	<i><%aa> Essa é que é, de facto, a grande divergência, # é que nós queremos liberdades e queremos socialismo, # mas o Partido Socialista quer liberdades, mas socialismo é que não quer.</i>	9	9,350
Álvaro Cunhal	f2_AC_125	<i>Portanto, não queremos, de forma nenhuma, # pois <%aa> <não> nem temos defendido, de forma nenhuma, # a instauração dum regime <%a> unipartidário; # não temos defendido, de forma nenhuma, # a instauração dum regime sem liberdade de imprensa, pelo contrário, temos defendido a mais ampla liberdade de imprensa (...).</i>	16	14,984
Álvaro Cunhal	f2_AC_162	<i>Nós defendemos # a ordem democrática # e= pensamos que é necessária= # a autoridade. # Mas <%aa> a ordem é democrática # e a autoridade deve ser uma autoridade que corresponda às exigências da própria revolução em curso.</i>	14	22,059
Álvaro Cunhal	f4_AC_306	<i>nós pensamos que, na verdade, há que definir um estatuto, # mas que esse estatuto # é necessário defini-lo # com os próprios trabalhadores, # que não é por medidas administrativas, # não é por medidas repressivas, # não é por pequenos golpes de Estado ou= processos conspiratórios que se usam às vezes # em certas pequenas assembleias em que um grupo minoritário consegue fazer uma assembleia relâmpago, # consegue às quatro horas da manhã, quando os outros abandonam # a assembleia, fazer a votação que depois é apresentada como votação</i>	23	23,335
Álvaro Cunhal	f5_AC_392	<i>Se os socialistas assim o compreenderem, # podem dar uma contribuição muito positiva # para a construção de um novo Portugal. # Se não o compreenderem, podem-se tornar presa # das forças reaccionárias # e caírem, no fim de contas, numa política que não favorece nem a defesa das liberdades # e muito menos # a construção do socialismo no nosso País.</i>	13	16,487
Mário Soares	f1_MS_6	<i>O Governo constituiu-se, # o Governo tem condições # para marchar, # este Governo, # a meu ver, # não tem alternativa de esquerda, # é= # um governo de esquerda, # constituído= # em volta dum homem # que merece o respeito de todos os portugueses, # que= está ligado # ao processo # revolucionário desde o seu início, pertenceu à Junta de Salvação Nacional, # que é um militar altamente prestigiado # e que está disposto, # em circunstâncias extremamente difíceis, # em, como ele disse, # pôr a casa em ordem # e resolver a crise.</i>	32	48,768
Mário Soares	f1_MS_79	<i>Ora, o Partido Socialista já escolheu o seu campo desde sempre. O Partido Socialista é um partido de esquerda, # quer instaurar em Portugal # <uma> uma sociedade socialista, # portanto, uma sociedade sem classes, mas em liberdade, # mas</i>	26	26,488

		<i>respeitando os direitos do homem, mas através da democracia e do consenso popular majoritário, # não fará uma revolução, # nem irá para <um sa> um socialismo que # transforme este País numa ditadura.</i>		
Mário Soares	f1_MS_268	<i>Nós somos pela unidade na base e sempre o dissemos, # mas não pela unidade imposta # pelo Estado, # não os sindicatos transformados em correias de transmissão do Partido Comunista.</i>	11	10,956
Mário Soares	f3_MS_272	<i>É contra esse tipo de capitalismo de estado que nós somos contra, # porque nós somos a favor do socialismo, # e já iremos a isso, # do socialismo autêntico, mas não do socialismo da miséria. # Nós queremos um socialismo # para # melhorar a condição de vida <da> das classes trabalhadoras e um socialismo em liberdade.</i>	17	17,026
Mário Soares	f3_MS_275	<i>Nós entendemos que sem informação livre # não há # democracia # <%ee> # e sem= democracia não há socialismo. # Há uma caricatura de socialismo.</i>	16	13,077
Mário Soares	f4_MS_326	<i>Este País que é Portugal # tem uma história, # que tem um povo, # que tem valores, # que tem # <um um um> uma civilização # que nós temos que defender e que temos que adaptar # <à à> à idiossincrasia do próprio povo ao qual nós pertencemos # e, portanto, # não temos # que # oprimir esse povo, não temos que o meter dentro dos nossos esquemas mentais, # temos que o aceitar como ele é, # temos que desenvolver # o povo português.</i>	28	26,529
Mário Soares	f4_MS_372	<i>Se o Partido Comunista # vier um dia # rectificar as suas posições, # tendo verificado # que não pode aqui em Portugal, # por razões # internas, # em primeiro lugar, # porque o povo português o não acompanha # nesse seu desejo # de impor uma ditadura comunista, # se o Partido Comunista # renunciar, portanto, à sua teoria golpista e vanguardista, # se aceitar # o respeito e as regras da democracia, # estão criadas as condições # para nós # trabalharmos # em # unidade. # Se o não fizer, # e enquanto o não fizer, # e até agora temos que reconhecer # que o não tem feito, # nós não nos podemos aliar # ao Partido # Comunista,</i>	48	50,543

Tabela 13: Estruturas de paralelismo por contraste seleccionadas para análise.

Anexo 2: Itens de Controlo Seleccionados para Análise

Interveniente	Ficheiro	Transcrição	Números de Constituintes Prosódicos	Duração (Segundos)
Álvaro Cunhal	f1_AC_controlo1	<i>Bom, naturalmente que é fácil= fazer juízo da força dos outros quando não se conhece.</i>	5	4,124
Álvaro Cunhal	f2_AC_controlo2	<i>Aqui assim, pois neste= frente-a-frente # <%aa> estão representantes de partidos políticos.</i>	6	4,817
Álvaro Cunhal	f2_AC_controlo3	<i>Um dos méritos da Revolução Portuguesa, pois, <%aa> foi a política de descolonização.</i>	6	4,255
Álvaro Cunhal	f3_AC_controlo4	<i>Naturalmente que=, como se diz, nós conhecemos toda a campanha que se fez em torno do caso República.</i>	8	4,612
Álvaro Cunhal	f3_AC_controlo5	<i>Quanto aos saneamentos, # <%aa> # <%aa o> registo com bastante agrado que sei que é tempo de terminar com os saneamentos.</i>	7	7,127
Álvaro Cunhal	f5_AC_controlo6	<i>Aqui trata-se <da políc-> da política que os socialistas possam ou não seguir.</i>	5	3,190
Álvaro Cunhal	f2_AC_controlo7	<i>Quanto ao MFA, # nós pensamos que é uma realidade diferente das Forças Armadas no seu conjunto.</i>	6	5,897
Mário Soares	f1_MS_controlo1	<i>Ora, senhor doutor Cunhal, aqui temos um ponto # em que # <podará> # <%a> poderemos chegar a algum acordo.</i>	9	7,839
Mário Soares	f2_MS_controlo2	<i>Podemos dizer que, desde o início, # quem iniciou a descolonização # <%a> foi o Partido Socialista.</i>	8	7,504
Mário Soares	f2_MS_controlo3	<i>(...) <%a> [P]orventura # há interesses internacionais em presença.</i>	4	4,046
Mário Soares	f3_MS_controlo4	<i>Simplemente, eu não estou de acordo com essa classificação.</i>	3	2,430
Mário Soares	f3_MS_controlo5	<i>E esta # é uma divergência de fundo que existe entre nós.</i>	4	2,568
Mário Soares	f3_MS_controlo6	<i><%e> Evidentemente, # isto não se pode manter em órgãos estatizados.</i>	4	3,507
Mário Soares	f4_MS_controlo7	<i>Eu gostaria de acompanhar o senhor doutor= Álvaro Cunhal # na defesa idílica que fez da situação.</i>	9	7,378

Tabela 14: Itens de controlo seleccionados para análise.

Anexo 3: Distribuição de Acentos Pré-nucleares por Interveniente e Tipo de Constituinte

		H*	^H*	L+H*	L+^H*	H*+L	^H*+L	H+L*	L*	N (%)
Álvaro Cunhal	Constituintes-alvo	27	3	3	4	10	-	16	5	68 (68)
	Constituintes de Contexto	6	-	8	3	1	-	5	2	25 (25)
	Constituintes de Controlo	2	-	-	-	1	-	3	1	7 (7)
	N (%)	35 (35)	3 (3)	11 (11)	7 (7)	12 (12)	- (-)	24 (24)	8(8)	100 (100)

Tabela 15: Distribuição de acentos pré-nucleares por tipo de constituinte – dados de Álvaro Cunhal.

		H*	^H*	L+H*	L+^H*	H*+L	^H*+L	H+L*	L*	N (%)
Mário Soares	Constituintes-alvo	17	6	8	1	2	-	5	3	42 (58,3)
	Constituintes de Contexto	11	1	2	4	-	2	5	1	26 (36,1)
	Constituintes de Controlo	1	-	-	-	-	-	1	2	4 (5,6)
	N (%)	29 (40,3)	7 (9,7)	10 (13,9)	5 (6,9)	2 (2,8)	2 (2,8)	11 (15,3)	6 (8,3)	72 (100)

Tabela 16: Distribuição de acentos pré-nucleares por tipo de constituinte – dados de Mário Soares.

Anexo 4: Distribuição de Acentos Nucleares por Interveniente e Tipo de Constituinte

		H*	^H*	L+H*	L+^H*	H*+L	^H*+L	!H*	L*+H	H+L*	L*	N (%)
Álvaro Cunhal	Constituintes-alvo	22	4	40	9	4	3	3	-	22	8	115 (57,8)
	Constituintes de Contexto	10	2	16	2	3	-	1	-	10	2	46 (23,1)
	Constituintes de Controlo	13	-	11	-	3	-	-	-	7	4	38 (19,1)
	N (%)	45 (22,6)	6 (3)	67 (33,7)	11 (5,5)	10 (5)	3 (1,5)	4 (2)	- (-)	39 (19,6)	14 (7)	199 (100)

Tabela 17: Distribuição de acentos nucleares por tipo de constituinte – dados de Álvaro Cunhal.

		H*	^H*	L+H*	L+^H*	H*+L	^H*+L	!H*	L*+H	H+L*	L*	N (%)
Mário Soares	Constituintes-alvo	20	2	32	7	8	-	2	1	26	18	116 (56,3)
	Constituintes de Contexto	9	1	14	1	7	1	-	-	15	5	53 (25,7)
	Constituintes de Controlo	7	-	7	-	2	-	-	-	10	11	37 (18)
	N (%)	36 (17,5)	3 (1,5)	53 (25,7)	8 (3,9)	17 (8,3)	1 (0,5)	2 (1)	1 (0,5)	51 (24,8)	34 (16,5)	206 (100)

Tabela 18: Distribuição acentos nucleares por tipo de constituinte – dados de Mário Soares.

Anexo 5: Distribuição de Tons-fronteira por Interveniente e Tipo de Constituinte

		H- / H%	L- / L%	HL- / HL%	N (%)
Álvaro Cunhal	Constituintes-alvo	53	53	9	115 (57,8)
	Constituintes de Contexto	18	22	6	46 (23,1)
	Constituintes de Controlo	13	25	-	38 (19,1)
	N (%)	84 (42,2)	100 (50,3)	15 (7,5)	199 (100)

Tabela 19: Distribuição de tons-fronteira por tipo de constituinte – dados de Álvaro Cunhal.

		H- / H%	L- / L%	HL- / HL%	N (%)
Mário Soares	Constituintes-alvo	49	66	1	116 (56,3)
	Constituintes de Contexto	16	35	2	53 (25,7)
	Constituintes de Controlo	12	24	1	37 (18)
	N (%)	77 (37,4)	125 (60,7)	4 (1,9)	206 (100)

Tabela 20: Distribuição de tons-fronteira por tipo de constituinte – dados de Mário Soares.